



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

ANA LETÍCIA SANCHES SILVA

NANCY HUSTON E AS MARCAS DA INFÂNCIA: IDENTIDADE,
HISTÓRIA E LÍNGUA EM *LIGNES DE FAILLE*

São José do Rio Preto
2016

ANA LETÍCIA SANCHES SILVA

**NANCY HUSTON E AS MARCAS DA INFÂNCIA: IDENTIDADE,
HISTÓRIA E LÍNGUA EM *LIGNES DE FAILLE***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Profa. Dra. Norma Wimmer

São José do Rio Preto
2016

Silva, Ana Letícia Sanches.

Nancy Huston e as marcas da infância : identidade, história e língua em Lignes de faille / Ana Letícia Sanches Silva. -- São José do Rio Preto, 2016

136 f. : il.

Orientador: Norma Wimmer.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura canadense - Séc. XX - História e crítica. 2. Literatura e história. 3. Pós-modernismo. 4. Identidade. 5. Huston, Nancy, 1953- Lignes de failles - Crítica e interpretação. I. Wimmer, Norma. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 840(71).09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

ANA LETÍCIA SANCHES SILVA

**NANCY HUSTON E AS MARCAS DA INFÂNCIA: IDENTIDADE,
HISTÓRIA E LÍNGUA EM *LIGNES DE FAILLE***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer

UNESP – São José do Rio Preto

Orientadora

Prof. Dr. Nelson Luís Ramos

UNESP – São José do Rio Preto

Prof. Dr. Adalberto Luis Vicente

UNESP – Araraquara

São José do Rio Preto

05 de setembro de 2016

Aos meus pais, Maria Helena e Pedro

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, sabedoria e pela força que me faz capaz de lutar para realizar meus sonhos.

A minhas avós, Geni e Hilda, por serem exemplos de superação e apoio; pelo carinho, amor e bom humor que sempre me ofereceram.

À tia Clélia e Rita, pelas orações eficazes, pela ajuda e incentivos constantes.

À minha irmã, Larissa, por sempre acreditar em mim, encorajando-me nos momentos mais difíceis.

À Profa. Dra. Norma Wimmer, pela contribuição inestimável na elaboração deste trabalho, pela confiança depositada em mim, pelos encorajamentos e ensinamentos essenciais nesse complexo percurso de conhecimento, facilitado por sua orientação.

Aos professores Nelson Luís Ramos, Maria Angélica Deângeli e Adalberto Luis Vicente, pelos valiosos questionamentos e observações que colaboraram para o enriquecimento desta dissertação.

Aos professores do PPG Letras, cuja competência e ensinamentos muito contribuíram na minha formação e realização deste trabalho.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação e Biblioteca, pela atenção e disponibilidade.

Agradeço especialmente aos meus pais, à minha mãe, Maria Helena e a meu pai, Pedro, por oferecerem todo o suporte necessário para que eu conseguisse seguir em frente, demonstrando orgulho a cada pequena conquista, e me ajudando a ser quem sou hoje.

*What is your substance, whereof are you made,
That millions of strange shadows on you tend?
Since every one hath, every one, one shade,
And you, but one, can every shadow lend.*

William Shakespeare

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo o estudo do romance *Lignes de faille* (2006), de Nancy Huston, escritora anglófona que adota o francês como língua de escrita a partir do momento em que se instala de forma permanente na França. A busca de identidade e o questionamento das histórias inscritas na História, temas retratados no livro em questão, que se pode contextualizar na vária literatura chamada de pós-moderna, pretendem ser estudados a partir das visões críticas da própria autora, expressas em seus livros de ensaios *A espèce fabuladora* (2010) e *Nord perdu* (1999). Além da visão de História e identidade como ficção, apresentados por ela em *A espèce fabuladora*, assim como a inseparável questão linguística que permeia todas as discussões identitárias e que está presente em *Nord perdu*, propõe-se o aprofundamento de reflexões sobre os conceitos de metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991), visando a abordagem da História no romance; sobre o conceito de sujeito pós-moderno (HALL, 1999) para repensar as questões identitárias e, de forma geral, a problematização do conceito de entre-lugar divulgado por Bhabha (BHABHA, 1999).

PALAVRAS-CHAVE: Nancy Huston. *Lignes de faille*. Literatura e História. Identidade. Pós-modernismo.

ABSTRACT

This thesis aims to study the novel *Lignes de faille* (2006), by Nancy Huston, Anglophone writer who adopts French as her writing language from the moment she moves and settles permanently in France. The search for identity and the questioning of the stories recorded in History, foundation themes for the construction of the book, to which is proposed a post-modern reading, are intended to be studied from the author's own critical views, stated in her essay books *A espèce fabuladora* (2010) and *Nord perdu* (1999). Besides the view of History and identity as fiction, presented by her in *A espèce fabuladora*, just as well as the inseparable linguistic issue that pervades every identity discussion, introduced in *Nord perdu*, it is proposed a deepening of the reflections with the concepts of historical metafiction (HUTCHEON, 1991), to look at the concept of History used in the novel; the application of the concept of the postmodern subject (HALL, 1999) to rethink the identity issues and, in general, the problematization of the concept of in-betweenness disclosed by Bhabha (BHABHA, 1999).

KEYWORDS: Nancy Huston. *Lignes de faille*. Literature and History. Identity. Post modernism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. LIGNES DE FAILLE E AS FALHAS NA HISTÓRIA	37
1.1. História e Ficção	40
1.2. Solomon e a Guerra no Iraque	41
1.3. Randall e a Guerra do Líbano	47
1.4. Sadie e a Guerra Fria	53
1.5. Kristina e a Segunda Guerra Mundial	56
1.6. <i>Lignes de faille</i> : títulos e capas	62
2. A CONSTRUÇÃO DA FICÇÃO DO EU	65
2.1. Identidade como ficção	67
2.2. Sol, 2004	71
2.3. Randall, 1982	76
2.4. Sadie, 1962	78
2.5. Kristina, 1944-1945	81
2.6. Alguns elementos da Cultura Global	84
3. O ENTRELAÇAMENTO DE LÍNGUA E IDENTIDADE	88
3.1. Nancy Huston: vida e obra	91
3.2. <i>Lignes de faille</i>	104
4. AUTOBIOGRAFIA - AS (RE)ESCRITURAS DE SI	117
4.1. Autobiografia: o romance autobiográfico e o entre-lugar	117
4.2. <i>Lignes de faille</i> como romance com traços autobiográficos	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	132

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem de divulgação de um dos modelos do robô militar, o Talon	47
Figura 2: Capa do romance <i>Lignes de faille</i>	63
Figura 3: Capa da tradução do romance, <i>Marcas de nascença</i>	63
Figura 4: Capa do romance em língua inglesa, <i>Fault Lines</i>	64
Figura 5: Capa da reedição de <i>Lignes de faille</i>	64

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua carreira como escritora, Nancy Huston tem se preocupado com diversos temas, tanto para a criação de livros de ensaios, teatro, romances, como também literatura infantil. No entanto, um dos temas mais recorrentes e que, de certa forma, perpassa toda sua obra é aquele da identidade, eixo central para a construção do romance que nos propusemos estudar nesse trabalho. Devido à própria condição da autora como canadense, anglófona, que escolhe deixar seu país para morar na França e escrever em língua francesa, a questão identitária e, conseqüentemente, a da língua, estarão presentes desde o ponto de partida de nossa pesquisa.

O livro que analisaremos é *Lignes de faille* (2006), cuja tradução brasileira tem como título *Marcas de nascer* (2008), feita por Ilana Heineberg. *Lignes de faille* é um romance de narrativa não cronológica, desencadeada no ano de 2004, na Califórnia, com Solomon, o primeiro narrador, seguida das três gerações da mesma família numa viagem histórica até a Segunda Guerra Mundial. O livro é dividido em quatro partes; cada capítulo é narrado por uma criança de 6 anos e retrata um período conturbado da História: vemos a Guerra no Iraque, em 2004, através dos olhos de Solomon; a Guerra do Líbano e os massacres de Sabra e Chatila, em 1982, pelos de Randall, pai de Solomon; a Guerra Fria, em 1962, pelos de Sadie, mãe de Randall; e a Segunda Guerra Mundial com a Alemanha destruída no pós-guerra 1944-1945 pelos de Kristina/Erra, mãe de Sadie.

Dada a variedade de períodos históricos e lugares em que o romance se desenrola, podemos perceber que a complexidade do enredo só faz acrescentar-se aos temas que serão desenvolvidos segundo a visão de cada narrador-personagem. Por retratar os personagens em diferentes fases da vida (exceto Solomon, o primeiro narrador, que só conheceremos enquanto criança), a construção do romance oferece não apenas uma visão do passado da família, como também nos mostra diferentes perspectivas quanto aos próprios personagens e fatos históricos descritos. É por essa razão que exploraremos o romance a partir de um ponto de vista que não procura oferecer respostas para as supostas verdades presentes no texto, mas sim mostrar que o próprio livro se insere no contexto da pós-modernidade, como definido por Eagleton:

Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a idéia do progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação. Contrariando essas normas do iluminismo, vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas, em relação às idiosincrasias e coerências de identidades. (EAGLETON, 1998, p. 7).

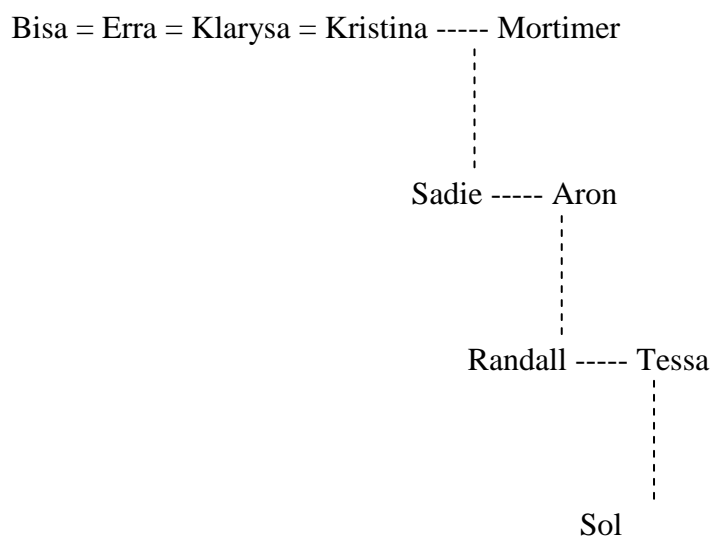
É nesse sentido que o romance é construído, através do questionamento das histórias inscritas na História e da busca de identidade, tema central do livro, marcada pelos acontecimentos da infância. Para estudar essa relação com a História, que não se dá de forma inocente ou fortuita, pretende-se pensar o romance *Lignes de faille* nos moldes da metaficção historiográfica, conceito trazido de Linda Hutcheon (1991) para caracterizar o pós-modernismo. Para a autora, assim como o pós-modernismo, a metaficção historiográfica rejeita as dicotomias tradicionais e se abre para pensar a literatura e a história como interação e, principalmente, tratar de *verdades*. A partir do momento em que se considera o passado como textualidade, pode-se tentar resgatar, num movimento crítico, aquelas histórias que foram "esquecidas" ou apagadas, e trazer novos olhares sobre fatos históricos que afetaram e ainda afetam nossa visão de mundo.

Os períodos históricos retratados em *Lignes de faille* - a Guerra do Iraque, a Guerra do Líbano e os massacres de Sabra e Chatila, a Guerra Fria e a Segunda Guerra Mundial - também são eventos marcantes para a vida dos narradores-personagens, vistos de um ponto de vista incomum: o de uma criança. No entanto, a forma como os personagens infantis são representados, sem clichês de pureza e inocência, reforça a ideia de que o romance pode ser lido como pós-moderno - enquanto contestador tanto das verdades e visões históricas, quanto das identidades estáveis e unificadas. É dessa forma que a metaficção historiográfica vem nos auxiliar nessa leitura, conforme os dizeres de Linda Hutcheon: "A História, o eu individual, a relação da linguagem com seus referentes e dos textos com outros textos - essas são algumas das noções que, em diversos momentos, pareceram "naturais" ou pareceram, de maneira não problemática, fazer parte da senso comum. E é para elas que se volta o questionamento". (HUTCHEON, 1991, p. 16).

Sobretudo os constantes deslocamentos espaciais dos personagens corroboram para essa desestabilização das identidades: Sol e a viagem a Munique para o reencontro

da bisavó Kristina com sua irmã alemã, Greta; Randall e a mudança para Haifa, em Israel, para a pesquisa de sua mãe sobre o passado de sua avó; Sadie e a mudança com a mãe para Nova York, deixando a casa de seus avós em Toronto; e Kristina que deixa a Alemanha derrotada após a Segunda Guerra Mundial, para viver com uma família ucraniana em Toronto. Todos eles passam por um momento em que precisam se ancorar em determinadas verdades para que consigam definir quem eles são e suas relações para com o mundo que os cerca.

O título do livro, *Lignes de faille*, tem como tradução literal "falha geológica". Na tradução brasileira, provavelmente por razões editoriais e pela dificuldade de tradução, leva-se em conta a marca genética que cada narrador-personagem tem em diferentes partes do corpo, mas que também é uma metáfora para as marcas que os fatos históricos deixaram em cada um, além do passado da família que eles carregam através das gerações na constituição de suas identidades. A importância dessas "falhas", desses desvios tanto espaciais quanto identitários, fica bem ilustrada logo no começo do livro, com o esboço de uma árvore genealógica que representa a família:



Para obter maior fluidez em nosso trabalho, usaremos a tradução do romance, *Marcas de nascença*, nas citações no corpo do texto, com o original em nota de rodapé. Seguindo o mesmo princípio, para as passagens sem tradução para o português, ofereceremos nossa própria tradução, sempre apresentando os originais (em inglês ou francês) em nota de rodapé.

Para que se possa compreender e aprofundar as reflexões sobre o romance, faz-se necessário um resumo panorâmico de seus quatro capítulos, o que faremos a partir de agora.

I. CAPÍTULO 1: SOL, 2004

O primeiro capítulo, narrado por Solomon, descreve as ações cotidianas dessa família norte-americana: Sol, de seis anos, Randall, seu pai, um programador de computadores de 28 anos e Tessa, sua mãe, uma dona de casa de trinta anos de idade. Desde o começo percebemos que Sol não é uma criança de seis anos comum: ele já sabe ler e acredita ser superior às outras crianças por ser "o" escolhido de Deus: "Sei que Ele tem grandes projetos para mim, senão não teria me feito nascer no estado mais rico do país mais rico do mundo, dotado do sistema de armamento mais extraordinário, capaz de aniquilar a espécie humana num piscar de olhos." (HUSTON, 2008, p. 16)¹. Suas peculiaridades envolvem não só sua pretensa superioridade, mas também a sua forma de se alimentar somente de alimentos leves que "circulam facilmente, iogurte e queijo e massa e pasta de amendoim e pão e cereais" (HUSTON, 2008, p. 16).² O único defeito que ele julga ter é sua marca de nascença, do tamanho de uma moeda de 25 centavos, na têmpora esquerda.

Enquanto está perto de outras crianças e de adultos, Solomon se comporta de forma normal, brincando e se mostrando satisfeito pela atenção que recebe de seus pais. Porém, a sua atividade favorita é praticada às escondidas: suas visitas ao computador de sua mãe, enquanto ela faz faxina ou seca os cabelos, para saber o que se passa no "mundo real". Isto inclui olhar para imagens e vídeos de mulheres sendo estupradas, ou dos soldados iraquianos mortos em seu site preferido, o websoluço. Nem mesmo a superproteção de seus pais, que fizeram a casa toda protegida para que o menino não se machucasse, nem a proibição de sua mãe para todos os tipos de filmes e desenhos que ela considerava violentos e não adequados para sua idade foram capazes de afastar Sol de toda violência e horror que estão a um clique de distância de qualquer um na internet:

¹ Je sais qu'Il a de grands desseins pour moi, sinon Il ne m'aurait pas fait naître dans l'Etat le plus riche du pays le plus riche du monde, doté du système d'armement le plus performant, capable d'anéantir l'espèce humaine en un clin d'oeil. (HUSTON, 2006, p. 17-18)

² [...] qui circulent facilement, yaourt et fromage et pâtes, beurre d'arachide et pain et céréales [...] (HUSTON, 2006, p. 16)

Eu me empanturo de Google e viro o presidente Bush e Deus ao mesmo tempo. [...] Basta baixar as imagens para ver as moças sendo estupradas pela vagina ou pelo ânus por cavalos ou cachorros ou tudo que quisermos imaginar, clique clique clique com o esperma do animal nos seus lábios sorridentes. A mamãe quase não usa o computador dela e, como ela canta enquanto passa o aspirador lá embaixo, não tem a menor chance de me ouvir clicar o mouse com a mão direita enquanto deslizo a mão esquerda entre as minhas pernas e começo a me esfregar. (HUSTON, 2008, p. 21)³.

É dessa mesma forma que os acontecimentos da Guerra do Iraque serão apresentados, com Sol descobrindo tudo de forma não censurada na internet, enquanto sua mãe se espanta com todos os acontecimentos da Guerra e seu pai acha que o comportamento do exército americano é sempre justificável, como consequências após o ataque às Torres Gêmeas.

Por se preocupar tanto com seu filho, Tess resolve se informar sobre sua marca de nascença. Em suas pesquisas, ela acaba descobrindo que há o risco de que ele desenvolva um melanoma, além de todas as implicações estéticas que um sinal no rosto pudesse ter na vida de Sol. Dessa forma, Tess e Randall acabam concordando em marcar uma intervenção cirúrgica para removê-lo. É nesse momento que conheceremos a cantora Erra, a bisavó de Sol que, ao saber da cirurgia em sua visita à família, acha desnecessário que uma criança de seis anos deva passar por isso. Acrescenta-se também o fato de ela e Randall terem uma relação especial com seus sinais, e talvez Sol também pudesse se sentir assim.

A relação de Randall com sua avó Erra também pode ser percebida como algo especial, dado à proximidade e carinho com que os dois se tratam. Em uma de suas conversas que Sol escuta às escondidas - outro hábito seu, que faz com que ele aprenda coisas que, depois, pode usar para impressionar as pessoas - percebemos como a relação de Randall com sua mãe, Sadie, e de Erra com sua filha Sadie, ao contrário, é muito mais complicada:

- Aliás, como vai a Sadie?
- Na mesma...Se é que não piorou.
- Deus me livre!
- É isso mesmo, Deus nos livre. Quanto tempo faz que vocês não se vêem?

³ Je m'empiffre de Google et deviens le président Bush et Dieu en même temps. [...] Il suffit de télécharger et on peut voir les filles se faire violer dans le vagin ou l'anus par des chevaux ou des chiens ou tout ce qu'on veut, clic clic clic avec le sperme de la bête sur leurs lèvres souriantes. Maman ne se sert pas souvent de son ordi et comme elle chante tout en passant l'aspirateur en bas, elle n'a aucune chance de m'entendre cliquer avec la souris de la main droite pendant que je glisse la main gauche entre mes jambes et commence à me frotter. (HUSTON, 2006, p. 27-28)

- Para dizer a verdade, Randall, nem sei. Deve fazer quase quinze anos... Desde que ela publicou aquele livro horroroso... Em que ano foi?
- Humm... em 90. *Nana nenê nazista*... Lembro direitinho, porque foi lançado um pouco antes da morte do papai.
- É, o livro quase me matou também!
- É esquisito, mas eles dão risadas, devem estar bebendo martíni ou gim-tônica. (HUSTON, 2008, p. 39-40)⁴.

Mesmo com Erra sendo contrária, Randall e Tessa não deixam de lado a cirurgia de Sol, que acontece no começo de julho, para ele poder estar completamente recuperado por ocasião da volta às aulas, em setembro. No entanto, ocorre uma inflamação e ele precisa ser operado novamente, dessa vez com anestesia geral, o que deixa todos preocupados. Randall resolve, então, falar com sua mãe, o que faz com que Sadie, uma conferencista e estudiosa do Nazismo, deixe sua residência em Israel para visitá-los. Sol descreve Sadie: "A vovó Sadie é deficiente física e judia ortodoxa, diferentemente de todos os outros membros da família. [...] A cadeira de rodas é por causa de um acidente de carro que ocorreu há muito tempo, o que não a impede de se movimentar. Ela conheceu mais países do que todos os outros membros da nossa família juntos." (HUSTON, 2008, p. 18)⁵.

Além de sua relação difícil com Erra e Randall, Sadie intimida Tess, e Sol, que não se sente ele mesmo nesse momento com a recuperação da segunda cirurgia, também não fica muito entusiasmado com a visita da avó. Quando chega, Sadie questiona toda a situação da operação, além de passar a ensinar histórias do Antigo Testamento para Sol que, em sua opinião, precisa ter uma rotina para não perder seu adiantamento em relação às outras crianças. Porém, ao resolver adicionar aulas de hebraico, Tess protesta contra a autoridade da sogra, já que considera um direito dos pais escolherem a língua estrangeira que o filho deve aprender.

Os desacordos entre Sadie e Tess alcançam um nível crítico, pois as duas passam o dia todo com Sol em casa, já que Randall só chega à noite do trabalho. Tess não

⁴ - Comment va Sadie, au fait ?

- Pareil... si ce n'est pire.

- Dieu nous en garde!

- Comme tu dis. Ça fait combien de temps que vous ne vous êtes pas vues?

- A vrai dire, Randall, je n'en sais rien. Ça doit faire pas loin de quinze ans... Depuis qu'elle a publié ce livre épouvantable... c'était en quelle année?

- Euh... en 90. *Do, do, enfant nazi*... Je me rappelle parce qu'il est paru juste avant la mort de papa.

- Oui, ça a failli me tuer moi aussi!"

Bizarrement ça les fait rire, ils doivent être en train de boire des martinis ou des gins tonics. (HUSTON, 2006, p. 61)

⁵ Mamie Sadie est handicapée et juive orthodoxe à la différence de tous les autres membres de la famille. [...] La chaise roulante c'est à cause d'un accident de voiture il y a longtemps mais ça ne l'empêche pas de circuler. Elle a vu plus de pays que tous les autres membres de notre famille réunis. (HUSTON, 2006, p. 21-22)

suporta mais ouvir sobre o assunto favorito de Sadie: seus estudos sobre arianização. Randall decide, portanto, levar a mãe junto com Sol para uma visita a um médico em San Francisco; este conclui que Sol está se curando, no entanto, ele adverte que é muito improvável a cicatriz da cirurgia desaparecer completamente. Sol, que reuniu muita coragem para passar pela cirurgia desde a primeira vez, fica chocado com a perspectiva da cicatriz: "É um choque. Uma imperfeição flagrante no corpo do Sol: é um choque. No caminho de volta, tiro o cinto de segurança, deito no banco traseiro e fecho os olhos. *Meu caro Deus...* (Não sei o que dizer: estou chateado com Ele)." (HUSTON, 2008, p. 57)⁶.

Nesse momento, por pensar que Sol tinha adormecido, Sadie e Randall começam a conversar em voz baixa sobre a contribuição de Randall para a Guerra no Iraque: como ele já não tem mais idade para se alistar, fica feliz em contar para sua mãe sobre o desenvolvimento de robôs militares que a empresa em que ele trabalha está envolvida. "- O Talon vai revolucionar a guerra moderna - diz o papai. [...] - Robôs guerreiros? É isso que você faz, Randall? Você fabrica robôs guerreiros? [...] - eles são fantásticos. Parece que saíram direto de *A guerra nas estrelas*. Têm todas as vantagens dos seres humanos sem os inconvenientes." (HUSTON, 2008, p. 57-58)⁷. Essa novidade deixa Solomon transbordando de alegria, o garoto começa a se sentir ele mesmo - o que quer dizer que volta a ter vontade de fazer uma de suas visitas escondidas ao computador da mãe, depois de um bom tempo. Mas o real motivo de felicidade estava ligado ao fato de que ele sempre pensou que seu pai seria "em breve um guerreiro famoso no Iraque e cabe a mim decidir no que eu quero ser famoso, mas isso não será um problema, a celebridade é hereditária na nossa família". (HUSTON, 2008, p. 18)⁸.

Devido ao projeto de robôs militares, Randall vai precisar fazer diversas viagens à Europa. Um dos destinos de sua viagem é Munique, na Alemanha. Ao contar isso para sua mãe, Sadie tem a ideia de levar toda a família para Munique, principalmente sua mãe Erra, que tem uma suposta irmã alemã, Greta. Por encontrar-se doente, esta gostaria muito de revê-la após mais de sessenta anos de separação.

⁶ C'est un choc. Une imperfection flagrante sur le corps de Sol : c'est un choc. Sur le chemin du retour, je défais ma ceinture de sécurité, m'allonge sur la banquette d'arrière et ferme les yeux. *Cher Dieu...* (Je ne sais pas quoi dire : je suis fâché contre Lui.) (HUSTON, 2006, p. 93)

⁷ "Talon va révolutionner la guerre moderne, dit papa. [...] - Des robots guerriers ? C'est ça que tu fais, Randall ? Tu fabriques des robots guerriers ? [...] - ils sont assez fantastiques. On dirait qu'ils sortent tout droit de *La guerre des étoiles*. Ils ont tous les avantages des êtres humains, sans les inconvénients. (HUSTON, 2006, p. 94-95)

⁸ [...] "bientôt un guerrier célèbre en Irak et c'est à moi de décider en quoi je veux être célèbre mais ça ne posera pas de problème, la célébrité est héréditaire chez nous. (HUSTON, 2006, p. 22)

Sem se falar por quatorze anos, é com uma grande surpresa que vemos Erra concordar com a viagem, depois da ligação de Sadie para propor a visita a Greta. Tess e Sol ficam muito empolgados com a viagem, enquanto Sadie e Randall estão completamente estupefatos com a reação de Erra.

Ao desembarcar em Munique, Sol se sente muito indefeso e confuso com a estranheza de um lugar desconhecido, com uma língua incompreensível. Randall parece ficar sobrecarregado ao dirigir em um lugar que ele não conhece e sem compreender as placas, Sadie sendo a única que pode ajudá-lo, por saber alemão fluentemente. Erra fica silenciosa e distante o tempo todo até a chegada ao hotel em que vão se hospedar.

No dia seguinte, a viagem até o vilarejo em que Greta ainda mora depois de todos aqueles anos é um martírio para Sol, que acha duas horas no carro um tempo interminável. Erra adormece e acorda exatamente quando eles estão entrando no vilarejo em que morou em sua infância e indica o caminho até o prédio para onde devem ir.

O encontro das duas irmãs não tem nada de dramático, assim como o encontro de Erra e Sadie depois de tantos anos sem se falarem. Erra se mantém calma enquanto Greta se emociona ao vê-la: "- Kristina! - ela murmura, estendendo o braço para a Bisa. Para mim esse nome é completamente novo, mas como sou o único a parecer surpreso, esse deve ser o antigo nome da Bisa na época em que ela era alemã." (HUSTON, 2008, p. 72)⁹. Todos entram na casa de Greta e se sentam à mesa para comer. Greta começa a contar sobre o passado, coisas que Sol não consegue compreender e que não parecem interessar à Erra: quem denunciou sua família para a agência que levou Erra embora foi uma de suas vizinhas, cujo marido era comunista; o pai que voltou em 46, após um tempo de prisão na Rússia, e chorou muito com a partida dela e de Johann; o avô que nunca voltou de um hospital.

Depois de um tempo e de várias conversas mais ou menos bem sucedidas, inclusive mostrando a sua coleção de discos da carreira de Erra, Greta se sente mal e se levanta para ir ao quarto descansar. Ao vacilar alguns passos, Erra resolve ajudá-la e ambas saem da cozinha. Sol, ao sair do banheiro, vê pela porta entreaberta que Greta e Erra discutem por causa de alguma coisa: Erra segura em seus braços uma boneca, e a raiva transparece em seu rosto. "- Ela é *minha!* - ela mia. - *Sempre* foi minha. Mesmo sem isso tudo... Mesmo se ela não fosse minha... *Você prometeu, Greta!*" (HUSTON,

⁹ "Kristina !" elle murmure en tendant les bras vers AGM. Pour moi ce nom est complètement nouveau, mais comme je suis le seul à avoir l'air surpris, ce doit être le vieux nom d'AGM à l'époque où elle était allemande. (HUSTON, 2006, p. 122)

2008, p. 76)¹⁰. Mas Greta responde em alemão e, cansada, deita na cama. Erra, ainda com a boneca, vai perto da cama e observa a irmã, porém, por estar de costas, Sol não pode ver sua expressão ao contemplá-la.

Assim se finaliza o primeiro capítulo do livro, deixando muitas perguntas e questionamentos sobre o passado da família, principalmente em relação à infância de Erra/ Kristina.

II. CAPÍTULO 2: RANDALL, 1982

O segundo capítulo se inicia de forma bem mais inocente e parece ter um tom muito mais infantil - o que seria condizente com a idade do narrador, pois depois percebemos que quem narra essa parte do romance é Randall, mas aos seis anos de idade. Ele começa contando sobre ter entendido a duração de um ano pela primeira vez, quando a natureza começa a florescer novamente, assim como na primavera anterior.

As brincadeiras apropriadas para as estações, o beisebol com o pai, brincar é seu passatempo favorito. No entanto, percebemos que ele gosta tanto de brincar "porque brincando você pode esquecer completamente de tudo. No resto do tempo, você sempre precisa ficar se perguntando se está fazendo tudo certinho." (HUSTON, 2008, p. 80)¹¹. Esse será o primeiro indício de uma insegurança e de um medo de não ser bom o suficiente - sobretudo para sua mãe - que vai se estender por todo o capítulo. "Não é que os seus pais não gostem de você como você é, mas quando você é pequeno e tem tantas coisas para aprender, você pensa que quanto mais aprender, mais eles vão amá-lo, e talvez só no dia em que você chegar em casa com um diploma universitário você poderá parar de se preocupar com isso." (HUSTON, 2008, p. 81)¹².

Aron, pai de Randall, e Sadie, sua mãe, tinham um casamento um tanto turbulento, com brigas frequentes. Um dos assuntos principais dessas brigas eram os judeus. Sadie se converteu ao judaísmo quando se casou com Aron, mas ela se preocupa muito mais com o assunto do que ele, que nasceu judeu. Aos 26 anos, Sadie já dá conferências em grande parte do país - eles moram em Nova York, nos EUA - sobre

¹⁰ "Elle est à moi ! elle siffle. Elle a *toujours* été à moi. Mais même en dehors de ça... Même si elle n'avait pas été à moi... tu me l'as *promis*, Greta !" (HUSTON, 2006, p. 130)

¹¹ [...] parce qu'on peut s'oublier complètement. Le reste du temps on doit toujours se demander si on est à l'hauteur. (HUSTON, 2006, p. 136)

¹² Ce n'est pas que tes parents ne t'aient pas comme tu es, c'est juste que quand on est petit on a beaucoup de choses à apprendre et on se dit que plus on apprend, plus ils vont t'aimer, et peut-être que le jour où on reviendra avec un diplôme universitaire, on n'aura plus de souci à se faire. (HUSTON, 2006, p. 136-137)

uma especialidade que Randall acha muito esquisita: o Mal. Ele também não entende direito como estudar história e fazer um doutorado estão relacionados, já que sua mãe não vai ser médica, mas é o suficiente para explicar para outras pessoas o que sua mãe faz.

Como sua mãe passa grande parte do tempo viajando, Randall costuma ficar mais tempo com o pai, um dramaturgo na casa dos quarenta anos. Mesmo que sinta falta da mãe, o menino também gosta de ficar sozinho com o pai, pois pode fazer coisas que sua mãe não permitiria, como comer enquanto assiste televisão, dormir a qualquer hora e tomar banho quando der vontade.

Outro motivo de discórdia entre Aron e Sadie, é a mãe desta, Erra. Aron e Randall adoram-na, mas Sadie tem uma relação delicada com ela. As duas são bem diferentes - enquanto Sadie estuda e está sempre informada sobre as guerras e horrores que assolam a terra, Erra se dedica completamente ao seu canto, sendo uma cantora famosa aos 44 anos. Randall se sente muito feliz e orgulhoso por ter uma avó tão incrível, que é calorosa e compartilha de uma relação especial com ele - ambos têm um sinal de nascença, Erra no braço esquerdo e Randall no ombro esquerdo, o que faz com ele se sinta mais próximo dela.

Já sua mãe parece estar cada vez mais distante. Devido ao seu doutorado, ela precisa viajar para a Alemanha para reunir documentos para sua tese. É nesse momento que fica um pouco mais claro o estudo sobre o Mal: Sadie pesquisa sobre o passado de sua mãe na Alemanha e uma possível ligação de sua família com o nazismo e com crianças roubadas.

Randall e Aron passam boa parte do verão sem Sadie, que continua viajando e descobrindo mais coisas sobre a infância da mãe. Enquanto isso, Randall pode ir com o pai para a casa da avó e conhecer sua companheira, Mercedes, algo que nunca faria se a mãe estivesse em casa, pois ela acredita que a homossexualidade de Erra não é um bom exemplo para o garoto.

Quando Sadie volta, ocorre a grande virada na vida de Randall: por causa de seus estudos, a família toda vai se mudar para Haifa, em Israel, onde mora um dos maiores especialistas sobre as fontes de vida. Randall diz: "Embora eu ainda não saiba o que é isso, essa é a nova paixão de minha mãe, porque a vovó Erra teria passado uma temporada ali quando era bem pequena, entre a sua família ucraniana e a alemã. Talvez seja uma espécie de fonte da juventude, o que explicaria por que a Erra parece ser tão

jovem." (HUSTON, 2008, p. 112)¹³. Ter de deixar Nova York, sua escola, seus amigos, por um ano inteiro, é uma ideia que chateia muito Randall, e quando ele precisa começar a estudar hebraico para fazer o teste para sua nova escola, acha que seu verão está completamente arruinado.

No entanto, não é isso que acontece; Randall fica fascinado ao começar a aprender uma nova língua e aguarda com impaciência cada visita de seu tutor, Daniel. Ele diz: "O mundo não é exatamente o mesmo quando cada objeto tem dois nomes diferentes; é estranho pensar nisso" (HUSTON, 2008, p. 114)¹⁴. Já em Haifa, "uma cidade branca e brilhante cercada de água azul"(HUSTON, 2008, p. 117)¹⁵, Randall se surpreenderá ainda mais - após passar no teste da escola Hebrew Reali, ele se sente confiante como nunca antes. Os alunos e os professores o tratam bem, recebe atenção de todos por ser americano, ele passa a adorar estar lá.

Sadie também progride em seus estudos sobre as fontes de vida:

- Eles eram *incríveis*, esses lugares, Aron - ela diz. - É algo sem precedentes na história humana. Eram verdadeiros palácios de fertilidade! O país estava sendo bombardeado, a população faminta, aterrorizada, doente...Dia após dia, as pessoas contemplavam caminhões trazendo provisões a essas putas."(HUSTON, 2008, p. 120)¹⁶.

O único que não parecia se adaptar à vida em Israel era Aron, que passa a maior parte do tempo lendo jornais e discutindo com Sadie sobre a situação no Líbano, dizendo não ser capaz de escrever comédias em um país em guerra.

Um dia, ao ir para a escola, Randall conhece Nouzha, uma inteligente garota da quarta série da Hebrew Reali. A partir daí, suas poucas certezas e sua recém adquirida confiança em si mesmo serão postas à prova: Randall fica sabendo através de Nouzha que o país em que ele mora não é só habitado por judeus, mas também por árabes, como ela, que o chamam de Palestina. Ela também diz que os judeus invadiram a Palestina.

Sua confusão só aumenta mais quando Randall tenta esclarecer essas questões com sua mãe, o que acaba gerando uma briga entre seus pais: "Os judeus não *invadiram*

¹³ Même si je ne sais toujours pas ce que c'est, c'est la nouvelle passion de ma mère parce que mamie Erra y aurait séjourné toute petite, entre ses familles ukrainienne et allemande. Peut-être que c'est comme une sorte de fontaine de jouvence, ce qui expliquerait pourquoi Erra a l'air si jeune. (HUSTON, 2006, p. 195)

¹⁴ Le monde n'est pas exactement le même quand chaque objet a deux noms différents ; c'est bizarre de penser à ça. (HUSTON, 2006, p. 198)

¹⁵ Haïfa est une ville blanche et brillante entourée d'eau bleue. (HUSTON, 2006, p. 205)

¹⁶ Ils étaient *incroyables*, ces endroits, Aron, elle dit. C'est sans précédents dans l'histoire humaine. De vrais palais de fertilité ! Le pays était bombardé, la population affamée, terrorisée, malade... Jour après jour, hagards, les gens regardaient des camions apporter des denrées précieuses à ces putains. (HUSTON, 2006, p. 210)

Israel, eles se *refugiaram* em Israel. - Na Palestina - corrige o papai. - Palestina era o nome na época - a mamãe diz." (HUSTON, 2008, p. 127)¹⁷. Ele começa a se sentir dividido entre todas as pessoas que ama, sem saber no que e em quem acreditar.

Enquanto isso, Aron não parece melhorar, junto com a situação da guerra no Líbano; passa todo seu tempo lendo jornais e ouvindo rádio para se inteirar dos acontecimentos. O exército de Israel - o Tsahal - estava naquele momento cercado Beirute Oeste, e mesmo Randall percebe que algo de muito ruim está prestes a acontecer.

Pouco depois acontece o massacre de Sabra e Chatila, campos de refugiados palestinos no Líbano: "E isso continua - diz o meu pai. - Isso ainda está acontecendo neste momento! Eles estão massacrando todos os refugiados de Sabra e Chatila! Veja o que esta porra de país está fazendo!" (HUSTON, 2008, p. 134)¹⁸. No dia seguinte aos ataques, Randall vai à escola esperando que Nouzha explique o que está acontecendo, no entanto ela deixa a escola e diz que dezenove membros de sua família moravam em Chatila, e que tudo aquilo é culpa dos judeus e dos americanos que os apoiam.

Depois de muitas brigas por causa da guerra, os pais de Randall resolvem deixar o assunto de lado e levar suas vidas. Sadie resolve alugar um carro para ir à universidade, o que acaba sendo bom para todos, pois podem passear na reserva natural nos fins de semana.

Os meses passam sem grandes comoções, até que, em outubro, Sadie sofre o acidente de carro que a deixará na cadeira de rodas para o resto da vida. Assim termina o segundo capítulo, que traz muitas respostas quanto ao passado de Erra/ Kristina, como também nos ajuda a entender mais o personagem de Randall. No entanto, ainda ficam muitas perguntas quanto à motivação de Sadie para suas pesquisas sobre o passado da família e de sua mãe, o que será esclarecido no capítulo seguinte.

III. CAPÍTULO 3: SADIE, 1962

No capítulo narrado por Sadie, conhecemos a pequena garota que mora com os avós em Toronto, no Canadá. Vivendo sob a rígida disciplina imposta sobretudo por sua

¹⁷ Les juifs n'ont pas *envahi* Israël, ils se sont *réfugiés* en Israël. - En Palestine, dit p'pa. - Palestine, ça s'appelait à l'époque, dit m'man. (HUSTON, 2006, p. 223)

¹⁸ "Et ça continue, dit mon père. Ça se passe en ce moment même ! Ils massacrent tous les réfugiés de Sabra et Chatila ! Regarde ce qu'il est en train de faire, ce putain de pays ! (HUSTON, 2006, p. 236)

avó, Sadie sente falta de sua mãe, e acha que é por sua culpa, por não ser uma menina boa o suficiente, que sua mãe não a levou junto com ela quando deixou a casa dos pais. No entanto, Sadie também acha que "se eu for querida e obediente e fizer tudo certinho, a mamãe me levará com ela dizendo: 'Era só uma brincadeira, querida, eu só queria testar a sua força de caráter, você foi brilhante e vamos enfim poder viver juntas!'"(HUSTON, 2008, p. 146)¹⁹.

Seu avô é um psiquiatra cujo escritório fica no subsolo da casa, com entrada independente. Sadie sempre ficava curiosa sobre seus pacientes mas, depois de espiar pela janela, concluiu que eles não tinham aparência de loucos, e sim se pareciam com pessoas normais. Com uma rotina que não estimula sua criatividade e inteligência, a garota acaba se refugiando em sua curiosidade: "E se houver uma guerra ou outra catástrofe e muitas pessoas ficarem loucas ao mesmo tempo, será que vão começar a formar imediatamente novos psiquiatras na universidade?" (HUSTON, 2008, p. 147)²⁰.

Aos poucos a rotina de Sadie vai ficando clara: o café da manhã silencioso, a vinda do avô do escritório para um café e geralmente uma piada sem graça, o ritual de se vestir para a escola que a desagrada profundamente, sobretudo no inverno. Ela acredita que há algo de mau escondido nela, e que sua marca de nascença, na nádega esquerda, é o sinal dessa maldade. Ela também pensa que Mortimer, o pai que ela não chegou a conhecer, deve ter deixado a vida de sua mãe por causa dela e de sua marca. Por essa razão ela acha que o lado esquerdo de seu corpo é sujo, e há uma voz, que ela chama de Inimigo, dizendo sempre para ela se punir a cada vez que fizer algo de errado.

Para ela, o mundo está sempre pronto para machucá-la: seja uma farpa no parque, um caco de vidro, uma abelha, todas as coisas oferecem perigo e estão sempre a ponto de atacá-la e causar dor. A única pessoa que costuma consolá-la está ausente na maior parte do tempo: "A mamãe teria me consolado se soubesse quanta dor eu estava sentindo, mas quando a vi de novo, os arranhões já tinham desaparecido e nem pude mostrar a ela." (HUSTON, 2008, p. 151)²¹. Dessa forma, ela se sente inadequada e desajeitada em relação às outras meninas de sua escola, nunca se sentindo bem em sua própria pele.

¹⁹ [...] si je suis gentille et obéissante et comme-il-faut, maman me prendra avec elle en disant : "Ce n'était qu'un jeu, ma chérie, je voulais éprouver ta force de caractère, maintenant tu as réussi brillamment l'épreuve et enfin nous pouvons vivre ensemble !" (HUSTON, 2006, p. 255)

²⁰ Et s'il y a une guerre ou une autre catastrophe et que beaucoup de gens deviennent fous en même temps, est-ce qu'on se met tout de suite à former de nouveaux psychiatres à l'université? (HUSTON, 2006, p. 258)

²¹ Maman m'aurait consolée si elle savait à quel point j'avais mal, mais quand je l'ai vue la fois suivante les éraflures avaient disparu et je ne pouvais même pas les lui montrer. (HUSTON, 2006, p. 267)

As aulas de piano, de ginástica, de balé não são para Sadie momentos de aprendizagem e crescimento, mas sim aqueles em que ela se sente mais atrapalhada e aumentam ainda mais seu sentimento de inadequação e de tristeza decorrente: "Todas essas atividades são para o meu bem, o objetivo é fazer de mim uma dona de casa brilhante prendada bem coordenada e boa cidadã mas nada funciona, vou continuar sempre me sentindo rechonchuda e burra, estranha e excluída, atrapalhada e torta - resumindo: *insuficiente*." (HUSTON, 2008, p. 155)²².

A monotonia está presente mesmo na descrição cuidadosa de seus hábitos: Sadie descreve detalhadamente como se põe a mesa, como deve vestir suas roupas, as frases que seu avô costuma dizer todos os dias antes de levar Hilário, o cachorro da casa, para passear. Mesmo o relacionamento de seus avós parece bastante enfadonho, eles pouco se falam e nunca brigam, se contentam em trocar umas poucas palavras durante as refeições.

Esse clima maçante só é quebrado quando sua mãe vem visitá-la no domingo de Páscoa e a convida para passar o fim de semana em seu apartamento. Sadie já havia contado os dias até a Páscoa só para que pudesse ver sua mãe, portanto o convite é algo inacreditável para a menina: "Vou me comportar vou ser perfeita não cometerei nem um errinho durante os seis próximos dias, vou pisar nas juntas da calçada exclusivamente com o pé direito, juro, ó mamãe, mamãe, mamãe, mamãe, mamãe..." (HUSTON, 2008, p. 167)²³. Quando ela chega no apartamento da mãe, Sadie se sente finalmente parte da vida dela, embora ainda não familiarizada com essa nova situação e receosa de fazer algo errado. Ela também conhece Peter, o empresário de sua mãe, nesse fim de semana.

No curto espaço de tempo do fim de semana, Sadie fica sabendo que sua mãe fará uma turnê por todo o país graças a Peter, e também que eles pretendem se casar. Essas são ótimas notícias para ela, porque quando Kristina estiver com a carreira consolidada, pretende trazer a filha para morar com ela. No entanto, pede à Sadie para ainda não revelar essas novidades para seus pais.

Voltar à sua rotina é mais difícil para Sadie depois de ter estado com sua mãe e de ter aumentado sua esperança de ir morar com ela. Então, a garota se refugia cada vez

²² Toutes ces activités sont pour mon bien, leur but est de faire de moi une femme au foyer brillante douée bien coordonnée et bonne citoyenne mais rien n'y fait, je me sentirai toujours boulotte et bête, étrange et exclue, maladroite et de guingois - *insuffisante* en un mot. (HUSTON, 2006, p. 274)

²³ Je serai sage je serai parfaite je ne commettrai pas une seule faute pendant les six jours qui viennent, je marcherai sur les fentes avec mon pied droit exclusivement je le jure, oh, maman maman maman maman maman... (HUSTON, 2006, p. 296)

mais na leitura: "[...] leio como se a minha vida dependesse disso, ler é meu único talento, se me dissessem que estou proibida de ler teria uma crise de apoplexia e morreria." (HUSTON, 2008, p. 183)²⁴. Todos os tipos de história lhe agradam, sobre cachorros, sobre pessoas no deserto ou no Polo Norte. Mesmo aquelas em que alguém morre. E assim se passa o mês de maio, sem grandes comoções, até que Kristina liga para casa e diz que não só se casará com Peter, mas também levará Sadie para morar com eles em Nova York.

O casamento acontece no mês seguinte, e o resto de junho é para Sadie uma sucessão de últimas vezes: trocar os lençóis, ir às aulas de piano, de balé, ouvir as piadas sem graça do avô; de repente, todas essas coisas têm um sabor diferente e até comovente. No começo de julho, eles se mudam para Nova York, onde Sadie adota o sobrenome Silberman, de Peter, e Kristina muda seu nome artístico de Krissy Kriswaty para Erra.

Sua mãe e seu *papai*, como Sadie tenta começar a chamar Peter, não planejam nada para o verão da garotinha, portanto, ela pode passar o tempo lendo livros que Kristina traz da biblioteca, comendo e dormindo como ela desejar. O novo apartamento tem somente um quarto, que fica sendo de Sadie; Kristina e Peter dormem no sofá-cama da sala. Tudo está quase sempre uma enorme bagunça, com faxinas esporádicas quando não há mais talheres e roupas de baixo limpas; nessas ocasiões Kristina se lança às tarefas domésticas com afinco.

Aos domingos, enquanto Kristina dorme até mais tarde, Peter leva Sadie para Katz's, uma delicatessen do bairro judeu em que eles moram, e começa a ensinar à curiosa garota que já lhe havia perguntado o que significa ser judeu. Para ele, os bagels e outras guloseimas por lá encontradas são um dos melhores aspectos de ser judeu. Os ruins, ele deixará para depois.

A nova escola é um dos maiores medos de Sadie nessa nova vida. A voz do Inimigo, que tem estado quieta por um tempo, volta ameaçadora para perguntar se ela está pronta para esse novo desafio. Entretanto, o que acontece é que ela se adapta rapidamente a esse novo ambiente, se enturmando e até mesmo participando das brincadeiras com as outras crianças. A brincadeira dos meninos correndo atrás das meninas gritando "Judia, judia!", ao que elas respondem "Nazista, nazista!", gera

²⁴ [...] je lis comme si ma vie en dépendait, lire est mon seul et unique talent, si on me disait que je n'ai plus le droit de lire j'aurais une crise d'apoplexie et j'en mourrais. (HUSTON, 2006, p. 325)

dúvidas em Sadie, que não entende o que nazista quer dizer, depois de olhar no dicionário e ver que está relacionada a um partido político alemão. Portanto ela resolve perguntar a Peter, em uma de suas visitas de domingo a Katz's, o que faz com que muitas cabeças se voltem para eles. "Durante esse tempo, o papai se endireitou na cadeira, engoliu as últimas gotas de café da xícara e me disse em voz baixa, piscando para mim: - Os nazistas foram o aspecto mais desagradável da vida dos judeus. Espere até a gente sair..." (HUSTON, 2008, p. 198)²⁵. A explicação de Peter que segue, de que os nazistas queriam que os judeus sumissem da face da terra, só serve para aumentar ainda mais a curiosidade da garota, mas é o suficiente para que ela não queira mais participar da brincadeira na escola.

Enquanto a Guerra Fria corre o risco de se tornar um conflito armado, devido aos mísseis soviéticos em Cuba, o disco de Kristina, agora Erra, é lançado. O show organizado para divulgá-lo é um sucesso, e Peter parte para a Califórnia para cuidar de outras apresentações de Erra.

Numa tarde fria de dezembro, enquanto Kristina prepara a banheira e Sadie contempla a rua da janela de seu quarto, a campainha toca. Como sua mãe não pode ouvir, a garota vai responder à porta; no entanto, fica um pouco assustada ao notar um homem que não tem a aparência habitual dos amigos de seus pais: ele é loiro, pálido, com faces encovadas. Ele diz se chamar Lude e está procurando por Erra. Sadie corre ao banheiro para avisar sua mãe, que ao ouvir o nome Lude, fica como que entorpecida e manda que a menina deixe o homem entrar.

O que acontece depois é ainda mais confuso para Sadie, que é mandada para seu quarto enquanto o homem estranho, que sua mãe chamou de algo parecido com Yanek, fala com Kristina em uma língua que ela não entende. Espiando pelo buraco da fechadura, ela imagina que o comportamento deles parece uma peça de teatro, ficam um bom tempo parados, quietos, depois se lançam nos braços um do outro e choram e riem ao mesmo tempo. Sempre conversando nessa língua que Sadie acredita ser alemão ou ídiche, os dois se despem e vão para o sofá-cama que Kristina compartilha com Peter, o que para a garota é um espanto ainda maior, e o Inimigo, que tinha estado calmo nos últimos tempos, volta arrasador:

²⁵ Pendant ce temps papa s'est ressaisi, il a avalé les dernières gouttes de café dans sa tasse et il me dit à voix basse, avec un petit clin d'oeil : "Les nazis, c'était l'aspect le plus désagréable de la vie des juifs. Attends qu'on soit dehors..." (HUSTON, 2006, p. 354)

Sadie, ele diz, você aceitará o que está acontecendo porque você é uma menina má e a sua mãe é uma mulher má e uma mentirosa, e você herdou todas as taras dela. Eu domino você totalmente, e, assim como ela, você continuará a pecar ao longo de sua vida toda. Nunca vou largá-la, Sadie! [...] Agora se acalme, entre no armário, feche a porta, bata cem vezes com a cabeça na parede e não se esqueça de contar. (HUSTON, 2008, p. 204)²⁶.

Sentindo-se tonta depois de seu castigo, Sadie pega no sono e só acorda mais tarde, com a voz de sua mãe chamando para o jantar. Com muita raiva de sua mãe, mas ainda com muita curiosidade, Sadie pergunta qual língua em que eles estavam falando, ao que Kristina responde:

- Estávamos *tentando* falar alemão...Mas fazia tanto tempo que não falávamos alemão, tanto eu quanto ele, que praticamente esquecemos.

- Onde você aprendeu alemão? - pergunto, temendo a resposta, sem saber por quê.

Ela hesita durante muito tempo. Solta um suspiro. Enfim responde:

- Oh, Sadie, é...porque há muito tempo eu *fui* alemã. (HUSTON, 2008, p. 205-206)²⁷.

Essa revelação só faz com que Sadie deseje que esse dia nunca tivesse acontecido, ela não faz mais perguntas pois gostaria que tudo voltasse ao normal, que aquele dia não passasse de um pesadelo. No entanto, não pode deixar de pensar que, se sua mãe é alemã, os Kriswaty não são os seus pais e conseqüentemente não são seus avós, e ela mesma é metade alemã. "- *Agora você sabe de onde vem o mal* - diz o Inimigo -, *você vive na mentira desde o dia do seu nascimento.*" (HUSTON, 2008, p. 206)²⁸. Assim se encerra o terceiro capítulo, com Sadie confusa e perdida sem saber nem mesmo se sua mãe é realmente sua mãe, ouvindo o Inimigo triunfante dizer, depois que ela foge da brincadeira de judeus e nazistas na escola e se machuca, à vista do sangue no joelho de Sadie: "- *Sangue nazista! Sangue nazista! Sangue nazista!*" (HUSTON, 2008, p. 206)²⁹.

²⁶ *Sadie, il dit, tu accepteras ce qui se passe parce que tu es une fille mauvaise et une menteuse et ta mère est une femme mauvaise et une menteuse et tu as hérité de toutes ses tares. Je te possède totalement et, comme elle, tu continueras de pécher toute ta vie. Jamais je ne te relâcherai, Sadie ! [...] Maintenant, ressaisis-toi, entre dans ton armoire, referme bien la porte derrière toi, frappe-toi cent fois la tête contre le mur, et n'oublie pas de compter. (HUSTON, 2006, p. 366)*

²⁷ "On *essayait* de parler allemand... Mais ça fait si longtemps, pour l'un et pour l'autre, qu'on a presque tout oublié.

- Où tu as appris l'allemand ?" je dis, en redoutant sa réponse sans savoir pourquoi.

Elle hésite longuement. Elle pousse un soupir. Enfin elle dit : "Oh, Sadie, c'est... c'est parce que, il y a longtemps, *j'étais* allemande." (HUSTON, 2006, p. 368)

²⁸ - *Maintenant tu sais d'où vient le mal*, dit l'Ennemi, *tu vis dans le mensonge depuis le jour de ta naissance.* (HUSTON, 2006, p. 369)

²⁹ *Du sang nazi, Sadie ! Du sang nazi !* (HUSTON, 2006, p. 369)

IV. CAPÍTULO 4: KRISTINA, 1944-1945

O quarto e último capítulo vem para nos esclarecer definitivamente sobre o passado da família e nos explicar quem foi Kristina/Erra.

Uma garotinha inteligente e criativa, essa é a primeira impressão que temos da pequena Kristina. Ela mora no prédio da escola em que seu pai costumava lecionar, antes de ir para a guerra. Apesar de ainda não ter entrado para a escola, ela já sabe que deve dizer "Heil Hitler" ao entrar na sala. Os avós, a mãe, a irmã Greta, o irmão Lothar e a empregada Helga são os outros moradores dessa casa, que fica num vilarejo próximo a Munique. Mesmo com os tempos difíceis de guerra, Kristina consegue se divertir facilmente:

O vô comprou dois cata-ventos, um para Greta e outro para mim, eles têm pás coloridas que giram quando você corre segurando eles pela haste e, quanto mais rápido você corre, mais rápido as pás giram, tão rápido que as cores se misturam e às vezes eu penso tão rápido que os meus pensamentos também se misturam. (HUSTON, 2008, p. 209)³⁰.

O avô, Kurt, ensina muitas coisas para a menina, e ela é muito grata por ele ter lhe ensinado os cânticos de Natal e como cantá-los em harmonia, já que ela adora cantar e se sente orgulhosa de ter a voz mais bonita da família. Ela acha o avô muito inteligente por ter ido à universidade, por compartilhar seus conhecimentos com ela, inclusive sobre a cidade em que ele cresceu, Dresden. No entanto, o verdadeiro sonho de Kristina é ser a Gorda do circo, o que parece bem difícil naquele momento, pois faz um bom tempo que não come bife e outras coisas mais gordas e o avô Kurt é o único a ter uma barriga grande na família.

Mesmo que eles já tenham perdido na guerra para a França e Inglaterra, Lothar é obrigado a vestir seu uniforme e partir, pois todos homens com idade dos dezesseis aos sessenta anos são convocados. Lothar tem dezessete anos e, se Kurt não tivesse 62, a casa ficaria sem homens. Depois de beijar, jogar Kristina para o alto e abraçá-la forte,

³⁰ Grand-père a acheté deux petits moulins à vent, un pour Greta et un pour moi, ils ont de petites ailes multicolores et quand on court en tenant le bâton ça fait tourner le moulin et plus on court vite plus ça tourne vite et si on court dans le vent ça tourne tellement vite que les couleurs se mélangent et parfois je réfléchis tellement vite que mes pensées se mélangent aussi. (HUSTON, 2006, p. 374)

Lothar vai embora enquanto Greta, que é grande demais para ser lançada para cima como Kristina, fica chorando e pedindo que ele fique.

Kristina acha que Greta é mais bonita que ela, porém menos interessante, posto que, enquanto ela tem milhões de coisas para pensar ao deitar na cama, Greta adormece rapidamente e dorme até o dia seguinte como "um lago liso e plácido" (HUSTON, 2008, p. 214)³¹; Greta também gasta bastante tempo penteando seus cabelos, o que é um desperdício de tempo segundo Kristina, para quem há coisas mais importantes a se fazer.

Quando seu pai, Dieter, vem para casa de licença, Kristina não se sente confortável com ele, pois quase não o pode reconhecer depois de tanto tempo sem vê-lo. Sua mãe parece feliz ao ver Kristina sendo girada no ar pelo pai. Mas logo ele parte novamente para a guerra. A garotinha fica confusa quando começa a pensar na oração que fazem para que Deus proteja Lothar e seu pai dos inimigos russos, porque, quando as famílias russas, por sua vez, fazem oração pedindo para proteger os seus homens, os inimigos serão eles dessa vez. Ela imagina como Deus deve ficar sem saber o que fazer para agradar a todos, pois não é possível.

Apesar de saberem que dizer "Heil Hitler" não é uma brincadeira, Greta e Kristina inventaram um jogo para brincar quando tomam banho. Dizem "Heil Hitler" fazendo vozes engraçadas, ou imitando alguém, ou fazendo o gesto errado. Elas sabem que sua vizinha, a sra. Webern, foi denunciada à polícia por Lothar depois de não ter respondido "Heil Hitler" ao se encontrarem no corredor. Ela foi levada pela polícia e, três semanas depois, quando voltou, ela passou a responder "Heil Hitler", como todo mundo.

Kristina sempre tem perguntas que ficam sem resposta. Ela gosta de ir à Igreja porque nos cânticos, diferentemente do sermão e das rezas que a entediam, ela pode cantar com sua voz que se eleva acima das outras e senti-la, firme e bela, alcançando Deus. No entanto, ela não entende a razão de haver uma casa de Deus, se Ele está em todos os lugares. Ao dizer isso ao avô, ele ri e compartilha com sua avó e com sua mãe, mas não dá uma explicação, ao que ela pensa: "Quando eu for grande, além de ser a Gorda do circo e uma cantora famosa, vou ler todos os livros do mundo e gravar e classificar o conhecimento contido neles na minha cabeça e assim, quando os meus

³¹ [...] un lac plat et placide. (HUSTON, 2006, p. 384)

filhos e os meus netos me fizerem perguntas, poderei respondê-las." (HUSTON, 2008, p. 218)³².

Não se pode mais ligar lâmpadas à noite, para que seu vilarejo não seja transformado em um alvo para os bombardeios inimigos, que não são os mesmos inimigos que Lothar e Dieter combatem, mas os ingleses e os americanos. O céu às vezes fica vermelho por causa dos incêndios nas cidades vizinhas.

Quando o verão acaba, Kristina entra para a escola. Em pouco tempo ela aprende a ler e, devido ao fato de a classe ser dividida em três níveis, ela começa o trabalho dos pequenos e ao terminar, também aprende o que os médios e os grandes estão fazendo.

No dia de seu aniversário de seis anos, Kristina acorda animada para ouvir a chuva de "Feliz aniversário!" que todos exclamam assim que ela desce as escadas. A comemoração ficará por conta de um osso de porco com muita gordura que sua mãe comprou. Porém, o clima de festa acaba rapidamente depois que um mensageiro de uniforme chega com um telegrama, para avisar que Lothar faleceu. Sua mãe desmaia, sua avó fica chorando, Greta fica quieta. Agora, seu aniversário sempre será uma data triste, mesmo que fosse provável que seu irmão tivesse morrido um ou dois dias antes de a notícia chegar.

Chega o Natal e Kristina se pergunta se eles conseguirão festejá-lo. Mas, mesmo que algumas coisas na ceia não estivessem tão boas pela falta de ovos, Greta e Kristina ainda ganham presentes. Antes mesmo que Kristina consiga ver o que está na embalagem de seu presente, Greta já abriu o seu e dela saiu uma linda boneca, tão bonita para Kristina que ela perde todo o interesse em ver o seu ursinho de pelúcia, que como mostra sua mãe, bate pratos e avança sobre o tapete.

Greta proíbe Kristina de brincar com sua boneca, mas isso não a impede de fazê-lo, desde que coloque a boneca de volta em cima da cama da irmã como ela deixa, não há problemas. No entanto, um dia sua avó se machuca com água fervente e, ao correr para ajudá-la, Kristina deixa Annabella - esse é o nome que ela deu à boneca - sobre a sua cama, onde ela estava brincando. Com muita raiva da irmã, Greta diz que Kristina não é sua irmã e que se lembra muito bem de quando a trouxeram para sua casa. Kristina tinha só um ano e meio e Greta quatro anos. Ela havia prometido nunca contar, mas pelo seu comportamento, ela merecia ouvir aquilo.

³² Quand je serai grande, en plus d'être la Grosse Dame du cirque et une chanteuse célèbre, je vais lire tous les livres du monde et enregistrer et classer leur savoir dans ma tête et comme ça quand mes enfants et mes petits-enfants me poseront des questions je pourrai y répondre. (HUSTON, 2006, p. 391)

No dia seguinte, entretanto, Greta desmente tudo o que dissera e promete ensinar-lhe todas as coisas na escola, desde que Kristina não conte para sua mãe o que ela disse. A garotinha se sente entorpecida com essa história e começa a se perguntar se aquela é realmente sua família.

Sem poder quebrar sua promessa de não falar nada à sua mãe, Kristina começa a se perguntar quem poderia esclarecer essa cruel dúvida que se instalou em seu espírito. Não querendo incomodar os avós, ainda atormentados com a morte de Lothar, ela decide: Helga, a empregada. Há uns dois anos sem receber salário, Helga é a escolha perfeita, pois passou metade de seus trinta anos na família. Depois de tentar e fracassar várias vezes, Kristina toma coragem para perguntar a Helga:

- Helga? - pergunto, com uma voz despreocupada.

- Hummm...?

- Você se lembra do dia em que nasci?

Meus olhos penetram nela.

Ela não tem um sobressalto, não fica vermelha, não começa a gaguejar, mantém os olhos fixos no tricô, mas, no espaço de um segundo, as agulhas param de se mexer e eu obtenho a minha resposta.

A imobilidade diz a verdade.

A seguir, ela recomeça a tricotar - uma malha de meia e uma malha de liga, a Helga está tricotando uma meia e eu sou um corpo estranho nesta casa.

- Claro que lembro - diz, e depois se atrapalha, então eu a coloco contra a parede.

- Você tem certeza de que eu não sou adotada?

- *Adotada?* - ela repete, para ganhar tempo. - E por que você não diz de uma vez uma criança encontrada na rua? O seu avô lhe contou histórias demais, minha querida! (HUSTON, 2008, p. 231-232)³³.

Kristina passa muito mal com essa revelação, corre ao banheiro e despeja tudo o que tinha em seu estômago, enquanto vê bebezinhos deitados, bebês maiores, crianças de dois ou três anos carregando pinicos, mulheres de saias brancas que correm de um lado para outro castigando crianças, seios redondos cheios de leite. Quando ela

³³ "Helga ? je dis, d'une voix insouciante.

- Hmmm... ?

- Tu te souviens du jour où je suis née ?"

Mes yeux fondent sur elle.

Elle ne sursaute pas, elle ne rougit pas, elle ne se met pas à bégayer, elle garde les yeux fixés sur son tricot mais, l'espace d'une seconde, ses aiguilles cessent de bouger et j'ai ma réponse.

L'immobilité dit vrai.

Puis elle se remet à tricoter - une maille à l'endroit, une à l'envers, Helga tricote une chaussette et moi je suis un corps étranger dans ce foyer.

"Bien sûr, elle dit, et ensuite elle se trouble alors je la pousse dans ses retranchements.

- Tu es sûre que je ne suis pas adoptée ?

- *Adoptée ?* elle répète, pour gagner du temps. Et pourquoi pas une enfant trouvée, pendant que tu y es ? Tu as écouté trop de contes de ton grand-père, ma petite !" (HUSTON, 2006, p. 417-418)

finalmente consegue deixar o banheiro, sua mãe a vê e nota a palidez de seu rosto, e cuida de levá-la para a cama.

Dias depois Kristina ainda se sente mal e não dorme bem com medo de ter pesadelos com bebês. Num almoço de sábado, sua mãe diz ter uma novidade para contar: naquela tarde sua família receberia um novo membro, Johann, um órfão da guerra que será criado como seu filho. Ao olhar para a mãe, Kristina sente outro olhar em seu rosto; apesar de não durar mais do que um segundo, Greta passa uma mensagem clara: essa não será a primeira vez, você foi a primeira a ser adotada.

Kristina fica muito ansiosa para conhecer esse menino de dez anos que virá ficar no antigo quarto de Lothar. Quando ele finalmente chega, ela acha o seu novo irmão muito bonito com seus olhos azuis, seu porte alto. Porém, ele não fala uma palavra a ninguém. No jantar, todos perdem a capacidade de conversar com naturalidade, o silêncio do menino os afeta de forma que parecem esquecer sobre o que costumam conversar. Mas isso só o faz mais fascinante para Kristina: "*É extraordinário. Somos órfãos: eu música, ele silêncio. Você me ouve cantar, ó garoto das mandíbulas crispadas? De agora em diante todos os meus cantos serão para você.*" (HUSTON, 2008, p. 236)³⁴.

Certo dia, quando Helga está doente demais para buscar lenha, a mãe de Kristina pede para que Johann faça esse favor a eles. Kristina irá com ele para indicar o caminho, e enquanto andam, a menina tenta conversar. Porém, o menino só dá sinal de se importar com o que Kristina está falando quando ela diz também ser adotada, ao que ele, para o contentamento e surpresa dela, fala suas primeiras palavras para perguntar se o que ela diz é verdade, mas também diz não ser adotado. Kristina não entende o que ele quer dizer, muito menos quando ele pergunta qual era seu nome antes. Como chegaram ao seu destino, Johann se cala e faz sinal para que Kristina fale com o homem que lhes venderá a lenha.

Só na volta, um pouco antes de chegar em casa, Johann esclarece o que ele quis dizer, falando em seu alemão peculiar: o nome dele é Janek e não Johann, ele é polonês e foi roubado de sua família em Szczecin. Seus pais estão vivos, ele não foi adotado por ser órfão. E provavelmente a mesma coisa aconteceu à Kristina, que ele chama de Falsa-

³⁴ *C'est extraordinaire. Nous sommes les orphelins : moi musique et lui silence. M'entends-tu chanter, ô garçon à la machoire crispée ? Désormais tous mes chants seront pour toi.* (HUSTON, 2006, p. 426)

Kristina por não saber seu nome verdadeiro. Contudo, os dedos pousados sobre seus lábios queriam dizer que Kristina devia guardar isso em segredo.

Depois disso, os dois começam a se encontrar escondidos para conversar, Johann diz que o nome de Kristina devia ser Krystyna ou Krystka, ensina algumas palavras em polonês para ela, pois imagina-a roubada de sua família cedo demais para poder lembrar-se. Também conta que seus documentos são falsos, que ele, na verdade, tem doze anos.

Em seguida, Kristina pergunta-lhe quem o roubou, e ele explica que foi levado da porta de sua escola por freiras de marrom que, depois de escolherem algumas crianças, transportavam-nas de trem até Kalisz onde, separando as meninas dos meninos, entregavam-nos a homens de avental branco que mediam todas as partes dos seus corpos, avaliavam sua saúde, sua inteligência. Quem não tinha bons resultados era expulso; aos outros eram dados novos nomes e proibiam-nos de falar polonês, dizendo que sua nacionalidade polonesa era um erro, que eles eram alemães, na verdade, e que, daquele momento em diante, seriam educados em alemão.

Por um ano Janek ficou nesse lugar, sendo-lhe ensinada a língua alemã, a história alemã, os poemas, as canções, enquanto todas as conversas em polonês eram punidas com golpes na cabeça. Era arrancada à força a língua materna às crianças que ali moravam. Todo o sofrimento de Janek faz com que Kristina se sinta pouco à vontade com a língua alemã, e também com a sabedoria de seu avô, que agora ela sabe não ser seu avô de verdade. As canções que ele lhe ensinou estão agora todas envenenadas por essas memórias. Janek então diz que Kristina deveria cantar sem as letras. Ela tenta e dá muito certo, consegue que sua voz suba às alturas como nas canções ensinadas pelo avô.

No final de janeiro, Kristina acha que a Alemanha está perdendo a guerra de verdade - agora que ela se considera polonesa, não acha mais correto dizer "nós estamos perdendo a guerra". Os alertas aéreos são frequentes e eles passam muito tempo na cave.

Janek planeja fugir no verão e, para tal, pede que Kristina pegue dinheiro na carteira do avô, roube joias na caixa de joias da avó; ela hesita, mas para estar com ele, para conhecer sua verdadeira família, ela tenta de qualquer maneira sufocar os sentimentos que tem para com essa família.

Pouco tempo depois, o avô que costumava passar horas ouvindo rádio, sai de seu quarto de roupas íntimas, soluçando e puxando os cabelos, a única palavra que sai de

sua boca é Dresden. Dresden foi incendiada e Kurt foi levado por homens depois de quebrar o relógio da sala, bater sua cabeça na parede, quebrar a bela porcelana de Dresden.

Daí em diante o caos se instala. Em março o céu está sempre vermelho, em abril o vilarejo é bombardeado, em maio o pátio da escola se enche de refugiados, em junho a Alemanha é dividida em quatro. Não há mais o que comer. Depois de vender o piano, as últimas joias, não há outra saída a não ser roubar.

Já é agosto e Janek resolve que não pode mais esperar, vai fugir e aguarda a resposta de Kristina. Porém, no dia que ele planeja fugir, uma mulher aparece na casa, diz se chamar Srta. Mulyk e, depois de conversar longamente com sua mãe e avó, chama Johann e Kristina. Primeiro, Srta. Mulyk troca algumas palavras em polonês com Janek, depois chama Kristina. Nesse momento, a mãe de Kristina solta um grito e se põe a chorar. A garotinha também espera que ela fale com ela em polonês e se prepara para explicar que não domina mais a língua, no entanto, ao olhar o braço de Kristina e ver o sinal, ela diz ter certeza de que ela é ucraniana e se chama Klarysa. Perdida, Kristina procura o olhar conciliador de Johann, que a tranquiliza com o sentimento de que estarão sempre juntos.

No dia seguinte, as malas dos dois estão prontas e Greta oferece a boneca que Kristina tanto ama, Annabella, como lembrança da família. Srta. Mulyk volta acompanhada de dois homens que levam as malas para o carro. Janek parte sem dizer nada, enquanto a mãe de Kristina a abraça e solta um grito que ressoa pelo corredor quando a levam.

Eles são levados a um centro onde ficarão até que suas famílias sejam encontradas ou, nas palavras de srta. Mulyk "até que encontrem uma família para vocês". (HUSTON, 2008, p. 262)³⁵. Os dormitórios são separados para meninos e meninas e Kristina se sente infinitamente sozinha quando nem mesmo a boneca Annabella está em suas coisas, como havia prometido Greta. Janek não confia e não gosta daquele lugar, pois também é um convento, como o centro de Kalisz.

Por dois meses os dois se encontram somente durante as refeições, passam o resto do tempo com aulas e Kristina está aprendendo inglês. Finalmente ficam sabendo o que vai acontecer com eles: Janek descobre que seus pais estão mortos, e que ele vai ser mandado para um internato em Poznan, onde ele tem um tio. Kristina vai ser

³⁵ [...] jusqu'à ce qu'on vous ait trouvé des familles. (HUSTON, 2006, p. 472)

mandada para o Canadá, em Toronto, para viver com um casal de ucranianos, amigos de srta. Mulyk. Mas ela ouviu, enquanto esperava no corredor, a srta. Mulyk discutir com o diretor, em inglês, e conseguiu entender algo que eles falaram várias vezes, sobre uma carta da mãe e sobre a Ucrânia estar nas mãos dos vermelhos.

Sabendo que sua separação é inevitável, Janek propõe que eles façam uma promessa de se encontrarem, não importa para onde forem, não importa o nome que lhes for dado, eles estarão sempre juntos se escolherem os nomes que serão os seus verdadeiros.

Segurando o meu braço esquerdo, ele levanta a manga do meu pulôver e beija o meu sinal. Ele está com os lábios gélidos e o seu corpo treme violentamente.

- Estou com você... *aqui* - ele diz. - O meu nome de verdade é Lude, pois o meu pai fazia alaúdes em Szczecin. O meu nome é a palavra para esse instrumento em todas as línguas. Se você se tocar aqui, ou mesmo se você pensar em mim, estarei aí, estarei vibrando em você, como as cordas de um alaúde, toco com você quando você canta. Lude, lude, lude. Repete.

- Lude - eu digo -, lude, lude.

- Agora você, escolha o seu nome.

O nome se precipita sobre mim, como um pássaro caindo do céu, e eu lhe digo baixinho.

- Erra.

(HUSTON, 2008, p. 268)³⁶.

Depois de prometer solenemente encontrá-la através do seu canto quando ele crescer, para ficarem juntos para sempre, Janek some do centro e, uma semana depois, Kristina está no navio que a levará para sua nova vida.

³⁶ S'emparant de mon bras gauche, il remonte la manche de mon chandail et embrasse mon grain de beauté. Il a les lèvres glacées et son corps tremble violemment.

"Je suis avec toi...*ici*, il dit. Mon vrai nom est Luth parce que mon père il fait des luths à Stettin. Mon nom c'est le mot pour cet instrument dans toutes les langues. Si tu touches ici, ou même si tu y penses, je suis là, je vibre en toi comme les cordes d'un luth, je joue avec toi quand tu chantes. Luth, Luth, Luth. Dis.

- Luth, je dis. Luth, Luth.

- Toi maintenant. Choisis ton nom."

Le nom me fond dessus comme un oiseau du ciel, et je le dis tout bas : "Erra. (HUSTON, 2006, p. 482)

CAPÍTULO 1

LIGNES DE FAILLE E AS FALHAS NA HISTÓRIA

*Nos humanos, nenhuma verdade é evidente.
Todas elas são construídas por intermédio das ficções.
Nancy Huston*

Lignes de faille é um romance, como pudemos perceber pela introdução, construído com base em dois temas principais - História e Identidade. Nesse capítulo exploraremos a questão histórica desenvolvida no livro, levando em conta que os narradores dos quatro capítulos do romance são crianças de seis anos da mesma família; estas mostraram os períodos históricos a partir de sua perspectiva.

Por serem crianças, inocência e pureza era o que poderia se esperar de sua narração mas, como se observa já a partir da apresentação do primeiro personagem, nenhum clichê de infância vai ser representado nesse livro. Muito pelo contrário, somos surpreendidos pela maturidade, às vezes assustadora, com que essas crianças lidam com as situações às quais são impelidas. É dessa forma que Solomon, por meio de suas incursões secretas ao Google, no computador de sua mãe, vê as imagens mais chocantes da Guerra no Iraque e constrói uma imagem mais dramática daquilo que acreditamos ter sido o fato histórico, aquilo que quisemos ver e aquilo a que tivemos acesso. Desde o ataque às Torres Gêmeas, vemos o cenário no qual se desdobram os acontecimentos no Iraque –ódio dos americanos pelos árabes, que o pai de Solomon, Randall, representa muito bem; o clima de insegurança gerado pelo ataque terrorista, que afeta o mundo inteiro até os dias atuais, mais de dez anos após o ataque às Torres Gêmeas, gerando ele mesmo a Guerra no Iraque e também o desenvolvimento de projetos como aquele no qual Randall se sente orgulhoso de participar: a construção de robôs militares como o Talon.

Já Randall, quando criança, é levado em meio do turbilhão de acontecimentos que culminam no Massacre de Sabra e Chatila pela mudança da família, de Nova York para Haifa, em Israel, para que Sadie, sua mãe, pudesse encontrar informações necessárias para o seu doutorado, que repousam no passado de Kristina na Alemanha de Hitler. Os acontecimentos são construídos pelo envolvimento do pai do garoto, Aron,

com o que acontecia no Líbano, e poderia até mesmo ser avistado nas partes altas da cidade; pelas brigas que os pais tinham por Aron discordar do posicionamento de Israel em relação à Guerra do Líbano, enquanto Sadie prefere dizer que os árabes começaram tudo, com ataques terroristas; além de Nouzha, a garota árabe que Randall conhece quando entra para a escola judaica em Haifa, que traz mais dúvidas para sua cabeça já dividida entre o pai e a mãe. Nouzha lhe ensina que Israel é na verdade a Palestina, país, segundo suas palavras, invadido pelos judeus.

Assim, podemos perceber como Nancy Huston pretende mostrar a História, não como uma verdade imutável e fechada em si, mas sim como verdades plurais, verdades a partir de um ponto de vista. Sem deixar de mostrar o que seriam os dois lados da história, a autora desestabiliza inúmeros conceitos que, no senso comum, acreditamos serem absolutos, nos fazendo refletir sobre como os acontecimentos têm diferentes pontos de vista, colocando em questão a existência de uma História objetiva e absoluta. Não se pretende criar dicotomias ao mostrar os dois lados, muito menos fazer a escolha de uma "verdade", o que contradiria a leitura pretendida. Apreendemos, através da leitura, como os acontecimentos ganham mais profundidade e complexidade na medida em que se vê a opinião – contrária, às vezes contraditória – de cada lado, e é justamente isso que se pretende enxergar, por meio da crítica pós-moderna sob a qual tencionamos ver o romance: como alargamos nossa visão ao problematizarmos as dicotomias de bem/mal, certo/errado, verdade/mentira e, principalmente, ficção/ história.

O sentimento de divisão do pequeno Randall frente às diferentes opiniões daqueles a quem ama ilustram isso: o pai, judeu, discorda das atitudes de Israel; a mãe, convertida ao judaísmo depois de casar com Aron, defende a posição de Israel e acusa Aron de sempre achar Israel culpado; e Nouzha, dizendo sempre coisas contrárias ao dito por sua mãe, deixando-o completamente perdido em relação ao que acreditar. Naturalmente, por se tratar de uma criança, ele não entenderá que todas essas opiniões fazem parte do mesmo acontecimento e sente necessidade de uma explicação clara, de uma verdade única, mas ainda assim ele tenta encontrar um meio termo através do qual pudesse conciliar o seu amor por eles sem determinar de que lado ele preferiria estar.

Sadie, por ter uma infância muito regrada enquanto morava com os avós, no Canadá, tinha contato com o que acontecia no mundo somente por meio do telejornal visto em companhia do avô, além dos alertas de bomba atômica na escola, que mostram como era tenso aquele período da Guerra Fria. Apesar de já ser uma ávida leitora com a

idade de seis anos, ela ainda não tinha conhecimentos históricos e não compreendia o que se passava no mundo até ir morar em Nova York com sua mãe e Peter, com quem ela aprende muitas coisas e, por nunca ter conhecido seu verdadeiro pai, passa a considerá-lo como tal. Os jornais tornam-se seu acesso ao conhecimento e, mesmo que sua narração não enfoque tanto os aspectos históricos, sobretudo se levarmos em conta os dois capítulos precedentes, ainda se pode apreender o que acontecia naquele momento histórico – mísseis soviéticos em Cuba, a chamada Crise dos mísseis, consequência da Invasão da Baía dos Porcos; a reação de Kennedy, ao não se resignar, culminando no momento de maior tensão da Guerra Fria.

No entanto, no final do capítulo podemos observar como a História passa a ser importante para Sadie, pois ela descobre que sua mãe teve uma infância alemã e essa será a jornada empreendida por ela para descobrir sobre o passado da mãe e da família. A História passa a ser primordial para a construção da identidade enquanto família, assim como da identidade pessoal de Sadie.

O último capítulo, narrado por Kristina, descreve sua infância na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, até finalmente todas as peças do confuso passado, investigado e descoberto por Sadie, serem colocadas juntas e entendermos o silêncio e a música de Kristina que, como adulta e cantora famosa, é chamada de Erra. Sendo ela e Janek crianças roubadas de suas famílias para "germanização" nos centros chamados *Lebensborn*, as fontes de vida, onde nasciam crianças "arianas" e educavam crianças roubadas de suas famílias de zonas ocupadas pela Alemanha para expandir a "raça ariana",- vemos como poderia ter sido a história de centenas de crianças durante esse período.

O mais importante, no entanto, é que a História não serve como simples pano de fundo para os acontecimentos. Ficção e História estão entrelaçadas na construção do romance; por isso refletiremos sobre ele como uma metaficção historiográfica, com as contradições tão comuns ao pós-modernismo. Não pretendemos dar respostas definitivas para os questionamentos abertos pela narrativa, nem traçar os limites que separam um do outro, e sim mostrar que também ficção e História, como qualquer outra elaboração humana e qualquer resposta e sentido que possa ser construído a partir desses questionamentos, são produzidos por nós mesmos e não emanam de uma verdade absoluta.

1.1. História e Ficção

A definição de História que pretendemos usar se apoia, em um primeiro momento, naquela usada por Hutcheon (1991) para formular seu conceito de metaficção historiográfica – história (e ficção) como criações humanas. Uma vez que o passado só pode ser conhecido por meio de textos, os questionamentos trazidos pela visão pós-modernista são aqueles encontrados e investigados em *Lignes de faille*, que relacionamos aos dizeres de Hutcheon:

questões levantadas pela metaficção historiográfica: questões como as da forma narrativa, da intertextualidade, das estratégias de representação, da função da linguagem, da relação entre o fato histórico e o acontecimento empírico, e, em geral, das conseqüências epistemológicas e ontológicas do ato de tornar problemático aquilo que antes era aceito pela historiografia – e pela literatura – como uma certeza. (HUTCHEON, 1991, p. 14)

É dessa forma que tencionamos olhar para o romance: à luz de uma nova definição de História, necessária para essa leitura. Não se pretende negar o passado, nem fazer uso dele para um retorno nostálgico – mas sim para reinterpretá-lo.

Nancy Huston, em seu livro de ensaios *A espécie fabuladora*, vai um pouco além dessa definição e, como ela, pretendemos aprofundar nossas leituras acerca da História e, sobretudo, da construção da História. Em suas reflexões, ela considera que "Cada país conta tanto a sua História como todas as outras histórias pela versão que lhe convém e que o mostra do modo mais lisonjeiro" e conclui: "O que nos ensinam sobre a nação, a descendência etc. não é real, mas ficção. Os fatos foram cuidadosamente selecionados e dispostos para resultar em uma narrativa coerente e edificante." (HUSTON, 2010, p. 68). O que podemos apreender dessa definição e nos servirá para a nossa interpretação do romance *Lignes de faille* é justamente como os fatos históricos podem ser reinterpretados e reorganizados de forma a mostrar outras partes dessa narrativa histórica abandonadas, "esquecidas". Assim, mesmo um período histórico tão revisitado e revirado como a Segunda Guerra, ainda pode trazer à luz eventos desconhecidos, como nos mostra o irrompimento, na escrita de Nancy Huston, de algo tão aterrorizante quanto a instituição do *Lebensborn*.

Ao pensarmos em História como ficção – e em *Lignes de faille* como metaficção historiográfica – não esperamos resgatar todas as histórias das crianças que sofreram a

perda de sua família para serem levadas para a Alemanha, nem de todas as pessoas massacradas em Sabra e Chatila, nem de todas as mortes ocasionadas pela Guerra no Iraque, apagadas e esquecidas pelo tempo. Isso não seria humanamente possível, mesmo que o escritor, ao escrever, adquirisse poderes tão criadores e destrutivos como aqueles que atribuiríamos a Deus. Segundo Nancy Huston: "Toda narrativa histórica é fictícia na medida em que conta apenas uma parte da história. Apenas Deus poderia contar toda a história; mas Deus, sendo atemporal, não sabe contar histórias." (HUSTON, 2010, p. 68).

Perdida a ilusão de totalidade da verdade, esperamos problematizar os fatos, lembrar que eles existiram e refletir sobre a necessidade de falar sobre acontecimentos históricos na ficção pós-moderna:

Mais do que negar, ela contesta as "verdades" da realidade e da ficção – as elaborações humanas por cujo intermédio conseguimos viver em nosso mundo. A ficção não reflete a realidade, nem a reproduz. Não pode fazê-lo. Na metaficção historiográfica não há nenhuma pretensão de mimese simplista. Em vez disso, a ficção é apresentada como mais um entre os discursos pelos quais elaboramos nossas versões da realidade, e tanto a elaboração como sua necessidade são o que se enfatiza no romance pós-modernista. (HUTCHEON, 1991, p. 64).

1.2. Solomon e a Guerra no Iraque

A narrativa de Solomon mostra, desde a primeira página, uma criança de seis anos bem diferente do que se poderia imaginar: ele já acredita ser um gênio, escolhido por Deus e, dessa forma, precisa se cuidar muito bem para poder realizar aquilo que Deus tem planejado para ele.

Essa forma de se enxergar faz com que Sol/Solly (como seus familiares costumam chamá-lo) tenha um conhecimento impressionante sobre os acontecimentos mundiais e, mesmo com a superproteção dos pais, veja e entenda coisas que deixariam adultos chocados. O ataque às Torres Gêmeas no 11 de setembro de 2001 ainda é lembrado por ele, apesar de sua pouca idade - ele só tinha 3 anos quando seu pai o chamou para "ver na televisão as torres desabando enquanto ele exclamava 'Árabes fodidos' e tomava a sua cerveja". (HUSTON, 2008, p. 20)³⁷.

³⁷ [...] regarder les tours s'écrouler encore et encore à la télé en disant "Putains d'Arabes" et en buvant de la bière. (HUSTON, 2006, p. 26)

Presenciando esse tipo de comportamento do pai, Sol, desde muito pequeno, não usa com remorso o computador da mãe para aprender o que se passa no "mundo real", como ele mesmo diz. Deixando de lado o seu computador infantil com jogos educativos, ele usa o Google para ver imagens da Guerra no Iraque; seu site favorito, o "sanglotweb" – websolução – apresenta imagens de meninas e mulheres sendo estupradas, cadáveres de soldados iraquianos, coisas que não o deixam assustado, e sim excitado.

Enquanto Tessa, sua mãe, controla até mesmo o que Sol pode ver na tv: "sim para *Pokemon* e não para *Inu-yasha*, sim para *Os ursinhos Gummi* e não para *Os Simpsons*". (HUSTON, 2008, p. 23)³⁸, o garoto tem como ídolo Arnold Schwarzenegger, não como governador da Califórnia, mas como o *Exterminador do Futuro*; sua indestrutibilidade nos filmes – aos quais Sol assiste na casa de seu amigo – o tornam o modelo para superar os seus medos, principalmente o de sua operação para retirar um sinal de nascença, considerado, por ele, seu único defeito, mas que todos os narradores do romance têm em diferentes lugares do corpo.

Com esse personagem tão insólito, Nancy Huston recria criticamente o período, por meio de vários fatos trágicos e marcantes expostos com uma normalidade tão assustadora por uma criança de seis anos que se tornam ainda mais chocantes e vivos em nossa memória. Menções à Guerra são feitas pelos pais de Sol, pelo pastor da igreja por eles frequentada; os jornais apresentam fotos de Abu Ghraib – e fazem com que Tess fique sem comer por estar se sentindo mal – e Sol, por sua vez, reage ao acontecimento recriando a cena com seus brinquedos: "Depois da escola fico na varanda com os meus Playmobil, que disponho em uma pirâmide como em Abu Ghraib e dou choques neles e obrigo-os a se enrabarem arquejando e cavalgando enquanto zombo deles como Lynndie England." (HUSTON, 2008, p. 44)³⁹.

Abu Ghraib é uma cidade iraquiana, próxima de Bagdá, cuja prisão abrigou as torturas de militares americanos contra os detentos iraquianos e que causaram enorme polêmica mundial, descritas em *Lignes de faille*. Aparecendo primeiramente na revista *The New Yorker* e no programa televisivo americano *60 minutes*, as imagens surpreendem e chocam ainda mais quando os responsáveis pela tortura, jovens militares

³⁸ oui pour *Pokémon* et non pour *Inuyasha*, oui pour *Les ours Gummi* et non pour *Les Simpsons*" (HUSTON, 2006, p. 31)

³⁹ Après l'école je vais sous la véranda avec mes Playmobil et les entasse en pyramides comme à Abou Ghraïb et les accroche à l'électricité et les oblige à s'enculer en haletant et en poussant pendant que moi je me moque d'eux en rigolant comme Lynndie England. (HUSTON, 2006, p. 69)

americanos que posam com sorrisos e com sinais de aprovação nas fotos, aparentam indiferença e normalidade quando questionados sobre o seu comportamento. Lynndie England, soldado americana que mais apareceu na cobertura do caso pela mídia, parece nem mesmo ter consciência de seus erros por ocasião da confissão de culpa, reproduzida no livro do procurador do exército americano, Christopher Graveline e do investigador Michael Clemens. Em relação ao incidente do detento preso à coleira, uma das imagens mais vistas do acontecimento:

"Você estava lá para constranger e humilhar o detento ao se colocar ao seu lado e ter sua foto tirada?"

"Sim, senhor."

"Você poderia ter soltado a coleira e ido embora?"

"Eu poderia, sim, senhor."

"Quando você percebeu a câmera, antes que qualquer foto fosse tirada, você poderia ter ido embora?"

"Sim, senhor."

"Você escolheu não ir?"

"Sim, senhor."

A indiferença de England espantou Graveline. Uma imagem que chocou o mundo parecia provocar um dar de ombros na jovem soldado. "É assim que as coisas são" era o que ela parecia pensar. (GRAVELINE; CLEMENS, 2010, p. 258-259 tradução nossa)⁴⁰.

Os soldados envolvidos nos casos de tortura, tendo ou não somente cumprido ordens de superiores, foram a julgamento e tiveram decretadas penas desde a expulsão do Exército até dez anos de prisão. No entanto, a atitude deles, como a de Lynndie England, e a de Sol que encontra nela mais um estímulo para seus próprios desvios, mostra como esses comportamentos, mesmo extremos, não estão longe da realidade vivida no mundo contemporâneo: ocorre uma objetificação do corpo, muito paradoxal; ao mesmo tempo em que ele é visto como objeto, e é amplamente cultuado, ainda se é capaz de olhar para o Outro como um objeto descartável. Sobre isso fala Terry Eagleton em suas considerações sobre o sujeito: "O sujeito pós-moderno, diferentemente de seu ancestral cartesiano, é aquele cujo corpo se integra na sua identidade." (EAGLETON,

⁴⁰ "Were you there to embarrass and humiliate the detainee by standing there and having your picture be taken?"

"Yes, sir."

"Could you have dropped the leash and walked away?"

"I could've, yes, sir."

"When the camera came out, before any pictures were taken, could you have walked away?"

"Yes, sir."

"Did you choose not to?"

"Yes, sir." England's nonchalance amazed Graveline. An image that had shocked the world seemed to draw a shrug from the young soldier. "It is just as it is" seemed to be her thinking.

1998, p. 72). E, ao mesmo tempo em que o corpo faz parte da identidade, contraditoriamente, na ficção contemporânea: "Existem corpos mutilados aos montes, mas poucos subnutridos." (EAGLETON, 1998, p. 74).

Embora o caso de Abu Ghraib não seja mostrado em detalhes, a forma como é reconstruído, sendo encenado com os brinquedos de uma criança de seis anos, mostra o quanto a crítica do romance em relação ao acontecimento pretende ser chocante, não de uma forma sensacionalista como foi tratado pela mídia, mas sim em toda a crueza de uma maldade constantemente perpetuada pelas imagens nos jornais, pelas fotos e pelos vídeos que ainda circulam pela internet. Sendo o romance uma metaficção historiográfica, podemos perceber como os fatos históricos, mesmo os secundários em relação aos grandes acontecimentos que marcam os anos narrados por cada personagem aparecem para mostrar toda a cadeia de acontecimentos gerando outros acontecimentos: após as torturas de Abu Ghraib, divulgadas no final de abril, Solomon assiste, em seu site favorito, a decapitação de Nick Berg.

O grupo militante islâmico Muntada al-Ansar publicou em seu site, no dia 11 de maio de 2004, o vídeo em que cinco homens encapuzados clamam por retaliação pelos maus tratos dos detentos de Abu Ghraib e, com ameaças de continuarem a assassinar americanos dessa forma, decapitam um homem identificado posteriormente como Nicholas Berg, de West Chester, Pennsylvania.

Fico sabendo que Nick Berg foi decapitado. [...] a notícia aparece um dia no meu site preferido, o websoluço, bem ao lado dos pedaços de cadáveres iraquianos e das mulheres violadas pelos cachorros. "Clique aqui para ver a decapitação de Nick Berg", então eu cliço. "Atenção: essas imagens são MUITO EXPLÍCITAS!" Não conheço direito a palavra *explícito*, mas sem dúvida quer dizer que se pode ver realmente o que está acontecendo, então cliço de novo. Vejo Nick Berg num uniforme laranja, sentado com um bando de árabes em torno de uma mesa, depois um dos árabes se levanta com um facão, se coloca atrás de Nick Berg e lhe corta completamente o pescoço e depois levanta a cabeça dele segurando-a pelos cabelos. (HUSTON, 2008, p. 44-45)⁴¹.

A descrição da facilidade com que imagens tão abaladoras, dessa vez o vídeo de um americano a trabalho no Iraque, sequestrado e assassinado de forma tão brutal, são

⁴¹ Ensuite Nick Berg se fait décapiter. [...] ça apparaît un beau jour sur mon site préféré le sanglotweb, juste à côté des bouts de cadavres irakiens et des femmes violées par les chiens. "Cliquez ici pour la vidéo de la décapitation de Nick Berg", alors je clique. "Attention : ces images sont TRÈS EXPLICITES !" Je ne connais pas bien le mot *explicite*, c'est sans doute qu'on voit vraiment ce qui se passe, alors je clique à nouveau. On voit Nick Berg dans un uniforme orange, assis avec une bande d'Arabes autour d'une table, ensuite un des Arabes se lève avec un grand couteau, il se met derrière Nick Berg et lui tranche complètement la gorge, puis il brandit sa tête en la tenant par les cheveux. (HUSTON, 2006, p. 70)

divulgadas e estão a um clique de distância de qualquer um, inclusive de uma criança de seis anos, põe em questão a própria brutalidade que pode decorrer da tecnologia no atual estado: temos acesso a uma enorme quantidade de informações e imagens e não se tem mais capacidade de filtrá-las, nem mesmo com a atenção obsessiva que os pais de Sol têm para com ele. Mesmo nos detalhes, podemos perceber como os fatos históricos são amplamente questionados no romance – verdades talvez indiscutíveis como o progresso que derivaria do fácil acesso à informação e, principalmente, a forma como lidamos com as informações desde crianças também compõem a construção desses questionamentos.

A narrativa de Solomon pode nos causar certo desconforto, justamente pelo fato de ele estar sempre em contato com essas tragédias de seu tempo e de não ter o tipo de reação que acreditaríamos que uma criança de seis anos teria diante de tais acontecimentos. Porém, alguns vestígios explicam suas atitudes, como sua reação à decapitação de Nick Berg: ele se pergunta se Deus poderia consertá-lo quando ele chegasse ao Paraíso, da mesma forma como os humanos consertam os dentes, conseguem novos rins. E, em seguida, compara essa tragédia a uma cena cômica do filme *Star Wars: O ataque dos clones*, na qual um dos robôs é decapitado e consertado por outro robô. Fica claro que, para Sol, não há uma separação bem definida entre realidade e ficção.

Por essa razão vemos Sol se comparar a Jesus, por se pensar especial e achar que a superproteção dos pais decorre do fato de eles o saberem escolhido por Deus. Até os menores hábitos da família reforçam essa ideia: a casa toda protegida para ele não se machucar; a proibição de receber punições físicas; os aplausos depois da oração das refeições, desde que era bebê e disse amém pela primeira vez.

Em *A espécie fabuladora*, Nancy Huston afirma: "O que lhes contam [às crianças] sobre reis de verdade ganha cores dos reis dos contos de fadas; e o que lhes dizem sobre o Deus Pai influencia a sua percepção do seu próprio pai, e *vice-versa*." (HUSTON, 2010, p. 70). Isto acontece com Solomon; mesmo a explicação para a necrose pós cirúrgica estimula o seu comportamento superior. Sua mãe explica: "Há diferentes raças de micróbios, você entende, assim como há diferentes raças de seres humanos" (HUSTON, 2008, p. 50)⁴². Randall vai mais longe em sua comparação,

⁴² Il y a de différentes races de microbes, tu vois, comme il y a différentes races d'êtres humains. (HUSTON, 2006, p. 80)

fazendo referência às ofensivas contra a cidade de Falluja, dominada por insurgentes até a Segunda Batalha de Falluja, entre novembro e dezembro de 2004: "É como os rebeldes no Iraque, diz papai. São incontrolláveis, então, se queremos impedir que o terrorismo se espalhe, é preciso entrar em Faluja e matar todo mundo." (HUSTON, 2008, p. 50)⁴³.

Outro conceito decisivo para a compreensão dos fatos históricos, não só aqueles narrados no romance, mas que explica de forma magistral o comportamento humano em face das adversidades é o de Arque-texto. Huston elabora e explora esse conceito, definido por ela como: "*Você é dos nossos. Os outros são inimigos.* Esse é o Arque-texto da espécie humana, arcaico e arquipoderoso. Estrutura de base de todas as narrativas primitivas, desde *A guerra do fogo* até *A guerra nas estrelas*." (HUSTON, 2010, p. 65). Com esse conceito em mente somos convidados a pensar a Guerra no Iraque (e também a Guerra do Líbano, a Guerra Fria e a Segunda Guerra Mundial que serão tratadas nos demais capítulos do romance):

Assim que uma nação se sente ameaçada e humilhada (como a Alemanha depois do Tratado de Versalhes, ou os Estados Unidos depois dos atentados de 11 de Setembro), ela tende de modo espontâneo – e perigoso – a voltar ao Arque-texto.

As más ficções engendram o ódio, a guerra, os massacres. Podemos torturar, matar, morrer por uma má ficção.

Isso acontece todos os dias. (HUSTON, 2010, p.72).

A má ficção na qual Randall acredita fica bem clara quando sua mãe, Sadie, preocupada com a saúde de Sol, deixa Israel para visitá-los na Califórnia, e o garoto ouve a conversa dos dois sem que eles se deem conta. Sol, sempre preocupado por uma possível participação na Guerra no Iraque, não pode se conter de felicidade ao ouvir que o pai trabalha no projeto de desenvolvimento de robôs militares: o Talon. Segundo a página da internet da empresa QinetiQ, idealizadora dos robôs, há várias especificações e usos dos robôs Talon, com modelos os quais realizam desde o reconhecimento e detecção de artefatos explosivos, até aqueles com armamento de combate.

Randall descreve com paixão as vantagens dos Talon em relação aos humanos; estas se resumem em não morrer, não ter necessidades físicas nem psicológicas e não ter sentimentos. Sadie julga que ele está descrevendo o perfeito nazista. A resposta de

⁴³ "C'est comme les rebelles en Irak, dit papa. Ils sont incontrôlables, donc si on veut empêcher le terrorisme de s'étendre, il faut entrer dans Fallujah et tuer tout le monde." (HUSTON, 2006, p. 81)

Randall mostra o quanto ele está comprometido com essa má ficção: ele tem consciência de que o treinamento militar desumaniza o inimigo, mas ainda assim continua acreditando nele e se sentindo orgulhoso de fazer parte desse cenário.

Temo que isso não seja válido apenas para os nazistas, mãe. É o bê-á-bá do treinamento militar. Essas idéias foram inculcadas em todos os soldados da história da humanidade, de Gilgamesh a Lyndie England. Você acha que é diferente para o seu querido Tsahal? Você acha que ao inspecionar as tropas o Sharon diz: "Bem, senhoras e senhores, não se esqueçam, hein? Os palestinos são seres humanos exatamente como vocês. Então, quando vocês largarem bombas em Ramallah, pensem com carinho em cada uma das suas vítimas, homem, mulher ou criança..."(HUSTON, 2008, p. 58-59)⁴⁴.

Figura 01: Um dos modelos dos robôs militares Talon. Crédito: QinetiQ/ Divulgação.



O primeiro capítulo serve, dessa forma, para mostrar como as ficções e os fatos históricos usados por cada narrador-personagem na construção de sua narrativa estão entrelaçados não só em si mesmos, mas também na própria elaboração de suas identidades, e como essa família está comprometida com os fatos históricos que lhes são constitutivos.

1.3. Randall e a Guerra do Líbano

Desde o começo da narrativa de Randall, percebemos uma enorme diferença no tom do texto: parece, realmente, que uma criança de seis anos está narrando os acontecimentos, aprendendo coisas simples como a duração do ano, passeando no

⁴⁴ — Je crains que ça ne se limite pas aux nazis, maman. C'est le b. a. -ba de l'entraînement militaire. On a inculqué ce même message à tous les soldats de l'histoire humaine, de Gilgamesh à Lyndie England. Tu crois qu'il en va autrement pour ton précieux Tsahal ? Tu crois qu'en inspectant ses troupes, Sharon leur dit: «Bon alors, n'oubliez pas, n'est-ce pas, messieurs dames ? Les Palestiniens sont des êtres humains exactement comme vous, alors quand vous lâchez des bombes sur Ramallah, ayez une pensée attendrie pour chacune de vos victimes, homme, femme ou enfant... » (HUSTON, 2006, p.97)

Central Park e jogando baseball com seu pai, Aron. O texto parece mais leve, pois Randall é uma criança calma, no entanto tem medo de decepcionar os pais, que sempre encontram motivos para brigas, sendo um deles, o principal: os judeus e a tendência de Sadie de sempre defender seus posicionamentos e dogmas.

Convertida ao judaísmo desde seu casamento com Aron, um dramaturgo na casa dos quarenta anos, Sadie é uma jovem conferencista e doutoranda em história, cujas pesquisas sobre a Alemanha da Segunda Guerra Mundial levam ao conhecimento dos *Lebensborn*, acontecimento histórico que permeará todo o romance: "— As pessoas ignoram *tudo* sobre essa história, Aron [...] Elas conhecem os campos de concentração, mas não isso. Nada, nada. [...] Duzentas mil crianças! Raptadas! Roubadas! Arrancadas das suas famílias no Leste Europeu..." (HUSTON, 2008, p. 91)⁴⁵.

A partir desse momento, Sadie se vê impelida a aprofundar suas pesquisas, passando cada vez menos tempo com seu filho, para quem ela justifica sua viagem para a Alemanha, sabendo que sua mãe, Kristina, tem um passado alemão: "Também estou fazendo isso por você, sabe como é... Não podemos construir um futuro se não conhecemos a verdade sobre o passado. Não é mesmo?" (HUSTON, 2008, p. 92-93)⁴⁶. Além do trabalho intelectual, podemos perceber que, para Sadie, essa também era uma busca pessoal, para saber sobre o passado de sua própria família:

Para mim, esse mal não é uma espécie de abstração. Está ligado à minha mãe! Mesmo agora, ela se recusa a me falar da sua infância na Alemanha. Foi preciso quinze anos para ela admitir que o Janek era uma criança roubada, e não adotada; vinte anos para arrancar o nome da irmã alemã dela e o da cidade em que ela mora; preciso saber *mais*, você não pode entender isso? Preciso saber quem eram os meus avós! Se deram a eles um menino polonês para substituir o seu filho morto, é porque eles deviam ser nazistas ou pelo menos estar nas boas graças dos nazistas, *preciso saber!* (HUSTON, 2008, p. 93)⁴⁷.

Porém, essa busca leva ao conhecimento não só de que Kristina também era uma criança do *Lebensborn*, roubada de sua família ucraniana para viver na Alemanha, mas

⁴⁵ Les gens ignorent *tout* de cette histoire, Aron [...] Les camps, ils connaissent – mais ça, rien. Rien de rien. [...] "Deux cent cinquante mille enfants ! Enlevés ! Volés ! Arrachés à leur famille en Europe de l'Est..." (HUSTON, 2006, p. 157)

⁴⁶ Je le fais pour toi aussi, tu sais... On ne peut pas construire un avenir ensemble si on ne connaît pas la vérité sur notre passé. N'est-ce pas ?" (HUSTON, 2006, p. 159)

⁴⁷ Pour moi, ce mal n'est pas une espèce d'abstraction. Ça a à voir avec ma mère ! Même maintenant, elle refuse de me parler de son enfance en Allemagne. Il lui a fallu quinze ans pour admettre que Janek était un enfant volé, pas adopté ; vingt ans pour cracher le nom de sa soeur allemande et celui de la ville où elle habite ; j'ai besoin d'en savoir *plus*, tu ne peux pas comprendre ça ? J'ai besoin de savoir qui étaient mes grands-parents ! Si on leur a donné un petit Polonais pour remplacer leur fils mort, ils devaient être des nazis ou au moins dans les bonnes grâces des nazis, *j'ai besoin de savoir !* (HUSTON, 2006, p. 160-161)

também de que havia um especialista no assunto em Haifa, em Israel. Este poderia fornecer os documentos de que Sadie precisaria para sua tese. Esse especialista foi indicado pela srta. Mulyk a qual, por sua vez, foi descoberta por Sadie em sua visita à irmã alemã de sua mãe, Greta, enquanto ela fazia um trabalho de detetive, nas palavras de Aron.

A decisão de se mudarem para Haifa é então tomada por seus pais, no entanto, Sadie é a única à vontade com a situação e Aron, através da ironia, expressa sua opinião: "— De fato — diz o papai. — Israel está numa fase muito tranquila, já que mandou todos os seus soldados para o Líbano. (HUSTON, 2008, p. 115)⁴⁸. Aron sempre mostra com ironia seu posicionamento em relação às decisões israelenses sobre a Guerra do Líbano e também aos costumes e sofrimentos do povo judeu inserindo, de forma bem clara, uma das características atribuídas à metaficção historiográfica — a ironia como forma de considerar o passado (e o presente). Segundo a reflexão de Hutcheon, retomando Umberto Eco

o "jogo da ironia" está intrinsecamente envolvido na seriedade do objetivo e do tema. Na verdade, talvez a ironia seja a única forma de *podermos* ser sérios hoje em dia. Em nosso mundo não há inocência, ele dá a entender. Não podemos deixar de perceber os discursos que precedem e contextualizam tudo aquilo que dizemos e fazemos, e é por meio da paródia irônica que indicamos nossa percepção sobre esse fato inevitável. Aquilo que "já foi dito" precisa ser reconsiderado, e só pode ser reconsiderado de forma irônica. (HUTCHEON, 1991, p. 62).

Assim, Aron mostra sua forma particular de olhar para as tragédias suportadas no passado pelos judeus e, ao invés de revivê-las no presente, ele as recria de forma paródica, como a sua versão do Muro das Lamentações: "— Chega de lágrimas e lamentações [...] Dois mil anos está bom! Vou escrever uma peça chamada *O muro das gargalhadas*, é isso mesmo. Um lugar santo em que as pessoas possam se consolar contando piadas e curtindo. Uma hora por dia de risadas obrigatórias." (HUSTON, 2008, p. 116)⁴⁹.

Com sua forma crítica e ao mesmo tempo irônica de considerar não só o passado, mas também o presente, é Aron quem ensinará para Randall sobre a situação

⁴⁸ "— En effet, dit p'pa. Israël est un pays super-tranquille en ce moment, étant donné qu'ils ont envoyé presque tous leurs soldats au Liban." (HUSTON, 2006, p. 201)

⁴⁹ "Suffit, les larmes et les plaintes, dit p'pa. Deux mille ans, suffit ! Je vais écrire une pièce qui s'appelle *Le mur des Fous Rires*, voilà. Un lieu saint où les gens peuvent se consoler en racontant des blagues et en se fendant la patate. Une heure par jour de rigolade obligatoire, il dit. (HUSTON, 2006, p. 203-204)

no Líbano, que ele aprende ser um país próximo de Haifa, visível da *Panorama Street*: "Está vendo aquele pedaço de terra todo branco lá à esquerda? Aquilo lá é o Líbano. Está acontecendo uma guerra terrível lá, neste momento. O Reagan e o Begin enviaram tropas para os combates. Chamam-se forças de manutenção da paz, pois é preciso manter o senso de humor." (HUSTON, 2008, p. 118)⁵⁰. Reagan, então presidente dos Estados Unidos e Begin, primeiro ministro de Israel, começavam a tomar suas posições em relação à Guerra.

Enquanto Randall começa a se adaptar à nova cidade e escola, Sadie faz suas descobertas quanto aos *Lebensborn*. Ao mesmo tempo que a Alemanha era bombardeada e a população passava fome, nesses centros as mulheres grávidas recebiam todo tipo de alimento e assistência para darem à luz a crianças "arianas" para o Grande Reich. Apenas Aron não consegue se acostumar com o novo país; ele se preocupa com o que acontece no Líbano e diz não conseguir escrever comédias em um país em guerra. Sadie e Aron começam a ter um novo tema para suas brigas: a política:

A mamãe diz que foram os árabes que começaram tudo, ao fazer incursões terroristas no norte de Israel, então dava para ficar de braços cruzados? O papai diz que se queremos brincar de "quem é que começou", podemos recuar bastante: a Hitler, ao tratado de Versalhes, ao assassinato do arquiduque Ferdinando, à mãe do assassino, por que não? É culpa *dela* se as pessoas estão se matando no Líbano! (HUSTON, 2008, p. 120-121)⁵¹.

A essas opiniões divididas vem se acrescentar a visão de mais uma personagem, Nouzha, a amiga árabe de Randall na Hebrew Reali, sua escola. Aos nove anos de idade, Nouzha tem grande conhecimento histórico sobre seu país, compreende que os americanos apoiam os israelenses, sabe falar inglês e passa a compartilhar seus conhecimentos com Randall, a pedido dele. Quando Randall a conhece e acha que a semelhança entre eles é o fato de serem estrangeiros, a garota lhe responde: "[...] O verdadeiro nome deste país é Palestina. Sou árabe da Palestina, é o meu país. Os estrangeiros aqui são os judeus. [...] — Os judeus invadiram. Você é judeu e nem

⁵⁰ "Tu vois ce bout de terre tout blanc qui dépasse là-bas, à gauche ? Ça, c'est le Liban. Une guerre y fait rage en ce moment. Reagan et Begin ont envoyé des troupes pour se joindre à la mêlée. Ça s'appelle des forces de maintien de la paix, parce qu'il faut garder son sens de l'humour." (HUSTON, 2006, p. 207)

⁵¹ M'man dit que ce sont les Arabes qui ont tout commencé en faisant des incursions terroristes dans le Nord d'Israël, il fallait rester les bras croisés ? P'pa dit que si on veut jouer à ce petit jeu-là on peut remonter loin : à Hitler, au traité de Versailles, à l'assassin de l'archiduc Ferdinand, à la mère de cet assassin, tiens ! pourquoi pas ? C'est sa faute à elle si les gens s'entretuent au Liban en ce moment ! (HUSTON, 2006, p. p. 211-212)

conhece a história do seu próprio povo?" (HUSTON, 2008, p. 123)⁵². Nouzha apresenta, assim, a outra parte da História, aquela que vem desestabilizar a noção de História una, do senso comum.

Nouzha conta "a verdadeira história de Haifa"; esta acaba criando a divisão de Randall entre a mãe e Nouzha, já que, segundo a menina, Haifa vivia em paz até o sionismo acontecer: "Sionismo é quando os judeus decidiram voltar para Palestina onde moravam antes, esquecendo de um pequeno detalhe, ou seja, que vários milhões de palestinos viviam ali com os seus costumes e as suas tradições. [...] Às vezes eles entravam nas cidades árabes e assassinavam todo mundo, como em Deir Yassine. (HUSTON, 2008, p. 124)⁵³.

O massacre de Deir Yassine foi uma forma de afugentar os palestinos. Segundo *The Encyclopedia of the Arab-Israeli Conflict* (2008), o massacre foi amplamente divulgado pelas rádios israelenses e causou a fuga de milhares de árabes da Palestina. Não há um consenso quanto ao número de mortos no povoado de Deir Yassine; este variaria entre 120-150 pessoas. (p. 297). No entanto, quando Randall pergunta para os pais se era verdade que os judeus haviam invadido Israel, a reação imediata de Sadie é de admirar que alguém tenha colocado tal ideia em sua cabeça: "Os judeus não *invadiram* Israel, eles se *refugiaram* em Israel." (HUSTON, 2008, p. 127)⁵⁴. A resposta de Aron de que o país já estava povoado, faz Sadie exaltar-se: " — Depois de seis milhões de mortos em seis anos, para onde poderiam ter ido? O que poderiam fazer? Ficar ali tranquilamente sentados e dizer: 'Podem ir em frente, por favor, divirtam-se matando todos nós?'" (HUSTON, 2008, p. 127)⁵⁵.

Como podemos perceber, mesmo com opiniões tão contrárias sobre o mesmo fato, não se dicotomiza o que é verdade e o que é mentira; muito pelo contrário, ao mostrar como essas visões são condicionadas pelas posições histórica, identitária e cultural das personagens, não se é mostra a verdade sobre o fato, e sim uma verdade sobre ele dependendo de quem o olha, e com sua interpretação cria a sua própria

⁵² "[...] Le vrai nom de ce pays, c'est la Palestine. Moi je suis une Arabe de Palestine, c'est mon pays. Les étrangers ici, ce sont les juifs. [...] — Les juifs l'ont envahi. Tu es juif et tu ne connais même pas l'histoire de ton propre peuple ?" (HUSTON, 2006, p. 216)

⁵³ Ça, c'est quand les juifs ont décidé de revenir en Palestine où ils habitaient avant, en oubliant un petit détail à savoir que deux mille ans avaient passé et que plusieurs millions de Palestiniens vivaient là encore avec leurs coutumes et leurs traditions.[...] Parfois ils entraient dans les villages arabes et assassinaient tout le monde, comme à Deir Yassine. (HUSTON, 2006, p. 219)

⁵⁴ Les juifs n'ont pas *envahi* Israël, ils se sont *réfugiés* en Israël." (HUSTON, 2006, p. 223)

⁵⁵ "[...]Après six millions de morts en six ans, ils auraient dû aller où ? Ils auraient dû faire quoi ? Rester là tranquillement assis et dire « Allez-y, je vous en prie, amusez-vous, tuez-nous tous » ? " (HUSTON, 2006, p. 223)

verdade – muitas vezes incompatível com as outras *verdades* criadas a partir de outro ponto de vista.

É dessa forma que, mesmo a história construída ao longo do romance sobre o passado de Kristina/Erra e as origens da família, é contada por diferentes personagens e em diferentes tempos históricos – podemos perceber como cada personagem lida com essas descobertas e, principalmente, como a própria Erra soube lidar com seu passado: qual verdade ela acaba escolhendo para construir sua identidade.

No momento em que Sadie finalmente encontra os documentos sobre sua mãe, mostrando até mesmo a medição do seu sinal de nascença, as ocorrências no Líbano começam a tomar proporções mais graves. Aron, que se mantém informado, conta a Sadie: "— As últimas tropas francesas e italianas acabam de sair de Beirute, seguindo o exemplo dos americanos. [...] — Reagan e Begin colocaram o seu Gemayel no poder. [...] — Os tanques do Tsahal estão cercando Beirute Oeste." (HUSTON, 2008, p. 130)⁵⁶. A retirada das tropas americanas, italianas e francesas de Beirute acontece entre 10 e 13 de setembro e, no dia seguinte, o presidente libanês Bashir Gemayel é assassinado, três semanas após ser eleito, apoiado por Israel e pelos EUA, mas sem receber o apoio dos muçulmanos, por fazer parte das Falanges Libanesas, partido político cristão.

Randall, como Solomon, tem um sinal de nascença, com o qual tem uma relação especial. No dia anterior aos massacres, Randall desenha pessoas sem cabeças, sem membros, e sente que seu "atalef" – palavra em hebraico para morcego, como ele chama seu sinal – está alertando sobre algo que vai acontecer. No dia seguinte, pela manhã, ele encontra seu pai chorando na cozinha. Quando Sadie se junta a eles, Randall entende o que estava acontecendo:

Pouco a pouco começo a entender que os meus desenhos se tornaram realidade: retalharam os corpos das pessoas lá em cima no Líbano, há braços e pernas e cabeças que voam pelos ares, centenas de mortos milhares de corpos mortos crianças mortas cavalos mortos velhos mortos famílias empilhadas apodrecendo. — E isso continua — diz o meu pai. — Isso ainda está acontecendo neste momento! Eles estão massacrando todos os refugiados de Sabra e Chatila! Veja o que esta porra de país está fazendo! (HUSTON, 2008, p. 134)⁵⁷.

⁵⁶ "Les dernières troupes françaises et italiennes viennent de quitter Beyrouth, suivant l'exemple des Américains. [...] Reagan et Begin ont mis leur Gemayel en place. [...] Les tanks de Tsahal sont stationnés autour de Beyrouth-Ouest." (HUSTON, 2006, p. 227-228)

⁵⁷ "Peu à peu je comprends que mes dessins sont devenus réalité : on est en train de déchieter les corps de gens là-haut au Liban, il y a des bras et des jambes et des têtes qui volent dans l'air, des centaines de corps morts des milliers des corps morts des enfants morts des chevaux morts des vieillards morts des monceaux de familles qui empestent.

Foi entre 16 e 18 de setembro que ocorreram os massacres de Sabra e Chatila, campos de refugiados palestinos do Oeste de Beirute. A partir desse momento, Sadie e Aron passam a brigar ainda mais, buscando culpados pelos massacres que ainda continuavam a acontecer. Randall espera que Nouzha o tire da enorme confusão em que ele se encontra, porém, ao encontrá-lo, ela só diz que está deixando a escola e que eles serão para sempre inimigos, pois dezenove membros de sua família moravam em Chatila.

Esses acontecimentos trágicos transformarão Randall – principalmente o acidente de carro de Sadie, pouco tempo depois; ela ficará na cadeira de rodas para o resto da vida. Acompanhados dos comportamentos de Randall no primeiro capítulo, podemos perceber como esses fatos históricos vividos na infância serão decisivos para determinar as mudanças em sua personalidade e em sua forma de ver o mundo.

1.4. Sadie e a Guerra Fria

O capítulo narrado por Sadie enfoca menos o período histórico e, mesmo remetendo a uma época tensa, provavelmente a mais tensa de toda a Guerra Fria, que durou de 1945 a 1991, ela marca mais uma mudança no cenário mundial e uma ameaça do que uma guerra propriamente dita.

A narrativa de Sadie começa com a descrição de sua relação com os avós e a mãe. Por morar com os avós, a garota se sente muito insegura consigo mesma, pois ela acredita que se fizer tudo de forma correta, sua mãe irá gostar mais dela e a levará para morar com ela. Por isso, com o ambiente monótono da casa dos avós, o que ela descreve na maior parte do tempo são seus afazeres, etapa por etapa, como ela costuma fazer, pois sempre faz tudo com medo de errar. Numa dessas descrições, ela fala sobre os alertas de ataque nuclear: "Durante os alertas de bomba nuclear, quando é preciso se esconder debaixo das carteiras, não consigo ficar agachada durante mais de dez minutos, mas se fossem bombas atômicas de verdade caindo em cima da gente, seria preciso ficar ali durante horas, senão dias." (HUSTON, 2008, p. 152)⁵⁸.

"Et ça continue, dit mon père. Ça se passe en ce moment même ! Ils massacrent tous les réfugiés de Sabra et Chatila ! Regarde ce qu'il est en train de faire, ce putain de pays ! (HUSTON, 2006, p. 235-236)

⁵⁸ Pendant les alertes à la bombe nucléaire quand on doit se cacher sous nos pupitres, je n'arrive pas à rester accroupie pendant plus de deux minutes alors que si de vraies bombes atomiques nous tombaient dessus il faudrait rester là des heures sinon des jours. (HUSTON, 2006, p. 268-269)

Ao assistir o telejornal com o avô, ela descobre qual é a situação do mundo. No entanto, ela ainda não compreende muito bem o que está acontecendo, e chega até a pensar que um episódio como a Invasão da Baía dos Porcos tenha ligação com porcos de verdade:

Ficamos sabendo que Diefenbaker e Pearson encontraram um novo assunto de discórdia e que o muro de Berlim está completamente terminado e que o presidente Kennedy quer punir Cuba por ter capturado todos os porcos que ele mandou para lá no ano passado. Conflitos estão sempre estourando sem parar, praticamente em todo o mundo, não consigo compreendê-los, mas a cada vez que a mamãe está aqui eles são motivo para uma briga, ela fica por exemplo indignada que os Estados Unidos gastam uma fortuna para mandar foguetes ao espaço ao passo que milhões de seus próprios cidadãos são pobres e desempregados e negros, a minha tendência seria concordar com ela, mas a dos pais dela não, eles lhe perguntam se ela não estaria se tornando uma escória comunista. (HUSTON, 2008, p. 160)⁵⁹.

Podemos perceber como Sadie parece confusa com toda essa informação sendo rapidamente difundida e, mesmo sem conseguir compreender tudo o que se passa, ela ainda acha a opinião de sua mãe sempre mais compreensível. Primeiramente, ela se refere a Diefenbaker, primeiro ministro do Canadá em 1962 quando era oponente político de Pearson, que o sucederá em 1963. Em relação a Kennedy, ela provavelmente se refere aos esforços dos Estados Unidos para prejudicar Cuba, depois do fracasso na Baía dos Porcos, que culmina com embargos econômicos.

Quando Sadie conhece Peter, namorado e empresário de Kristina e logo depois seu marido, Sadie passa a aprender muitas coisas com ele, inclusive sobre os judeus: "- E o que é judeu? - Ah, depende. É uma longa história, com muitas reviravoltas e sem final feliz." (HUSTON, 2008, p. 178)⁶⁰.

Após o casamento de Kristina e Peter, Sadie vai morar com os dois em Nova York. Sua nova rotina inclui um passeio no domingo pela Orchard Street, rua de comércio tradicionalmente judeu, e café da manhã na delicatessen Katz's. Acostumada a ver todas as lojas fechadas no domingo de manhã, o barulho das pessoas ativas e de uma

⁵⁹ Là nous apprenons que Diefenbaker et Pearson ont trouvé un nouveau sujet de discorde et que le mur de Berlin est complètement achevé et que le président Kennedy veut punir Cuba d'avoir capturé tous les cochons qu'il a envoyés là-bas l'année dernière. Des conflits éclatent sans cesse, un peut partout dans le monde, je n'arrive pas à les comprendre mais chaque fois que maman est là ils déclenchent une dispute, par exemple elle s'indigne que l'Amérique dépense une fortune pour envoyer des fusées dans l'espace alors que des millions de ses propres citoyens sont pauvres et chômeurs et noirs, j'aurais tendance à être d'accord avec elle mais ses parents ne le sont pas, ils lui demandent si elle ne serait pas par hasard en train de devenir une racaille communiste. (HUSTON, 2006, p. 282-283)

⁶⁰ "— Et c'est quoi, juif ? — Eh ben, ça dépend. C'est une très longue histoire, avec beaucoup de rebondissements et pas de happy end." (HUSTON, 2006, p. 316-317)

língua diferente desperta a curiosidade de Sadie: "[...] e digo - É, notei que eles estão falando alemão. E [...] o papai me diz: - Não é alemão, Sadie, é iídiche. Eu pergunto: - O que é iídiche? Ele responde: - É a língua que antigamente os judeus da Europa Central falavam."(HUSTON, 2008, p. 195)⁶¹.

A escola judaica oferece novas possibilidades para Sadie e, por se sentir mais segura com sua nova identidade como Sadie Silberman (sobrenome judeu de Peter) passa a interagir mais com as outras crianças. Sem se sentir diminuída, usando seu conhecimento sobre geografia, ela consegue se aproximar delas: " Explico que venho do Canadá e eles mal sabem onde fica, o que é inacreditável, então eu digo que, na realidade, o Canadá é *maior* do que os Estados Unidos [...] - Em *superfície* é um pouco maior, mas vocês têm dez vezes mais habitantes do que nós. " (HUSTON, 2008, p. 196)⁶².

A partir dessa convivência com outras crianças ela descobre uma nova palavra: nazista. Uma brincadeira comum no recreio era de os meninos correrem atrás das meninas gritando "judia, judia!", enquanto estas gritam "nazista, nazista!". Após procurar no dicionário e não compreender o significado da palavra (partido político alemão) em relação à "brincadeira", ela pergunta a Peter, ao que ele explica:

- Os nazistas foram o aspecto mais desagradável da vida dos judeus.
- [...]- Os nazistas - explica - eram alemães que queriam que os judeus desaparecessem da face da Terra.
- Por quê?
- Porque eles eram judeus.
- Mas *por quê*, papai?
- Porque é mais fácil ensinar as pessoas a serem idiotas do que a serem inteligentes. Por exemplo, se dissermos às pessoas que todos os problemas delas vêm dos judeus, elas se sentem aliviadas porque é fácil entender isso. A verdade é *muito* mais complicada para a maioria das pessoas.
- Quer dizer que eles mataram os judeus? - Isso mesmo [...] (HUSTON, 2008, p. 198)⁶³.

⁶¹ [...] je dis "Ouais, j'ai remarqué qu'ils parlaient allemand" et, [...] papa dit "C'est pas de l'allemand, Sadie, c'est du yiddish" et je dis "C'est quoi le yiddish ?" et il dit "C'est la langue que parlaient jadis les juifs de l'Europe de l'Est. (HUSTON, 2006, p. 348)

⁶² Je leur dis que je viens du Canada et ils savent à peine où ça se trouve, ce qui est incroyable, alors je leur dis qu'en fait le Canada est *plus grand* que les Etats-Unis [...]"En *superficie* c'est un peu plus grand, mais vous avez dix fois plus d'habitants que nous.(HUSTON, 2006, p. 350)

⁶³ "Les nazis, c'était l'aspect le plus désagréable de la vie des juifs.[...] "Les nazis, il dit, c'étaient des Allemands qui voulaient que les juifs disparaissent de la surface de la Terre.

— Pourquoi?

— Parce qu'ils étaient juifs.

— Mais *pourquoi*, papa ?

— Parce qu'il est plus facile d'apprendre aux gens à être bêtes que de leur apprendre à être intelligents. Par exemple, si on dit aux gens que tous leurs problèmes viennent des juifs, ils sont soulagés parce que c'est facile à comprendre. La vérité est *beaucoup* trop compliquée pour la plupart des gens.

— Tu veux dire qu'ils les ont tués ?

Tendo por base esse conhecimento Sadie vai construir o seu entendimento do que são judeus e o que são nazistas, e ela o carregará para a vida toda. A busca por uma verdade, mesmo complicada, será sua motivação.

A última e mais importante passagem sobre o período da Guerra Fria fala sobre os mísseis em Cuba, e o medo de uma Terceira Guerra Mundial:

[...] o mundo está repleto de perigos, pois há mísseis soviéticos instalados em Cuba. A guerra fria corre o risco de esquentar, mas o presidente Kennedy decide ser firme e não tolerar os maus procedimentos dos russos. Na escola, obrigam a gente a fazer quase todos os dias um simulado de alerta de ataque aéreo e um monte de gente se prepara para a Terceira Guerra Mundial construindo abrigos nucleares. (HUSTON, 2008, p. 199)

No entanto, Peter e Kristina não partilham esse clima de pânico; assim, Sadie não se preocupa com o que vê em todos os jornais. Ela pouco sabe de seu passado: nunca conheceu o pai; descobre que a mãe morou na Alemanha quando criança, mas pensava ter origem canadense; tem muito menos acesso aos acontecimentos mundiais, por não estar no foco de conflitos armados que ocorriam mesmo naquele momento (como a Guerra de Independência da Argélia); é, contudo, a personagem de maior ligação com História quando adulta. Impelida a ela, descobrirá não só sobre o passado da família mas, principalmente, preencherá essas "falhas" e descobrirá a sua própria história.

1.5. Kristina e a Segunda Guerra Mundial

Inteligente e poética é a impressão dada por Kristina desde o início da narrativa. A contextualização histórica se dá com a descrição do local em que mora com a família, da qual faz parte a escola onde seu pai ensinava antes de ir para a guerra.

Como já temos todas as informações que construíram, capítulo por capítulo, a imagem da família, baseadas sobretudo nas pesquisas de Sadie, essa última parte explica e reconstrói com maior exatidão as circunstâncias em que Kristina viveu.

O capítulo mostra o desenrolar da guerra, até o momento da derrota da Alemanha e do desmantelamento do projeto de "germanização": assim vemos Kristina e Janek tendo a oportunidade de voltar para suas verdadeiras famílias.

No início, vemos uma Alemanha que resiste, mesmo após perder a França e a Inglaterra, como diz Kristina, – provavelmente depois do Dia D, quando a França foi invadida pelos Aliados, que conseguiram triunfar sobre o exército alemão estacionado na França. No entanto, o exército ainda recruta todos os homens com condição de lutar, inclusive o irmão de Kristina, Lothar, com apenas dezessete anos, o que causa muito sofrimento para sua irmã mais velha, Greta.

Percebemos a inteligência de Kristina quando ela descreve a oração feita pelo avô pedindo a proteção divina para seu pai e seu irmão na guerra: mesmo inconscientemente, ela percebe o caráter fictício da guerra, que faz com que cada lado se veja como o inimigo do outro – e como cada um constrói sua verdade.

O vô diz que às vezes não temos escolha, é preciso matar ou morrer. Durante a oração, ele pede a Deus que proteja o pai e o Lothar do inimigo e isso me incomoda pois certamente existem famílias russas que pedem a Deus para proteger os *seus* homens do inimigo, só que, quando elas dizem o inimigo, estão falando da gente e, na igreja, quando o padre diz que é preciso rezar por Hitler, penso nas pessoas que estão rezando pelo Guia delas, e eu consigo imaginar muito bem o pobre Deus que, lá em cima nas nuvens, está com a cabeça apoiada nas mãos e tenta agradar todo mundo e se dá conta de que simplesmente não é possível. (HUSTON, 2008, p. 216)⁶⁴.

Já no final do verão, a situação da Alemanha começa a piorar e, mesmo morando em uma cidade pequena, não se pode mais usar lâmpadas à noite, para evitar ataques aéreos. O avô de Kristina mostra sua opinião sobre o que ocorria na guerra naquele momento: "— O mundo inteiro está unido contra a Alemanha – ele me diz. — Você acha que é uma brincadeira? Imagine, minha pequena Kristina, que você sai para a rua e todas as crianças se unem para bater em você, você acha que isso seria uma brincadeira?" (HUSTON, 2008, p. 218)⁶⁵. Pode-se perceber a sensibilidade dos personagens: mais uma vez, não se pretende criar dualismos, entre inimigos e aliados, judeus e nazistas, os personagens construídos não são monstros, muito pelo contrário, provocam empatia por seus traços humanos.

⁶⁴ Grand-père dit que parfois on n'a pas le choix, il faut tuer ou être tué, un point c'est tout. Pendant la bénédicité il demande à Dieu de protéger père et Lothar de l'ennemi et ça me gêne parce qu'il y a sûrement des familles en Russie qui lui demandent de protéger *leurs* hommes de l'ennemi sauf que quand ils disent l'ennemi ils parlent de nous, et à l'église quand le prêtre dit qu'il faut prier pour Hitler je pense aux gens dans les églises russes qui prient pour leur Guide à eux et je peux imaginer le pauvre Dieu qui, là-haut dans les nuages, se prend la tête dans les mains et essaie de faire plaisir à tout le monde et se rend compte que ce n'est tout simplement pas possible. (HUSTON, 2006, p. 387)

⁶⁵ Le monde entier se ligue contre l'Allemagne, il me dit. Tu trouves que c'est du jeu ? Imagine, ma petite Kristina, que tu sortes dans la cour et que tous les autres enfants se liguent contre toi pour te taper dessus, tu trouves que ça serait du jeu ? (HUSTON, 2006, p. 391-392)

Após a morte de Lothar, no dia do aniversário de Kristina, a família sofre cada vez mais com a guerra. Um dia, após uma briga por causa da boneca recebida por Greta no Natal e era o brinquedo favorito de Kristina, que não tinha permissão para brincar com ela, Greta lhe diz que ela foi adotada. A partir desse momento, Kristina passa a desconfiar de si mesma e de sua família, comparando a fisionomia da mãe, do pai, dos avós, dos irmãos com a sua, sem saber em quem acreditar, mesmo que Greta tenha desmentido a história, alegando ser algo inventado no momento de raiva.

A confirmação de suas suspeitas acontece com a chegada de "Johann", o novo membro da família, que a mãe de Kristina explica para as filhas ser um órfão da guerra, a ser tratado como se fosse o irmão delas. Enquanto sua mãe fala com elas sobre Johann, Kristina sente o olhar de Greta: "[...] viro a cabeça para a esquerda e a Greta está me encarando. Isso não dura mais do que um segundo, mas a sua mensagem me atinge como um raio: Você está vendo? É a segunda vez. A primeira foi você. (HUSTON, 2008, p. 234)⁶⁶.

Quando Johann chega à casa, Kristina fica muito animada para conversar com ele, porém, o garoto não diz uma palavra a ninguém. Ele só abre a boca para falar com Kristina quando ela diz também ser adotada, e começam a criar uma cumplicidade: ele diz ser polonês, seu nome é Janek e ele não foi adotado; assim como ela, foi roubado de sua família.

Com suas conversas escondidas, Kristina passa a aprender como Janek foi levado de sua família, e eles presumem que o mesmo ocorreu com Kristina, ou Krystka, como Janek passa a chamá-la, julgando-a também polonesa: "— Eles devem tê-la roubado quando você era bebê, antes que você começasse a falar. Devem ter arrancado você dos braços da sua mamãe. Eu vi eles fazendo isso, Krystka, e mais de uma vez..." (HUSTON, 2008, p. 241)⁶⁷.

Em seguida, Janek conta com detalhes como ele foi abordado por freiras vestidas de marrom que, com doces nas mãos, atraíam as crianças com aparência ariana na saída da escola. Os escolhidos eram levados de Szczecin para Kalisz, onde, separados os meninos das meninas, começavam os testes para determinar se eles passariam pelo processo de germanização.

⁶⁶ "[...] je tourne la tête à gauche et Greta me fait des gros yeux. Cela ne dure qu'une seconde mais son message me frappe de plein fouet : Tu vois ? C'est la deuxième fois. La première, c'était toi." (HUSTON, 2006, p. 422)

⁶⁷ — Ils ont dû te voler quand tu étais bébé, avant d'apprendre à parler. Ils ont dû t'arracher aux bras de ta maman. Je les ai vus faire ça, Krystka, plus d'une fois..." (HUSTON, 2006, p. 434)

[...] Devemos ficar nus e eles nos medem todas as partes do nosso corpo. A cabeça, as orelhas, o nariz. As pernas, os braços, os ombros. Os dedos da mão. Os dedos do pé. A testa. As... coisas entre as pernas. O ângulo, esse aqui, entre o nariz e a testa. E esse aqui, entre o queixo e a mandíbula. A distância entre as sobrancelhas. As crianças que têm as sobrancelhas muito próximas são expulsas. E também as que têm uma marca de nascença... Um nariz muito grande... As coisas muito pequenas... Os pés virados assim ou assado. Depois, eles avaliam a nossa saúde, o nosso saber, a nossa inteligência. Um teste depois do outro. Os que não têm um bom resultado são expulsos. (HUSTON, 2008, p. 244)⁶⁸.

Essa descrição condiz com aquela retratada no livro *Cruel World: The Children of Europe in Nazi Web*, sobre como eram feitas as seleções das crianças na Polônia:

Aqueles que eram aceitos pela SS seguiam para abrigos especiais para crianças, ainda na Polônia, em Broczków, Kalisz e Pastuchów, para ulteriores observações e doutrinações preliminares. Nesses abrigos eles eram instruídos em língua alemã. A disciplina era rigorosa e as punições físicas frequentes, as crianças frequentemente retornavam a Lodz para mais exames de sangue e testes físicos. Depois de alguns meses de observação cautelosa, os oficiais especializados em raça decidiam quais crianças eram propícias para continuar a Germanização, e a responsabilidade sobre elas era transferida para a organização Lebensborn, que as levava para a Alemanha. Crianças de dois a seis anos eram levadas para creches Lebensborn e muitos dos mais velhos, de seis a doze anos, iam para internatos. (NICHOLAS, 2009, p. 248, tradução nossa)⁶⁹.

Podemos perceber como essa seleção das crianças revela a frágil construção da (má) ficção que era a raça ariana: a aparência, e não a ascendência era o que havia de mais importante a ser investigado. O relato de uma trabalhadora do setor legal do Lebensborn, também retirado de *Cruel World*, mostra como não havia nenhum rigor científico em determinar se as crianças tinham realmente sangue nórdico:

⁶⁸ [...] On doit se mettre nu et ils mesurent toutes les parties de notre corps. La tête, les oreilles, le nez. Les jambes, les bras, les épaules. Les doigts. Les orteils. Le front. Les... choses entre les jambes. L'angle, ici, avec le nez et le front. Et ici, avec le menton et la mâchoire. La distance entre les sourcils. Les enfants qui ont les sourcils trop proches sont renvoyés. Aussi ceux qui ont un grain de beauté... un nez trop grand... des choses trop petites... les pieds tournés comme ci, ou comme ça. Ensuite ils mesurent notre santé, notre savoir, notre intelligence. Un test après l'autre. Ceux qui n'ont pas les bons scores sont renvoyés. (HUSTON, 2006, p. 438-439)

⁶⁹ Those who were accepted by the SS went on to special children's homes still in Poland, at Brockau, Kalisch and Pushkau, for further observation and preliminary indoctrination. In these homes they were given German language instruction. Discipline was strict and physical punishment frequent, and the children were frequently returned to Lodz for more blood tests and physical examinations. After a few months of careful observation, race officials decided which children were suitable for further Germanization, and responsibility for them was transferred to the Lebensborn organization, which took them to Germany. Children from two to six were taken to Lebensborn nursery schools and many of the older ones, from six to twelve, went to boarding schools.

A seleção das crianças polonesas destinadas à Germanização era determinada pela aparência racial exterior. Ninguém se importava com uma possível origem alemã dessas crianças... Isso pode ser deduzido particularmente pelo fato de que... um menino polonês meio-judeu foi enviado para a Alemanha para Germanização, apesar de suas origens estarem claramente expostas em seus documentos poloneses. (NICHOLAS, 2009, p. 248, tradução nossa)⁷⁰.

Kalisz, cidade com quase metade da população judia em 1939, tomada pela Wehrmacht e anexada à Alemanha nazista com a expulsão dos judeus, abrigava o principal centro de Lebensborn da Polônia. Esse é o cenário para a germanização contada por Janek:

Eles nos dão nomes novos. Dizem para gente: Há muito tempo vocês eram alemães, vocês têm o sangue alemão nas veias, a nacionalidade polonesa de vocês é um erro, mas podemos corrigi-lo, ainda não é tarde demais. Os pais de vocês são traidores, precisam ser mortos. As mães de vocês são putas, não merecem criá-los. A partir de agora vamos dar a vocês uma educação alemã. Se falarem entre si em polonês, serão punidos. Nós falamos entre nós em polonês. Fomos punidos. (HUSTON, 2008, p. 244)⁷¹.

Com castigos para destruir a identidade polonesa e, com a mesma intensidade, construir uma identidade alemã, Janek e as outras crianças do Lebensborn são bombardeadas com aulas de língua, história, literatura, música alemãs; o dia inteiro, durante um ano. No entanto, o destino das crianças que não eram aprovadas para a germanização era ainda mais sombrio: enviadas para campos de concentração, muitas adoeciam ou morriam de fome.

Sombrio também estava o panorama alemão na Guerra naquele momento quando, no dia de São Valentim, Kristina narra o acontecimento do Bombardeio da cidade de seu avô Kurt, Dresden (na verdade, os ataques aéreos ingleses e americanos foram do dia 13 até o dia 15 de fevereiro). Depois desse acontecimento, com o avô internado após um colapso nervoso, Kristina descreve o caos em que se encontra o país:

⁷⁰ The selection of Polish children intended for Germanization was determined by outward racial appearance. Nobody cared about any possible German origin of these children... This can be deducted especially from the fact that... a half-Jewish Polish boy was sent to Germany for Germanization, despite the fact that his origin was plainly shown in his Polish papers.

⁷¹ Ils nous donnent des noms nouveaux. Ils nous disent : Il y a longtemps vous étiez allemands, vous avez le sang allemand dans les veines, votre nationalité polonaise est une erreur mais on peut corriger, il n'est pas trop tard. Vos pères sont des traîtres, ils doivent être tués. Vos mères sont des putains, elles ne méritent pas de vous élever. Maintenant, on vous donne une éducation allemande. Si vous parlez ensemble en polonais, vous êtes punis. On parle ensemble en polonais. On est puni. (HUSTON, 2006, p. 439)

Os sonhos inundam a vida real os dias e as noites se invertem o caos está por toda a parte chega o mês de março o frio envolve o mundo as sirenes berram sem parar o céu sangra chega o mês de abril é a volta às aulas as árvores no pátio florescem e os pássaros gorjeiam o vilarejo é bombardeado, as bombas caem bem na praça e quando a gente sai no dia seguinte não sobrou nada além das ruínas enfumaçadas da prefeitura e da igreja [...] grandes árvores partidas ao meio se inclinam perigosamente como que para ouvir uma verdade que sai da terra a escola pára Hitler está morto diz a rádio vem o mês de maio as flores transbordam dos canteiros dos jardins e o pátio da escola se enche de refugiados eles caminharam dias e dias carregando bagagens e trouxas e bebês estão com a pele cinza estão com sono e fome a gente se abriga em casa para esperar. (HUSTON, 2008, p. 255)⁷².

Mesmo a forma de narrar de Kristina mostra como tudo estava caótico e se sucedeu de forma confusa e rápida no final da Segunda Guerra.

Com o fim da Guerra, Janek planeja fugir com Kristina mas, antes que eles pudessem executar seu plano, a srta. Mulyk, uma mulher de uniforme e bem arrumada como não se via fazia um bom tempo, já que estavam no mês de agosto, chega para levá-los de volta para suas famílias. No entanto, dois meses depois de terem sido levados da casa alemã para um convento, Janek descobre que seus pais estão mortos, e será mandado para um internato na Polônia. Kristina, que na verdade era ucraniana, será adotada por ucranianos no Canadá, mesmo com provas da existência de sua família na Ucrânia.

A razão de negarem o recebimento de uma carta da mãe biológica de Kristina pode se dever ao fato de as organizações de ajuda no pós-guerra, entre elas a UNRRA (United Nations Relief and Rehabilitation Administration), terem uma administração centralizada pelo poder dos Estados Unidos. Logo após o final da Segunda Guerra, já começaram os desentendimentos entre os Estados Unidos e a URSS, que culminaram na Guerra Fria. Sendo a Ucrânia uma das Repúblicas Socialistas, a srta. Mulyk prefere que Kristina seja mandada para o Canadá, para uma família de conhecidos seus, a reenviá-la para um país controlado pelos "vermelhos".

⁷² Les rêves débordent dans la vraie vie les jours et les nuits changent de place les gens et les statues changent de place le chaos est partout c'est le mois de mars le froid enserre le monde les sirènes hurlent sans discontinuer le ciel saigne c'est le mois d'avril l'école reprend les arbres dans la cour fleurissent et les oiseaux gazouillent le village est bombardé les bombes tombent pile sur le square et quand on sort le lendemain il ne reste plus de l'hôtel de ville et de l'église que des ruines fumantes [...] de grands arbres fendus par le milieu se penchent dangereusement comme pour écouter une vérité qui sort de la terre l'école s'arrête Hitler est mort dit la radio c'est le mois de mai les fleurs débordent des parterres des jardins et la cour de l'école se remplit de réfugiés venus de l'Est la ville grouille de réfugiés ils ont marché des jours et des jours en portant des bagages et des baluchons et des bébés ils ont la peau grise ils sont sonnés et affamés et on se calefeutre chez nous pour attendre. (HUSTON, 2006, p. 459-460)

Podemos perceber como essa situação, assim como nos outros fatos históricos abordados, abre um espaço de reflexão que Nancy Huston cria no romance, de uma relação dos acontecimentos históricos reconstruídos, com a história individual dos personagens, provocando uma (re)interpretação não só dos próprios fatos, mas também da maneira como enxergamos a construção de uma identidade. A partir desse espaço, podemos pensar nas "falhas". Desde o título e capa originais, o romance nos sugere essas falhas; no entanto, essa mesma ligação não pode ser feita a partir do título e capa da tradução brasileira: sobre isso trataremos a seguir.

1.6. *Lignes de faille*: títulos e capas

O título do romance, *Lignes de faille*, significa falha geológica. Segundo a definição do dicionário Houaiss, na geologia, falha significa "fratura ao longo da qual houve deslocamento de camadas, interrompendo sua continuidade; paráclase". Essas falhas são a metáfora para os acontecimentos que mudam o caminho dos personagens, remontando ao passado de Kristina, raptada de sua família ucraniana para fazer parte de uma família alemã na Alemanha nazista, fato que afeta não só a ela mesma, mas também cada geração de sua família. Os acontecimentos históricos retratados no romance criam essas falhas não só na vida dos personagens mas, a partir do momento em que começamos a refletir sobre eles, abrimos um espaço de problematização de suas verdades e de nossas próprias verdades, levando-nos assim, a ter uma visão menos nostálgica e inocente em relação ao passado e como ele nos afeta no presente.

As capas do romance, original e tradução para o português, levam em conta diferentes aspectos da narrativa: uma representa as falhas, as discontinuidades da vida dos personagens; a outra, de acordo com o título, *Marcas de nascença*, dá destaque à infância com a imagem de uma criança. Na capa da tradução notamos ainda que é ressaltada a importância do fato de o romance ter sido vencedor do Prêmio Femina, e ter tido bons resultados de vendas, com mais de 300 mil exemplares vendidos, atestando, de certa forma, a qualidade do livro.

Além disso, o próprio título *Marcas de nascença* nos leva a pensar sobre questões diferentes das suscitadas pelo título em francês: a marca, como algo indelével, seria carregada pelos personagens por suas vidas inteiras. Portanto, o título teria uma força significativa maior. No entanto, no decorrer da narrativa, compreendemos que o

romance vai muito além das questões familiares, de um determinismo atribuído desde os infortúnios vividos por Kristina, que se estenderia a todos os personagens e fixaria seu futuro. Muito pelo contrário: o romance provoca reflexões justamente sobre esse processo de compreensão e tomada de controle sobre a própria vida, assim como Kristina o fez.

Figura 2: Capa do romance *Lignes de faille*.

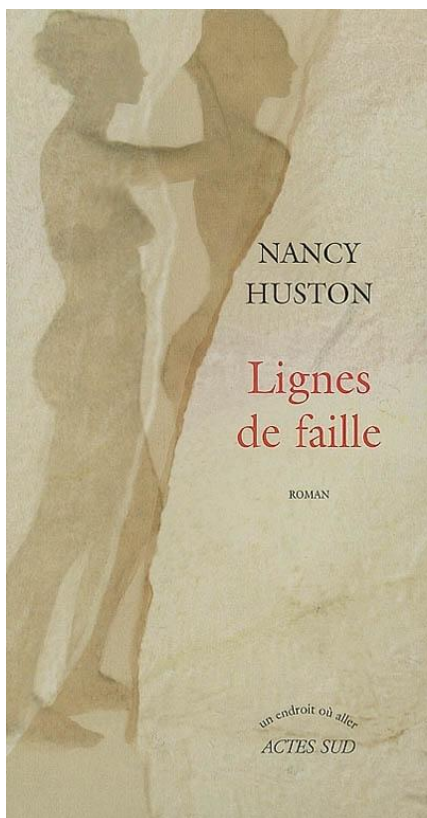


Figura 3: Capa da tradução brasileira.

Com sua imagem enigmática, a ilustração na capa de *Lignes de faille* tem muito mais a dizer sobre o romance e sua forma pós-moderna de tratar História e identidade do que a ligação mais óbvia ativada pela visão da fotografia da menina com a flor: nós a relacionamos a Kristina e, de forma nostálgica, com a sua possível "perda da infância", bem como com a dos demais personagens.

A versão do romance em língua inglesa, intitulada *Fault Lines* (2008) também traz a fotografia em preto e branco de uma garotinha, com penetrantes olhos claros e pequenas mãos expostas; porém, a imagem é entrecortada por linhas, o que amplia seu significado em relação à capa brasileira. Acrescentamos, ainda, a capa da reedição

francesa de *Lignes de faille* (2011) que, diferentemente da primeira edição, passa uma mensagem mais ligada às questões familiares presentes no romance com a representação de uma ciranda. Nesta ciranda, crianças e adultos parecem estar unidos; não temos a dimensão da falha, dos rompimentos que estarão tão presentes na narrativa.

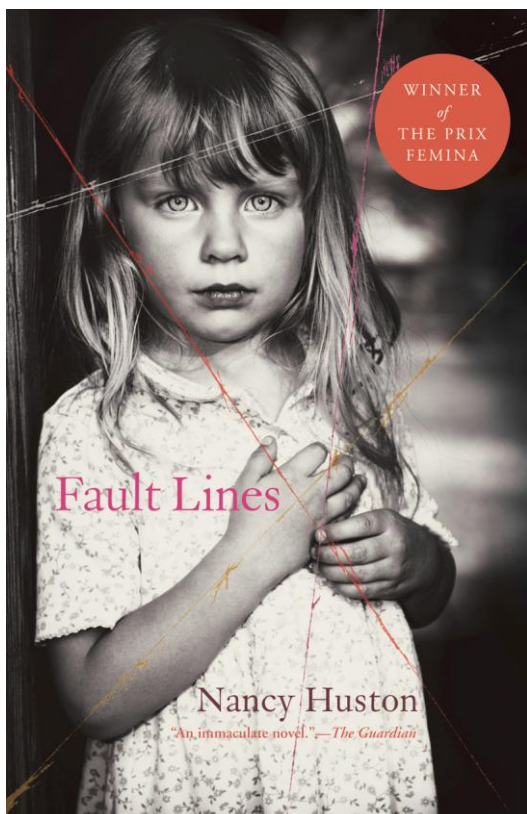


Figura 4: Capa de *Fault Lines*

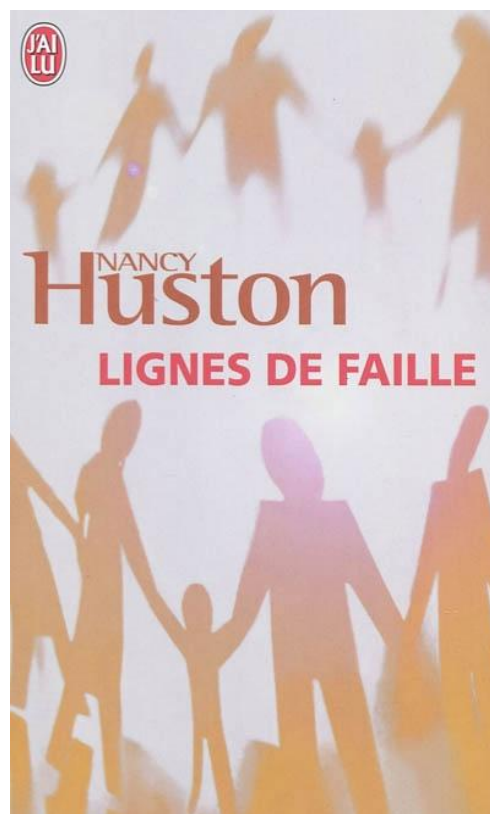


Figura 5: Capa da reedição de *Lignes de faille*

Portanto, essas não são as formas como vemos e analisaremos as questões identitárias do romance - não há uma apresentação trágica e dramática dos acontecimentos, os personagens mudam e são mudados ao curso da narrativa, mas não há julgamentos. Eles são representados como seres complexos, sempre construindo suas identidades, relacionando-se e identificando-se com outros. É assim que prosseguiremos nossa leitura, tendo em mente as rupturas e questionamentos trazidos pelo romance.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DA FICÇÃO DO EU

O Sentido humano se distingue do sentido animal pelo fato de que ele se constrói a partir de narrativas, de histórias, de ficções.

Nancy Huston

Enfocando na questão da identidade, nesse capítulo fundamentaremos nossas análises do romance com o conceito de sujeito pós-moderno (HALL, 1999) e com a visão crítica de Nancy Huston sobre identidade como ficção, divulgada em seu livro *A espécie fabuladora* (2010).

Por serem todos os narradores da mesma família, e dada a cronologia às avessas do romance, no capítulo narrado por Solomon (ou Sol, como é comumente chamado) conhecemos Kristina como bisavó de Sol, apresentada com o nome Erra, devido à sua carreira de sucesso como cantora; Sadie como avó de Sol, conferencista judia que viaja o mundo mesmo usando cadeira de rodas; e Randall como pai de Sol, programador de computadores que ganha o suficiente para sustentar uma casa com dois carros. No entanto, nos capítulos narrados por eles mesmos, podemos observar, em suas infâncias, como a identidade de cada um vai sendo construída e moldada tanto pelos acontecimentos históricos que vivenciam quanto pelas ficções que lhes são atribuídas como seus "eu". E, depois, percebemos como cada acontecimento histórico e ficcional afeta quem eles são, como adultos.

É dessa forma que Sol, o único personagem do qual só teremos acesso à infância, parece ser o mais afetado pelos acontecimentos históricos – até mesmo por também ser o único que, por vontade própria, procura saber "o que está acontecendo no mundo real" (HUSTON, 2008, p. 21)⁷³, como ele diz. Segundo Nancy Huston:

A identidade nos vem das histórias, das narrativas, das ficções diversas que nos são inculcadas ao longo da nossa primeira juventude. Acreditamos nelas, gostamos delas, nos agarramos a elas – ao passo que, evidentemente, se tivéssemos sido adotados ainda bebês no outro lado do mundo, tendo aprendido que somos australianos e não

⁷³ [...] d'apprendre ce qui se passe dans le monde réel. (HUSTON, 2006, p. 27)

canadenses, protestantes e não judeus, de direita e não de esquerda etc., teríamos nos tornado pessoas diferentes. (HUSTON, 2010, p. 29).

É a partir dessa definição que pretendemos refletir sobre a identidade dos personagens – como intrincadas construções que se transformam e os transformam, conjunto de ficções nos quais eles acreditam e convencionam ser seu "eu". Assim vemos Sol, filho único de Tessa e Randall, construir sua identidade baseada na superproteção, na celebração de sua inteligência, no reforço de todos os seus comportamentos pelos pais – mesmo os que poderiam ser considerados negativos –, na atitude racista e xenófoba de seu pai em relação aos árabes e na condescendência de sua mãe.

Já Randall, quando criança, é levado ao meio do turbilhão de acontecimentos que culminam no Massacre de Sabra e Chatila pela mudança da família, de Nova York para Haifa, em Israel, acontecimento que contribui de forma basilar para a mudança que vemos se operar na criança calma, insegura, compreensiva que era Randall. Ele se torna um adulto inseguro que tenta compensar seu passado de forma agressiva, passando a acreditar naquilo que Nancy Huston define como má ficção: "Ser judeu é uma ficção. Ser cristão é uma ficção. Ser muçulmano é uma ficção.[...]Em si, nenhuma dessas ficções é boa ou má. Mas: Os bons judeus e os muçulmanos maus: ficção nefasta. Os bons muçulmanos e os judeus maus: ficção nefasta.[...]Guerras e massacres garantidos." (HUSTON, 2010, p. 81-82).

No capítulo narrado por Sadie, conhecemos outra criança insegura dessa família. Sadie, por morar com os avós em Toronto até os seus seis anos, sempre esteve preocupada de que não fosse uma boa menina, por isso não merecedora de morar com sua mãe, Kristina, que começava a obter sucesso com sua carreira como cantora. Quando sua mãe se casa com Peter, seu agente, e a leva para morar com eles em Nova York, Sadie ganha uma confiança como ela nunca teve. No entanto, ao descobrir sobre o passado da mãe na Alemanha, começa a questionar o passado da família, imaginando ser essa a origem daquilo que acredita ser a maldade inerente a ela e à mãe. Preocupação que se torna parte de sua vida como historiadora da Alemanha nazista, profissão que ela desempenhará como adulta e que será fonte de suas respostas sobre esse passado "esquecido" pela mãe.

Kristina, cujo passado vai sendo reconstruído ao longo de todo o romance, se mostra uma criança muito inteligente e criativa, que já tem a música como uma de suas maiores paixões. No entanto, sua infância na Alemanha, durante a Segunda Guerra

Mundial, justifica o seu conseqüente "esquecimento" – ela e Janek, seu "irmão", fizeram parte das crianças roubadas de suas famílias para "germanização" nos centros chamados *Lebensborn*, as fontes de vida, onde educavam crianças sequestradas de suas famílias de zonas ocupadas pela Alemanha para expandir a "raça ariana". O seu nome como cantora, Erra, é o nome que ela escolhe para que Janek, depois de serem separados com o fim da Guerra, possa encontrá-la através de seu canto. A estranheza de tal nome pode ser explicada pela incerteza identitária e linguística em que Kristina se encontrava - ela opta por um som em vez de um nome propriamente dito pois, sem se sentir pertencente a qualquer comunidade linguística naquele momento, a sua única certeza repousa na música, em seu amor pelos sons de seu canto.

Podemos perceber, portanto, como a História está entrelaçada tanto na construção do romance quanto na construção da identidade individual dos personagens, ou em suas relações familiares. Assim, pretendemos estudar, a partir da análise dos personagens, como se dá essa elaboração, como a História, as ficções que lhes são apresentadas em suas infâncias, o convívio social se combinam para a construção dessa ficção que é o "eu".

Não deixaremos de colocar em questão a desestabilização das identidades, pensando no conceito de "sujeito pós-moderno", de Stuart Hall (1999), como norteador para a reflexão das identidades na contemporaneidade.

2.1. Identidade como ficção

A noção de identidade na contemporaneidade vem sendo amplamente questionada, sobretudo devido as transformações nas sociedades com o advento da globalização; estas teriam fragmentado e deslocado as identidades de algumas certezas que, nas sociedades tradicionais, norteavam o sujeito. Em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1999), Hall explora o conceito de identidade a partir dessa ideia, de que os quadros de referência para os indivíduos vêm se desestabilizando, portanto, as identidades passam a mergulhar na incerteza, ocorre uma "crise de identidade".

No entanto, antes de partir para as questões identitárias em si, o autor não deixa de frisar que "o próprio conceito com o qual estamos lidando, 'identidade', é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea" (HALL, 1999, p. 8). Dessa forma, as afirmações

oferecidas por ele e, conseqüentemente, nossas próprias, não pretendem ser conclusivas, posto que tratam de um fenômeno social em ação.

Para ilustrar as mudanças sofridas nas definições de identidade, Hall apresenta três diferentes conceitos modernos de sujeito: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. A noção de sujeito do Iluminismo (ou sujeito cartesiano) diz respeito a uma identidade existente no centro essencial do eu, o núcleo interior que nasce e se desenvolve com o indivíduo ao longo de sua vida, permanecendo essencialmente o mesmo: unificado, consciente. O sujeito sociológico tem sua identidade formada na interação entre o eu e a sociedade, tendo um núcleo interior em constante diálogo com a cultura que o cerca. Um processo de mudança, entretanto, faz com que o sujeito não mais se veja como possuidor de uma identidade estável e unificada, correspondendo às mudanças estruturais e institucionais que já não asseguram as mesmas condições sociais, os mesmos papéis a serem desempenhados pelo sujeito. Esta mudança produz o sujeito pós-moderno.

Examinando mais a fundo, Hall aponta uma série de descentramentos do sujeito cartesiano que produziram um tipo novo de identidade, fragmentada, contraditória, caracterizando o sujeito pós-moderno. Os cinco descentramentos que culminaram no sujeito pós-moderno são mudanças conceituais que afetaram todo o pensamento designado pelo autor como "modernidade tardia" (a segunda metade do século XX). O autor não deixa, entretanto, de ressaltar que muitos ainda questionam as conseqüências dessas mudanças conceituais no pensamento moderno, mas já não podem negar a desestabilização que elas provocam na conceptualização de sujeito e de identidade na modernidade tardia.

O primeiro descentramento é relacionado ao pensamento marxista e à leitura de Louis Althusser, à ideia de que, ao centro de seu discurso, Marx não colocou uma noção essencialista do homem, e sim as relações sociais, de forma que as condições sociais determinariam a forma como os indivíduos podem agir sobre o mundo. O segundo seria a descoberta do inconsciente, feita por Freud, cujas implicações sobre o sujeito racional ficam óbvias: "a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade." (HALL, 1999, p. 38). O terceiro é relativo ao trabalho de Ferdinand de Saussure sobre a língua, e como ela é um sistema social preexistente à nós, nós não somos os "autores" daquilo

que dizemos. O quarto está no conceito de "poder disciplinar", elaborado por Foucault, de que "quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual." (HALL, 1999, p. 43). O quinto e último diz respeito às mudanças trazidas pelo movimento feminista que, ao politizar as questões de identidade, identificação e subjetividade, abriu mais um tipo de questionamento sobre as identidades, assim como os outros movimentos sociais dos anos 1960 – os movimentos juvenis, os antibelicistas, os raciais – que fragmentaram ainda mais a noção de sujeito.

Tudo isso para mostrar como foi possível chegar a essa noção de sujeito pós-moderno: como o mundo se transformou impedindo-nos de pensar em sujeitos racionais e fixos, e sugerindo novos contornos para essa nova noção, em que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 1999, p. 13)

É sobre essa "narrativa do eu" que Nancy Huston vai tratar em *A espécie fabuladora*: sobre como a narratividade é necessária para se pensar a sua própria identidade, ao passo que não se precisa dela ao se colocar no lugar do outro – coisas que os grandes primatas sabem fazer ao viver em grupo. No entanto, diferentemente deles, o ser humano tem um "eu", que cria a diferença "entre o *fato* de existir e o *sentimento* de existir. Entre o 'quero fazer isso' e... o 'por que estou aqui?'." (HUSTON, 2010, p. 22). É justamente a narratividade, o fato de dotarmos as coisas de sentido, de interpretá-las, que nos faz humanos, portanto, a própria construção do "eu" é uma ficção.

Não se nasce alguém, mas passamos a sê-lo. O eu é uma construção custosamente elaborada. Longe de sempre ter estado ali, esperando para se afirmar, é primeiramente um meio físico e humano e depois uma configuração móvel, em permanente transformação, que fixamos por mera convenção. (HUSTON, 2010, p. 23)

Assim, distante de qualquer ilusão de uma totalidade ou de uma essência da identidade, pretendemos refletir sobre a construção das identidades, sobre as ficções que

se combinam para construí-las, pensando em ficções, como as denomina Nancy Huston: "Quando digo ficções, estou dizendo realidades humanas, portanto, construídas." (HUSTON, 2010, p. 25). Também pensaremos nas implicações dessa visão, no fato de que, segundo Huston, "Tornar-se um eu – ou melhor, confeccionar-se um ego – é ativar, a partir de um dado contexto familiar e cultural, sempre particular, o mecanismo de narração" (HUSTON, 2010, p. 23). Temos consciência desse caráter fictício de nossas identidades e temos também "o poder de intervir, modificando o seu curso" (HUSTON, 2010, p. 122).

E é exatamente esse tipo de reflexão que a autora faz em *Lignes de faille*. Na construção dos personagens, podemos perceber como História, língua, aspectos culturais como música, literatura, regras sociais, costumes familiares, entre outros, se conciliam para formar uma identidade que se percebe uma somente para que seja preenchida uma ilusão de uniformidade, mas que é, na realidade, fragmentada, contraditória, e está em permanente construção.

Em *A espécie fabuladora*, Nancy Huston é levada a refletir sobre como o romance, através da identificação, "ensina-nos a *reimaginar o mundo, a ver a possibilidade de mudança, e a acolher essa possibilidade nas nossas vidas*." (HUSTON, 2010, p. 123). É tendo essa capacidade transformadora da literatura em mente que pretendemos ler os personagens de *Lignes de faille*, pensando quão significativo é pensar sobre identidade, sobretudo em contextos históricos abaladores e complexos como os de guerra, em que os "membros de uma coletividade [...] têm a tendência de ouvir, acreditar e obedecer aos chefes como as crianças escutam, acreditam e obedecem aos pais" (HUSTON, 2010, p. 94). É nesses e noutros momentos de fragilidade que podemos perceber, com mais clareza, como diz Nancy Huston, "o caráter fictício da identidade dos outros e evitar algumas das suas armadilhas (racismo, orgulho patriótico, delírios megalomaníacos etc.)" (HUSTON, 2010, p. 43).

A identidade nacional, uma das principais formas de identificação cultural, tem passado por diversas transformações com o fenômeno da globalização. De acordo com Stuart Hall (1991), as identidades nacionais, no mundo todo, têm tido uma tendência a oscilar entre a Tradição - conceito de Robins - para o movimento de recuperação das identidades fixas e puras que se acreditava existir antes da globalização e a Tradução, conceito de Bhabha, para pensar as identidades híbridas que têm surgido com as migrações pós-coloniais. Esses também serão conceitos produtivos para pensarmos os

personagens de *Lignes de faille*, posto que o orgulho patriótico claramente exposto com Randall e Sol – uma das armadilhas mencionadas por Huston – pode ser facilmente percebido como esse movimento em direção à Tradição. E o conceito de Tradução é interessante para pensar tanto uma personagem como Kristina, que constrói sua identidade a partir de suas várias experiências entre diferentes culturas, quanto a própria identidade da autora, que diz "ter ocupado várias casas do tabuleiro identitário" (HUSTON, 2010, p. 43).

Feita a exploração dos conceitos, esperamos conduzir uma reflexão sobre identidade, a partir dos personagens de *Lignes de faille*, que não se pretende absoluta e fechada, mas que se presta a elucidar o caráter fictício de nossas próprias identidades.

1. Sol, 2004

Solomon, desde o começo de sua narrativa, mostra ser dotado de uma personalidade que mistura, de forma um tanto perigosa, a religiosidade e o nacionalismo ao qual está exposto pelos comportamentos dos pais, formando uma identidade que se constrói a partir de sua confiança em si mesmo como o gênio Sol: "Sou uma onda de luz instantânea invisível e todo-poderosa [...] capaz, aos seis anos, de tudo ver, tudo iluminar tudo compreender" (HUSTON, 2008, p. 15)⁷⁴.

Ele acredita ser superior e escolhido por Deus, precisa cuidar para que seu corpo e sua mente estejam sempre funcionando em perfeito estado, de forma que tem vários comportamentos particulares quanto à sua alimentação – que deve ser sempre mole, para que circule facilmente pelo seu corpo –, quanto ao seu conhecimento sobre o mundo – que ele adquire em suas incursões escondidas ao Google, no computador de sua mãe. Ele justifica sua importância para Deus:

Deus me deu este corpo e este espírito e eu devo cuidar deles da melhor maneira possível, tirando assim o melhor proveito. Sei que Ele tem grandes projetos para mim, senão não teria me feito nascer no estado mais rico do país mais rico do mundo, dotado do sistema de armamentos mais extraordinário, capaz de aniquilar a espécie humana num piscar de olhos. (HUSTON, 2008, p. 16)⁷⁵.

⁷⁴ Je suis un flot de lumière instantané invisible et tout puissant [...] capable à six ans de tout voir tout illuminer tout comprendre (HUSTON, 2006, p. 15-16)

⁷⁵ Dieu m'a donné ce corps et cet esprit et je dois en prendre le meilleur soin possible pour en tirer le meilleur bénéfice. Je sais qu'il a de grands desseins pour moi, sinon Il ne m'aurait pas fait naître dans l'Etat le plus riche du

Sua inteligência e surpreendente capacidade de compreender as coisas faz com que seu sentimento de superioridade seja sempre reforçado por seus pais e por si mesmo, como quando ele pensa sobre as profissões em sua família: a bisavó é uma cantora internacionalmente famosa, a avó é uma conferencista e viaja o mundo inteiro. Para pensar no seu futuro e no de seu pai, Sol usa sua imaginação: "[...] o meu pai será em breve um guerreiro famoso no Iraque e cabe a mim decidir no que eu quero ser famoso, mas isso não será um problema, a celebridade é hereditária na nossa família"(HUSTON, 2008, p. 18)⁷⁶.

Na verdade, é principalmente sua inteligência que Sol usa para se definir e se diferenciar das outras crianças, o que lhe dá a confiança de ser especial: "[...] por enquanto, os outros não precisam saber que sou o rei, o Sol único e o Filho único, filho de Google e de Deus, Filho imortal e onipresente da Tela. [...] que um dia vai transformar e salvar o universo" (HUSTON, 2008, p. 24)⁷⁷.

A tela, inclusive, será a melhor forma de apresentar o virtual, elemento sempre presente na vida de Sol, amostra de seus desejos de saber, ver e presenciar tudo o que se passa no mundo:

A metáfora de Baudrillard para esse colapso da dicotomia sujeito/objeto é a tela. Uma tela de TV ou monitor de computador não pode ser concebida apenas como um objeto a ser olhado, com todas as velhas formas de projeção e investimento psíquicos; em vez disso, a tela forma uma intersecção reativa com os nossos desejos e representações, tornando-se a forma personificada do nosso mundo psíquico. O que acontece "na" tela não está na tela nem em nós, mas em algum espaço complexo, sempre virtual, entre os dois. (CONNOR, 2004, p. 138)

Esse colapso da dicotomia sujeito/objeto estará presente ainda na não limitação de realidade e ficção de Sol; aquilo que ele vê na tela se torna real e pode ser até mesmo encenado, como no caso já visto da brincadeira com seus bonecos Playmobil, retomando os eventos de Abu Ghraib.

pays le plus riche du monde, doté du système d'armement le plus performant, capable d'anéantir l'espèce humaine en un clin d'œil. (HUSTON, 2006, p. 17-18)

⁷⁶ [...] mon père sera bientôt un guerrier célèbre en Irak et c'est à moi de décider en quoi je veux être célèbre mais ça ne posera pas de problème, la célébrité est héréditaire chez nous. (HUSTON, 2006, p. 22)

⁷⁷ [...] pour l'instant, les autres ne doivent pas savoir que je suis le roi, Soleil unique et Fils unique, Fils de Google et de Dieu, Fils immortel et omnipotent de la Toile. [...] qui, un jour, va transformer et sauver l'univers. (HUSTON, 2006, p. 33)

A superproteção dos pais, sobretudo da mãe, que vai desde a casa completamente segura para crianças – com proteção em todas as tomadas, quinas arredondadas nos móveis, travas de segurança no fogão –, à proibição de que lhe sejam infligidos castigos físicos, do controle de tudo o que Sol pode ver na televisão, até a explicação detalhada e completa de todas as situações pelas quais ele passa, também é uma das possíveis ficções da origem dos delírios megalomaniacos de Solly.

Em *A espécie fabuladora*, Nancy Huston diz que "as crianças estão à mercê das ficções que os adultos lhes contam." (HUSTON, 2010, p. 70). É o que acontece com Solomon: percebemos como muitos de seus comportamentos refletem aquilo que ele apreendeu de situações em casa, como os aplausos que ele recebe depois da oração das refeições, desde que era bebê e de ter dito amém pela primeira vez e como ele interpreta isso: "faz parte da cerimônia da refeição; para mim, é óbvio que festejamos Deus e Sol ao mesmo tempo". (HUSTON, 2008, p. 33)⁷⁸. Outro tipo de situação à qual ele foi exposto desde muito pequeno é o ódio de Randall pelos árabes; ele se recorda do 11 de setembro, mesmo que só tivesse três anos de idade: "o papai me chamou para ver na televisão as torres desabando enquanto ele exclamava 'Árabes fodidos' e tomava a sua cerveja". (HUSTON, 2008, p. 20)⁷⁹. Tess também contribui para a formação de uma imagem dos árabes que, tendo como base uma ideia etnocêntrica, aumenta a importância que Sol já dá a si mesmo e a seu país: "A cada noite inventamos uma oração diferente, podemos pedir a Deus que leve paz ao Iraque e faça com que os iraquianos acreditem em Jesus [...]" (HUSTON, 2008, p. 26)⁸⁰.

No entanto, outros fatores exercerão influência sobre a identidade de Solomon. "Como não existem no cérebro humano recintos hermeticamente fechados, um para as balelas e o outro para os fatos, as crianças misturam as coisas e as superpõem." (HUSTON, 2010, p. 70). Podemos perceber isso no comportamento de Sol: ele não parece fixar uma separação bem definida entre ficção e realidade – é assim que o vemos comparar-se a Jesus, quando diz que sua mãe quer ter mais filhos, mas que ele não se importa porque "Jesus tinha uma multidão de irmãos e nunca ouvimos falar neles,

⁷⁸ [...] ça fait partie intégrante de la cérémonie du repas; pour moi il est clair que nous fêtons Dieu et Sol en même temps. (HUSTON, 2006, p. 49)

⁷⁹ [...] papa m'a appelé pour venir regarder les tours s'écrouler encore et encore à la télé en disant "Putains d'Arabes" et en buvant de la bière. (HUSTON, 2006, p. 26)

⁸⁰ On invente chaque soir une prière différente, on peut demander à Dieu la paix en Irak et de faire en sorte que les Irakiens croient en Jésus [...] (HUSTON, 2006, p. 37)

simplesmente não existe comparação"(HUSTON, 2008, p. 20)⁸¹. Em outras situações, ele encontra diferenças entre ele e Jesus, como sua discordância da ideia de Jesus de que devemos oferecer a outra face quando somos agredidos, que se relaciona ao fato de que ele não sofre nenhum tipo de castigo físico. Também compara sua mãe com Maria, já que Tess nunca o contesta: "Maria jamais contrariaria o seu filho, pois ela sabia que ele tinha um destino sagrado, então ela se contentava em guardar certas coisas no seu coração e refletir sobre elas. A grande diferença é que não tenho a menor intenção de terminar meus dias pregado numa cruz [...]"(HUSTON, 2008, p. 26)⁸².

Seus ídolos também refletem essa mescla entre ficção e realidade: em primeiro lugar, Deus, que ele imagina no paraíso, como se fosse num gigantesco Texas, "passeando em seu rancho, de chapéu e botas de caubói, verificando se tudo está sob controle e atacando um planeta de tempos em tempos para se divertir"(HUSTON, 2008, p. 16)⁸³, em uma clara comparação com Bush, que também é uma inspiração para Sol que ele esperava ser reeleito, nas eleições de 2004 – o que de fato acontece. Schwarzenegger, não só como governador do estado em que Sol mora, também serve de modelo para o garoto, assim como o robô de *O Exterminador do futuro*, cujos filmes ele assiste na casa de um colega, e evoca em todas as situações em que se sente amedrontado para poder enfrentá-las facilmente.

Dessa forma, podemos observar que, sob a pretensa superioridade de Sol, que reconhece ter um único defeito, seu sinal de nascença (o qual depois descobrimos ser hereditário, pois todos os narradores-personagens também têm sinais de nascença), se escondem várias identidades contraditórias, reveladoras do quanto sua identidade não é unificada e nos permite entrever o caráter fictício da construção da identidade: Sol se apega à ideia e à crença de *realmente* ser o escolhido por Deus. No entanto, também vemos Sol como uma criança insegura cujo objetivo é o de deixar a mãe orgulhosa quando, na ocasião da cirurgia para remoção de seu sinal, a deseja a seu lado para ver como ele será valente: "Se o Arnold Schwarzenegger pode pegar um escalpelo e enfiá-

⁸¹ Jésus avait une floppé de frères lui aussi et on n'en entend jamais parler, il n'y a tout simplement pas de comparaison. (HUSTON, 2006, p. 24)

⁸² [...] jamais Marie n'aurait contré son fils parce qu'elle savait qu'il avait un sacré destin, alors elle s'est contentée de garder toutes ces choses et les méditer dans son coeur. La grande différence c'est que je n'ai pas l'intention de terminer mes jours cloué à une croix [...] (HUSTON, 2006, p. 37)

⁸³ [...] Dieu qui se balade sur son ranch en Stetson et en bottes de cow-boy, vérifiant que tout est sous contrôle, canardant une planète de temps à autre pour s'amuser"(HUSTON, 2006, p. 18)

lo sem pestanejar na sua própria carne, então eu posso cerrar os dentes e aguentar, não vou sentir dor nenhuma."(HUSTON, 2008, p. 46)⁸⁴.

Mesmo acreditando veementemente nessa sua identidade de "salvador do mundo", Sol percebe que, em determinadas situações, ele tem de agir como uma criança normal: "sou duas coisas ao mesmo tempo: um garotinho que mostra a sua escola à mãe e sorri modestamente quando a professora Milner me parabeniza pelas minhas excelentes notas e, simultaneamente, sou uma grande inteligência que contempla essa cena de fora [...]" (HUSTON, 2008, p. 46)⁸⁵. Entretanto, essa "grande inteligência" é abalada quando, fora do país, na viagem da família para conhecer Greta, irmã alemã de Kristina, Sol se depara com escritos incompreensíveis, sons desconhecidos da língua alemã: "Sou onipotente e onisciente, mas, por enquanto, nesse imenso aeroporto moderno, continuo a me comportar como um garotinho normal e permaneço com meu ar desorientado" (HUSTON, 2008, p. 64)⁸⁶. É assim que, ao construir essa identidade de onipotência e onisciência, ele vê essa outra identidade de garoto normal como algo separado dele, algo que só é possível devido ao descentramento das identidades, que culmina na noção de sujeito pós-moderno.

Podemos, então, localizar Solomon como parte nas tendências contemporâneas de identidade e identificação, como aponta Hall:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas - desalojadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem "flutuar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 1999, p. 75)

É dessa forma que podemos pensar a construção da identidade de Sol. Mesmo não tendo acesso ao que ele poderia se tornar como adulto, ainda assim podemos perceber como as identidades contraditórias integrantes de seu "eu" se organizam de modo a basear sua identidade em más ficções – de superioridade tanto nacional, quanto pessoal.

⁸⁴ Si Arnold Schwarzenegger peut prendre un scalpel et l'enfoncer sans ciller dans sa propre chair, moi je peux serrer les dents et tenir le coup, je n'aurai pas mal du tout. (HUSTON, 2006, p. 72)

⁸⁵ "je suis deux choses à la fois : un petit garçon qui fait faire la visite à sa maman et sourit modestement quando Mlle Milner le félicite pour son excellence, et en même temps une vaste intelligence qui contemple la scène de haut [...]"(HUSTON, 2006, p. 73)

⁸⁶ Je suis omnipotent et omniscient mais pour le moment dans cet énorme aéroport moderne je dois continuer de me comporter comme un petit garçon normal et avoir l'air désorienté. (HUSTON, 2006, p. 109)

2.3. Randall, 1982

Como criança, Randall é muito diferente do adulto que conhecemos como pai de Sol – Randall é uma criança calma, inteligente, mas muito insegura em relação à mãe e suas expectativas sobre ele. Como Sadie estava se preparando para seu doutorado sobre as fontes de vida da Alemanha nazista, os *Lebensborn*, que dizem respeito não só a uma parte da História pouco estudada, como também se relacionam com o passado da família, Randall passava muito mais tempo com o pai, Aron, e não podia deixar de se sentir excluído da vida de sua mãe.

Para conseguir as informações necessárias para sua tese, Sadie resolve que sua família nova iorquina deveria se mudar para Haifa, em Israel, pois assim ela poderia consultar um especialista do assunto. Mesmo odiando inicialmente a ideia, ao começar a estudar hebraico para poder entrar em uma escola em Haifa, Randall vislumbra o novo mundo que se abre aos seus olhos. Quando consegue passar na prova de admissão e começa a estudar na Hebrew Reali, onde todos são gentis e o tratam bem, o garoto começa a se adaptar à nova vida no novo país: "De uma hora para outra me sinto como se fosse outra pessoa. Forte e autoconfiante, como se o mundo me pertencesse" (HUSTON, 2008, p. 119)⁸⁷. Como último impulso necessário a Randall para ter confiança em si mesmo, Sadie deixa que ele vá para a escola sozinho, "depois fico me sentindo gente grande" (HUSTON, 2008, p. 119)⁸⁸.

Podemos perceber que, ao contrário de Sol, a identidade de Randall vai sendo construída para ele tornar-se o "garoto normal" que o outro tanto nega. No entanto, os importantes fatos históricos do período serão para ele, assim como para cada narrador-personagem, constitutivos de suas identidades e, ao mesmo tempo, contribuirão para desestabilizá-las. Ao conhecer Nouzha, garota palestina de nove anos que frequenta a mesma escola, Randall passa a aprender mais sobre Haifa, sobre o país onde mora. Segundo Nouzha, ele mora na Palestina, que foi invadida pelos judeus. E aí começam suas dúvidas quanto à verdade sobre os palestinos e judeus: Sadie diz que os judeus se refugiaram em Israel, o que faz Randall ficar dividido entre sua mãe e Nouzha, e também entre seu pai e sua mãe, pois Aron, apesar de ser judeu, não concorda com as

⁸⁷ Tout d'un coup je me sens comme quelqu'un d'autre. Fort et sûr de moi, comme si le monde m'appartenait. (HUSTON, 2006, p. 209)

⁸⁸ "[...] après je me sens comme une grande personne. (HUSTON, 2006, p. 210)

atitudes do governo de Israel, sobretudo sobre a Guerra do Líbano, que acontecia naquele momento.

Randall tinha uma relação muito positiva com seu sinal de nascença: era algo que o unia à sua avó Erra, que também considerava seu sinal como algo especial, ao contrário de Sol, que quis removê-lo. Tinha também um ursinho de pelúcia, Marvin, que havia pertencido à avó. Quando ele começa a se sentir perdido no meio desse turbilhão de acontecimentos, de brigas dos pais – estes sempre brigavam, mas nos últimos tempos estavam tendo desentendimentos o tempo todo – e de dúvidas, nem essas marcas familiares servem de ajuda. Antes de ficar sabendo sobre o Massacre de Sabra e Chatila, ocorrido entre 16 e 18 de setembro de 1982, Randall sente que seu atalef quer lhe avisar sobre algo que vai acontecer: ele desenha pessoas sem cabeças, sem membros. Depois, vendo seu pai lendo o jornal com a notícia do massacre, entende que seus desenhos viraram realidade no Líbano.

Nouzha deixa a escola logo após esses acontecimentos, pois dezenove membros de sua família moravam em Chatila e, mesmo que o Massacre tenha sido atribuído aos membros das Falanges Libanesas, por retaliação pelo assassinato do presidente Bashir Gemayel, o exército israelense, ainda em território libanês, não fez nada para ele ser evitado. A esperança de Randall de entender o que estava acontecendo através da explicação de Nouzha é vã, pois a mesma diz que eles serão para sempre inimigos e lança um olhar para ele – que ela lhe havia ensinado ser um mau-olhado, para fazer com que algo de ruim aconteça para a pessoa apenas com o olhar. No final de outubro, Sadie sofre um acidente de carro e ficará para sempre na cadeira de rodas; Randall, convencido do poder do mau-olhado de Nouzha, passa então a odiar os árabes, como nos conta Sol que, apesar de não saber da história toda, sabe que "Foi também em Israel que ele começou a não gostar dos árabes por causa de uma menina árabe por quem ele se apaixonou por lá"(HUSTON, 2008, p. 18)⁸⁹.

Quer Randall acreditasse ou não no mau-olhado de Nouzha, o que não podemos desconsiderar é que ele ficaria ressentido por ela tê-lo culpado, como judeu, pelo que aconteceu a seus parentes, logo ele que estava perdido entre toda aquela confusão, sem saber no que acreditar, sem entender quem ele era. Quando adulto, esse incidente serve para reforçar o sentimento de nacionalismo norte-americano que, aflorado no período da

⁸⁹ C'est aussi en Israël qu'il a commencé à ne pas aimer les Arabes à cause d'une petite fille arabe dont il s'est entiché là-bas [...] (HUSTON, 2006, p. 21)

Guerra do Iraque, o faz escolher o lado para ficar – mesmo que, quando criança, procurasse entender a todos: "[...] eu me sinto ainda mais dividido do que antes, não apenas entre a mamãe e o papai, mas também entre [...] a mamãe e a Nouzha, mesmo que eu goste de todos! Isso me perturba e não entendo por que as pessoas não podem simplesmente se acalmar e tentar se entender."(HUSTON, 2006, p. 127)⁹⁰.

Adulto, Randall passou a acreditar na má ficção que é a guerra norte-americana contra o terrorismo e, não podendo ir para a guerra, começa a colaborar com ela através do desenvolvimento de robôs militares: o Talon, por ele descrito com tanto entusiasmo e orgulho, como o soldado perfeito, sem necessidades físicas ou psicológicas, sem sentimentos. A guerra do Iraque, entretanto, tinha muito mais a ver com a imagem dos Estados Unidos e o poder que eles sentiam necessidade de afirmar mundialmente depois do 11 de setembro do que uma luta contra o terrorismo:

O que estava em jogo, tanto para os defensores da guerra como para os céticos e para seus opositores, era uma história americana – a história dos Estados Unidos campeão da lei e da liberdade no país e no exterior, árbitro duro, porém correto, do destino das nações, intolerante apenas contra a intolerância, flagelo de regimes embusteiros e de ditadores bandidos que usurpam a ânsia natural de toda humanidade de seguir o seu exemplo. (GOUREVITCH; MORRIS, p. 194-195).

É dessa forma que podemos pensar na identidade de Randall, construída a tão duras penas, que no fim acaba por se engajar – e posteriormente fazer com que seu filho também acredite – num tipo de identificação cultural nacionalista que se opõe às identidades híbridas produzidas pela globalização, num movimento em direção à Tradição, conceito de Robins trazido de Hall (1999) para explicar o movimento de recuperação das identidades fixas e puras que se acreditava existirem antes da globalização.

2.4. Sadie, 1962

A narrativa de Sadie começa com a descrição de sua relação com os avós e a mãe. Por morar com os avós, a garota se sente muito insegura consigo mesma, pois ela acredita que, se fosse perfeita em tudo, já estaria morando com a mãe. A maior parte do

⁹⁰ [...] je me sens encore plus déchiré que d'habitude, non seulement entre m'man et p'pa, mais entre [...] m'man et Nouzha aussi - alors que je les aime tous! Ça me perturbe et je ne comprends pas pourquoi les gens ne peuvent pas juste se calmer et essayer de s'entendre. (HUSTON, 2006, p. 224)

tempo, ela descreve seus afazeres, suas atividades na escola e fora dela: as torturantes aulas de piano, as de dança clássica, como se deve pôr a mesa, como se vestir:

[...] detesto me vestir, mas não dá para ir à escola de camisola. Sinto o quanto sou má quando me visto, sobretudo no inverno, pois há muitas camadas de roupas para vestir e a maldade está escondida bem no fundo de mim, mas há um signo exterior dela que é um sinal marrom horroroso do tamanho de uma moeda na minha nádega esquerda. (HUSTON, 2008, p. 148)⁹¹.

É a partir dessa imagem negativa que Sadie constrói sua identidade; ela se comporta de modo a tentar ser a melhor possível, mas acredita que o mal já está nela, o "Inimigo" deixou essa marca, o sinal de nascença, para que ela soubesse que é suja. Por essa razão, Sadie até mesmo se culpa por seu pai ter ido embora quando ela nasceu, para nunca mais voltar. O "Inimigo" é uma voz que diz a Sadie tudo que ela faz de forma errada, e também como ela deve se castigar. Por isso, por exemplo, quando nos vestiários da escola, deixa que as outras meninas vejam seu sinal: "O Inimigo está louco de raiva [...] ele me diz para fechar a porta do meu quarto e bater a cabeça cem vezes contra a parede, muito forte. *Você acha que a sua mãe vai vir buscá-la?* – ele me diz, zombeteiro. — *Você não a merece, não sabe nem se vestir direito [...]*" (HUSTON, 2008, p. 184)⁹².

O ambiente pouco estimulante da casa dos avós, combinado com a ausência dos pais, leva Sadie a ter uma vida interior bem intensa: como todas suas atividades parecem ser tarefas rotineiras a serem cumpridas, sua imaginação é seu refúgio. No entanto, quase sempre, essa imaginação acaba sendo um elemento negativo, conduzindo seus pensamentos para visões depreciativas de si mesma. Podemos relacionar esse comportamento de Sadie com a reflexão de Giddens:

Um envolvimento criativo com os outros e com o mundo-objeto é quase certamente um componente fundamental da satisfação psicológica e da descoberta de um "sentido moral". Não precisamos recorrer a uma antropologia filosófica misteriosa para vermos que a experiência da criatividade *como* fenômeno rotineiro é um apoio básico do sentido de dignidade pessoal e portanto de saúde psicológica.

⁹¹ [...] je déteste m'habiller mais on ne peut pas aller à l'école en chemise de nuit. Je sens toujours comme je suis mauvaise quando je m'habille, surtout en hiver parce qu'il y a tant de couches de vêtements à mettre, la mauvaiseté est cachée tout au fond de moi mais il y en a un signe extérieur à savoir un horrible grain de beauté marron de la taille d'une pièce de cinq sous sur ma fesse gauche. (HUSTON, 2006, p. 260)

⁹² L'Ennemi est fou de rage [...] il me dit de verrouiller la porte de ma chambre et de me cogner cent fois la tête, très fort, contre le mur. *Tu crois que ta mère va venir te chercher?* il dit, railleur. *Ha! Tu ne la mérites pas, tu ne sais même pas te déshabiller comme il faut [...]* (HUSTON, 2006, p. 327-328)

Onde os indivíduos não podem viver criativamente, seja por causa da repetição compulsiva das rotinas, seja porque foram incapazes de atribuir plena "solidez" a pessoas ou objetos à sua volta, provavelmente resultarão tendências melancólicas ou esquizofrênicas crônicas. (GIDDENS, 2002, p. 44)

Sempre se culpando e se castigando, a triste Sadie acredita que é culpa sua não ter uma família comum, morar com os avós no lugar dos pais : "Nunca consigo fazer o que preciso, porque se eu conseguisse, seria *realmente* uma menininha comportada em vez de apenas fingir e moraria com a minha mãe e com o meu pai, como todo mundo." (HUSTON, 2008, p. 150)⁹³.

Sua única válvula de escape é a leitura: "quando você está lendo [...] você pode se perder em uma página e aos pouco o mundo se apaga." (HUSTON, 2008, p. 155)⁹⁴. Sadie, quando adulta, vai usar os estudos para sua busca incansável pelo passado de sua mãe e, conseqüentemente, pelas origens de sua família, que vai estar na base da construção de sua identidade: quando descobre que sua mãe, Kristina, viveu na Alemanha quando criança, ela se pergunta se não havia encontrado a origem de todo o mal, o sangue nazista que poderia correr por suas veias.

Kristina, ao se casar com Peter, seu empresário, e se mudar para Nova York, levando Sadie com eles, oferece à menina um período em que ela se sente completamente diferente, sob sua nova identidade de Sadie Silbermann. Peter, por ser judeu, ensina a Sadie os piores aspectos da vida dos judeus – os nazistas – e os melhores – os bagels e as delícias do café da manhã no restaurante do seu bairro judaico. No entanto, esse período de felicidade não dura muito, já que Janek reencontra Kristina e, dessa forma, Sadie fica sabendo que a mãe viveu na Alemanha; este fato coloca em dúvida que ela pudesse ter uma família e viver como as outras crianças, pois a maldade devia ser algo inerente a ela e à mãe.

Já adulta, Sadie descobre que Janek era o irmão adotado de Kristina na Alemanha. Na realidade, ele havia sido roubado de sua família polonesa para ser levado ao programa *Lebensborn*. A partir dessa descoberta, Sadie começa a investigar sobre o passado da mãe, que nada pode ou quer contar sobre ele. Construindo sua identificação com os judeus, inclusive se casando com Aron, podemos perceber como a identidade de Sadie se equilibra entre as contradições de ser judia, e a possibilidade de que ela tivesse

⁹³ Je ne peux jamais faire ce qu'il faut parce que si je le faisais, si j'étais *vraiment* une petite fille sage au lieu de seulement faire semblant, j'habiterais avec ma mère et mon père, comme tout le monde. (HUSTON, 2006, p. 263)

⁹⁴ "quand on lit, [...] on peut se perdre dans la page et peu à peu le monde s'efface." (HUSTON, 2006, p. 273)

sangue alemão, de uma família que estivesse nas graças de Hitler por ter recebido um garoto, Janek, para substituir um filho morto na guerra. Mesmo quando adulta, o "Inimigo" ainda assombra a vida de Sadie, como nos revela Randall:

Dá para ouvir ela falando sozinha: "Bem, vejamos, isso aí está começando a me apertar na cintura, esse pulôver não combina com essa calça, será que preciso de duas saias ou de três?, será que vendem meia-calça na Alemanha?...". Isso não seria propriamente um problema se, no meio dessas reflexões todas, não ouvíssemos uma *segunda* voz dizendo: "Então por que você a comprou, idiota?" e "Você tem medo de subir na balança, não é mesmo?" [...] (HUSTON, 2008, p. 98-99)⁹⁵.

Podemos ver, então, como ela não consegue se desvencilhar dessa imagem depreciativa de si mesma. Contudo, sua intelectualização, suas pesquisas e descobertas – principalmente quando revela que a mãe também era uma criança do *Lebensborn* – serão uma alternativa para ela não afundar na culpa e na raiva que ela alimenta por si mesma, além da religião, que ela passa a seguir rigidamente, mesmo que Aron tenha falecido, consumindo comida kosher e até, como diz Sol ao descrever a avó, usando "uma peruca porque só os maridos das mulheres judias ortodoxas têm o direito de ver os cabelos delas" (HUSTON, 2008, p. 18)⁹⁶. Sadie, portanto, constrói sua identidade tendo como base a vontade de fugir, mesmo tentando muito, de algo que acredita fazer parte dela mesma.

2.5. Kristina, 1944-1945

Kristina/Erra/Krystynka/Klaryssa: esses são todos os nomes, todas as identidades pelas quais Kristina precisou passar para, enfim, poder construir uma identidade que fosse seu "eu". Como descobrimos no decorrer do livro e nos é confirmado no último capítulo, Kristina viveu até os seis anos na Alemanha, onde conhece Janek e aprende ter sido ela mesma roubada de sua família ucraniana, quando era pequena demais para poder se lembrar – Klaryssa era seu nome de nascença.

⁹⁵ On l'entend parler toute seule : "Bon, voyons, ça, ça commence à me serrer à la taille, ce pull ne va pas avec ce pantalon, est-ce que j'ai besoin de deux jupes ou de trois, est-ce qu'on vend des collants en Allemagne..." ce qui ne poserait aucun problème sauf qu'au milieu de ces réflexions on entend aussi une *deuxième* voix qui dit: "Alors, pourquoi tu l'as achetée, idiote ?" et "La faute à qui, à ton avis ?" et "tu as peur de monter sur le pèse-personne, hein ?" [...] (HUSTON, 2006, p. 170)

⁹⁶ Elle porte une perruque parce que pour les femmes juives orthodoxes seul leur mari a le droit de voir leurs cheveux [...] (HUSTON, 2006, p. 21)

Porém, Kristina – nome dado pelos pais alemães – só vem a saber que é de origem ucraniana quando, após o fim da Segunda Guerra, a UNRRA (United Nations Relief and Rehabilitation Administration), começa a oferecer assistência para que as crianças do *Lebensborn* voltem para suas famílias. Até então, ela só sabia que era adotada, algo que lhe é revelado após uma briga com sua irmã Greta e, com a chegada de Johann/Janek, ela não pode duvidar de que seja verdade.

Janek, aos doze anos, tinha consciência do que lhe havia acontecido e, ao chegar na casa de Kristina, não demonstra nenhum reconhecimento por estar sendo "adotado": não conversa com ninguém. Ele só abre a boca para falar com Kristina quando ela diz também ser adotada, e começam a criar uma cumplicidade: eles imaginam que ela também seja polonesa, assim Janek passa a chamá-la de Krystka ou Krystynka, como seria Kristina em polonês; ele lhe ensina palavras em polonês, e conta como se passavam as coisas no centro para onde foi levado antes de ser trazido para a Alemanha. Um ano de aulas de língua, história, literatura, música alemãs, o dia inteiro, enquanto proibiam e castigavam quando se falava polonês.

Fortalecida por essa nova identidade, Kristina pretende fugir com Janek; portanto, é grande o susto quando ela se descobre ucraniana, e maior ainda, quando resolvem enviá-la para o Canadá, e não à Ucrânia, enquanto Janek voltaria para a Polônia, mesmo que seus pais tivessem falecido. É nesse momento de separação que Kristina e Janek resolvem inventar uma forma para poderem se encontrar – inventam os nomes Lude, para Janek, que diz que estará sempre com ela em seu sinal de nascença; Kristina inventa Erra, nome que ele usará para encontrá-la, através de seu canto – o que realmente acontece quando, adulta, ela lança seu primeiro álbum nos EUA.

Desse modo, a identidade de Kristina, na infância, passa por todas essas desestabilizações e desnorreamentos; somente seu amor pela música e por cantar permanece inabalável. Entretanto, ao descobrir que sua família alemã não era sua verdadeira família, que o alemão não era sua verdadeira língua, e que essa língua havia sido imposta com muita violência a Janek e outras crianças, Kristina não quer mais cantar as canções que conhece, ensinadas pelo avô alemão, Kurt. Janek lhe diz, então, para ela cantar sem as letras: "Aprendo a cantar sem as letras. Brinco com os sons no fundo da minha garganta, fazendo a minha voz subir lá em cima até que ela perfure o

céu, fazendo-a descer depois até em baixo, lá onde a lava ferve." (HUSTON, 2008, p. 247)⁹⁷.

Tendo o canto, agora sem palavras, como forma de expressar seu "eu", Kristina deixa para trás sua identidade alemã – que ela só consegue enfrentar com a viagem à Alemanha narrada por Sol, mais de sessenta anos depois de ter deixado o país – e constrói sua identidade a partir de um lugar privilegiado: como Nancy Huston, que diz não estar dividida entre várias identidades, e sim que "o fato de ter ocupado várias casas do tabuleiro identitário" lhe permitiria ver "o caráter fictício da identidade dos outros e evitar algumas de suas armadilhas (racismo, orgulho patriótico, delírios megalomaniacos etc.)."(HUSTON, 2010, p. 43).

Depois do lançamento de seu primeiro álbum, divulgado sob o nome de Erra, percebemos como ela também deixa para trás sua identidade canadense, para se tornar a cantora internacionalmente famosa, orgulho tanto de Randall quanto de Sol. O fato de Erra ter voltado à Alemanha, mesmo já em idade avançada, nos permite refletir sobre como ela consegue aceitar todas essas identidades que integram sua identidade, o que podemos relacionar com o conceito de Tradução:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma "casa" particular). (HALL, 1999, p. 88-89).

Assim, podemos pensar a identidade de Erra, livre das amarras das identificações nacionalistas, sem procurar uma unificação entre todas essas identidades que a constituem, mas tentando conciliar todas elas e todas as marcas que estas deixaram na construção da ficção que é seu "eu".

⁹⁷ J'apprends à chanter sans paroles. Je joue avec les sons dans ma gorge, faisant monter ma voix très haut jusqu'à ce qu'elle perce le ciel, et la faisant descendre ensuite tout au fond de mon être, là où bouillonne la lave. (HUSTON, 2006, p. 444)

2.6. Alguns elementos da Cultura Global

De forma geral, a construção das identidades das personagens do romance *Lignes de faille* reflete muito bem as condições culturais da contemporaneidade, como descritas por Peter Burke em *Hibridismo cultural* (2006). Neste ensaio, o autor discute as formas de interação cultural, com sua variada terminologia e objetos, separados em artefatos, práticas e povos híbridos.

Os inevitáveis encontros culturais da era da globalização produzem novas formas de interação entre os povos, diferentes das formas de apropriação, segregação, imitação, adaptação, entre outras, em manifestação desde que os Estados nacionais passaram a se comportar como tais. A hibridização é uma delas, e tem sido estudada por inúmeros teóricos, entre eles os citados em nosso trabalho, Stuart Hall e Homi Bhabha, ambos possuidores de identidades culturais mistas - Hall era jamaicano e atuava como teórico cultural e sociólogo no Reino Unido; Bhabha é de origem indiana e começou sua carreira de professor na Inglaterra, posteriormente se mudando para os Estados Unidos, onde exerceu e exerce sua função em diversas universidades. A propósito da Hibridização, Burke comenta:

O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais. Certamente não é por acidente que a atual era de globalização cultural, às vezes vista mais superficialmente como "americanização", é também a era das reações nacionalistas ou étnicas – sérvia e croata, tútsi e hutu, árabe, basca e assim por diante. (BURKE, 2006, p. 18).

Os efeitos da hibridização são de particular interesse para nosso estudo, pois as personagens que acabamos de analisar passaram todas por experiências individuais de encontro com diferentes culturas, experiências estas que influenciam suas formas de ver e lidar com o mundo. Portanto, observar outros conceitos e estudos, além dos já citados de Tradução e Tradição, enriquecerão o quadro teórico já explorado.

Após tratar dos artefatos híbridos - com exemplos encontrados na arquitetura, entre outros; das práticas híbridas - o carnaval brasileiro é um dos exemplos citados, Burke trata dos povos híbridos: "Não devemos nos esquecer dos indivíduos híbridos, quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos ou capturados." (BURKE, 2006, p. 36). Não só os

personagens do romance se enquadram nessa categoria, principalmente Kristina com suas inúmeras nacionalidades e experiências, e Sadie, ao escolher adotar a religião e costumes de vida judaicos, mas também a própria autora, Nancy Huston, com sua vida entre culturas.

No entanto, é essa mesma identidade híbrida da autora que a levará a ter uma visão mais abrangente da contemporaneidade e das transformações pelas quais os seres humanos vêm passando - visão esta refletida em seu romance a partir do momento em que podemos lê-lo como um romance pós-moderno. Segundo Perry Anderson:

Desde os anos 70, a própria ideia de vanguarda ou do gênio individual passou a ser suspeita. Há cada vez menos movimentos coletivos e combativos de inovação e são cada vez mais raros os "ismos" como emblemas de originalidade. Pois o universo pós-moderno não é de delimitação, mas de mistura, de celebração do cruzamento, do híbrido, do *pot-pourri*. (ANDERSON, 1999, p. 110)

Observamos esse tipo de celebração em *Lignes de faille*, em que o híbrido não é visto com desconfiança ou hostilidade, mas como um enriquecimento, uma forma de, como Huston fala em seus ensaios, principalmente em *A espèce fabuladora*, enxergar o sentido que damos ao mundo como uma criação humana. A partir disso, as identidades não são apresentadas por um viés fatalista, mas as personagens são capazes de fazer intervenções, modificações e, sobretudo, de tomar consciência de seu poder individual ao fazer suas próprias escolhas.

Burke discute ainda em seu ensaio sobre as inúmeras terminologias usadas para pensar a hibridização, e sobre as diferentes situações em que a hibridização cultural pode ocorrer - como nas relações de poder desiguais; nas condições entre tradição e adaptação, nas trocas entre metrópole e fronteiras; nas questões de classes; e como as sociedades reagiram a todas essas situações. Na conclusão, o autor resolve esboçar quais seriam as consequências das interações culturais a longo prazo.

O primeiro cenário citado por Burke é apresentado somente para ser prontamente rejeitado: a possibilidade da sobrevivência de culturas independentes. Para ele, há muito, as culturas deixaram de ser ilhas, e a segregação só pode ser vista como uma possibilidade a curto prazo, pois sempre há contato mais ou menos direto entre as diferentes culturas, o que o leva a concluir que: "as tradições são como áreas de

construção, sempre sendo construídas e reconstruídas, quer os indivíduos e os grupos que fazem parte destas tradições se dêem ou não conta disto." (BURKE, 2006, p. 102).

A parte a insularidade e a segregação que são eliminadas, quatro outros cenários são possíveis: a contraglobalização, a diglossia, a homogeneização e a hibridização culturais.

Nessa ordem, o autor discute essas possibilidades; esta ordem também fará sentido se pensarmos nas personagens de *Lignes de faille*: Sol, Randall, Sadie e Kristina. Tendo isto em mente, exploraremos os conceitos mais a fundo a fim de ilustrar nossa reflexão.

A contraglobalização, como o nome diz, seria um movimento de reação contra a globalização cultural. Considerando a rapidez do fenômeno da globalização nos dias atuais, devido ao nível tecnológico alcançado pela sociedade ocidental, as mudanças de atitude ou mentalidades não conseguem acompanhar esse ritmo. Fazendo referência a Freud e sua expressão "narcisismo das pequenas diferenças" para explicar esse processo de contraglobalização, Burke prossegue:

O antropólogo holandês Anton Blok, concordando com Freud, acrescenta que é a ameaça da perda das identidades tradicionais que provoca o narcisismo, muitas vezes se fazendo acompanhar pela violência contra o Outro. O sociólogo inglês Anthony Cohen concorda: "a expressão simbólica de comunidade e de seus limites aumenta de importância na medida em que os reais limites geossociais da comunidade são destruídos, obscurecidos ou então enfraquecidos. (BURKE, 2006, p. 105).

No entanto, por mais forte que essa reação possa ser, ela não pode alcançar o sucesso devido ao simples fato de não ser possível deter o avanço do presente ou voltar ao passado. Essa reação pode ser relacionada ao conceito de Tradição, usado para pensar tanto a identidade de Sol quanto de Randall; este pretende um retorno às identidades fixas e puras - retorno nostálgico, portanto - mas também vão, pois a unidade das identidades é ilusória. A violência contra o Outro também é vista em *Lignes de faille*, de forma clara, não só no que diz respeito aos personagens, mas também aos períodos históricos abordados.

O segundo cenário, a diglossia cultural, seria a possibilidade de nos tornarmos todos biculturais, mantendo nossas línguas locais ao mesmo tempo em que falaremos uma língua mundial - como o inglês, o chinês ou o espanhol. Alternando entre uma cultura local e mundial, conforme a necessidade, este é um cenário atual de muitos e

plausível de existir no futuro. De certa forma, podemos relacionar a diglossia com a situação de Sadie como pesquisadora e falante de diversas línguas em razão dessa posição. Ela, no entanto, mantém sua identidade judaica e língua inglesa como uma "cultura local".

Burke, porém, questiona essa questão de diglossia, pois não seria mais tão simples determinar onde estão os limites: "A inferência de que hoje somos todos imigrantes, quer nos demos conta disto ou não, deve ser levada a sério. Como a observação de Canclin de que a fronteira se encontra em toda parte." (BURKE, 2006, p. 107).

A homogeneização cultural, chamada também pelos críticos desfavoráveis a essa tendência de "americanização" ou "efeito coca-cola", seria um estágio do surgimento de uma cultura global. Esse cenário traria mais liberdade - de escolhas, de opções - em relação ao indivíduo, mas a diversidade global diminuiria ou, num estágio total, se extinguiria. Essa tendência, vista negativamente, pode ser relacionada à visão de Sol de que o mundo deveria se tornar um lugar em que nada fosse estranho a ele - nem a língua, nem os costumes - tudo deveria ser evidente.

A quarta e última tendência analisada por Burke é aquela da hibridização, noção mais produtiva para pensarmos o romance e aquilo que ele parece oferecer de mais valioso: como vemos através de Kristina, a desestabilização e a pluralidade da identidade não é necessariamente uma situação negativa.

Ainda que não se possa negar perdas nesse processo de mudança cultural, Burke não vê o processo de hibridização como um caminho rumo a uma homogeneização cultural, mas sim rumo ao surgimento de uma nova forma de ordem cultural, uma ordem global: "a análise de nossa cultura (ou culturas) passada, presente e futura que acredito ser a mais convincente é aquela que vê uma nova ordem surgindo, a formação de novos ecótipos, a cristalização de novas formas, a reconfiguração de culturas, a 'crioulização do mundo'". (BURKE, 2006, p. 116).

Na ficção, como percebemos em *Lignes de faille*, já há indícios dessa transformação em ação em todo o globo, em direção à formação de uma nova ordem cultural: a representação de uma ordem tão complexa, variada e híbrida que nos leva a refletir sobre a nossa realidade.

CAPÍTULO 3

O ENTRELAÇAMENTO DE LÍNGUA E IDENTIDADE

The truth is rarely pure and never simple. Modern life would be very tedious if it were either, and modern literature a complete impossibility!

Oscar Wilde

Da diversidade de temas que podemos apreender com a leitura de *Lignes de faille*, a questão linguística, mesmo que secundária, ainda está presente. Dessa forma, nesse capítulo, propomos não só uma análise da relação dos personagens do romance com sua língua materna e com as línguas estrangeiras às quais são impelidos, mas também fazemos um percurso pelas experiências de Nancy Huston enquanto expatriada e anglófona, escrevendo em língua francesa. Para tanto, elaboramos uma breve biografia da autora, enfocando alguns aspectos e obras que nos parecem mais relevantes ao intento, sobretudo devido à multiplicidade de assuntos tratados em seus trabalhos e sua profusa obra.

A relação entre língua(gem) e identidade, parece ser algo que fala por si e evidencia-se através da identificação do indivíduo com uma determinada comunidade. Estes se expressam em determinada língua.

Dizer que somos seres falantes significa dizer que temos e somos linguagem, que ela é uma criação humana (uma instituição sociocultural), ao mesmo tempo em que nos cria como humanos (seres sociais e culturais). A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, idéias. (CHAUIÍ, 2003, 154-155).

Trazendo conceitos da psicanálise para seus questionamentos sobre identidade e línguas (materna e estrangeira), Coracini (2007) discorre sobre o pressuposto de que: "o sujeito se constitui pela e na linguagem: é ela que o torna barrado, ser social; trata-se do sujeito psicanalítico: fraturado, cindido, dividido, que transita num espaço em que as fronteiras entre o consciente e o inconsciente são tênues e movediças" (CORACINI, 2007, p. 135). Este pressuposto, assim como a definição do sujeito psicanalítico, estão

em consonância com a análise que propomos de entrelaçamento da língua e da identidade: um indivíduo só é capaz de construir sua narrativa do eu por ser um sujeito da linguagem. Ainda que não nos sirvamos de questões da psicanálise para nossas investigações, o estudo de Coracini permitiu muitos esclarecimentos enriquecedores tanto sobre questões de identidade quanto sobre língua e linguagem.

Ao fazer da língua tema de nossa reflexão, não podemos deixar de questionar uma visão redutora e simplificadora a partir da qual uma língua seria somente um sistema de representações; queremos considerar, assim como o faz Coracini, que: "trazer a questão da língua é trazer a questão do sujeito e da identidade" (CORACINI, 2007, p. 49), portanto, trazer à baila toda a complexidade desta e da relação ilusória de unidade que criamos ao pensarmos uma língua, uma identidade:

falar da língua é sempre e inevitavelmente construir ficção, sobretudo se admitirmos a (im)possibilidade da língua feita objeto, um todo coerente, uno, homogêneo. Melhor ainda: falar de si ou do outro, enfim, falar ou escrever sobre algo é sempre interpretar e interpretar significa 'inventar', construir uma verdade... (CORACINI, 2007, p. 136).

A verdade que pretendemos construir, portanto, não diz respeito à língua como um objeto puro, fechado, mas que, desde sua formação, agrega outras línguas, outras culturas; sua pureza e totalidade de sentidos não passam de ilusões criadas para nos sentirmos à vontade ao usarmos uma dada língua: " Não há língua-origem, língua pura, única, perfeita, fechada, a não ser na idealização - invenção - do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos protege do conflito constitutivo de toda subjetividade. Toda língua como todo sujeito são atravessados por outros, pelo Outro, toda língua é o outro..."(CORACINI, 2007, p. 131).

A partir dessas discussões sobre língua(gem), procuraremos considerar a relação de Nancy Huston com as línguas: o inglês materno, o francês escolhido para escrever, e a maneira como estas estão em constante conflito e ligação com sua identidade. Por meio das reflexões sobre o assunto em seus livros de ensaios, sobretudo em *Nord perdu*, traçaremos o percurso feito pela autora até a escrita, o trajeto para a sua libertação pela língua francesa que lhe permitiu tornar-se uma romancista premiada, com livros publicados em mais de 20 países.

A questão das línguas materna e estrangeira é habilmente abordada por Coracini, com a problematização da dicotomia que parece conferir, naturalmente, estatutos

completamente diferentes para uma língua materna e para uma língua estrangeira. A língua materna seria aquela adquirida inconscientemente, enquanto a estrangeira precisaria do processo de aprendizagem, o que dificultaria o acesso aos sentidos, mais facilmente encontrados na língua materna. Segundo Coracini, essa separação não leva em conta os "'mal-entendidos', as diversas interpretações de um mesmo enunciado numa mesma situação de enunciação [...] os casos ou momentos em que, mesmo na LM, [língua materna] sentimo-nos limitados, interditados, não conseguimos nos expressar, faltam-nos palavras" (CORACINI, 2007, p.119). A língua materna, portanto, também seria o lugar do equívoco, como define Coracini, pois "toda língua é, ao mesmo tempo, o lugar do repouso e o lugar do estranhamento, o lugar da interdição e o lugar do gozo..."(CORACINI, 2007, p. 131)

Assim, o que acontece, como veremos com a relação de Nancy Huston com suas línguas materna e estrangeira, é a criação de formas de ser/estar entre línguas. Ao se definir como uma falsa bilíngue, Nancy Huston precisa a sua relação com a língua inglesa como o lugar da interdição, onde ela não era capaz de se dizer, enquanto na língua francesa, como lugar do gozo, ela passa pelo processo da escrita, caminho necessário para sua reconciliação com seu passado e com sua língua materna. Huston, ao fim, se dá conta de que ela é produto dessa mistura de línguas, vive nesse entre-línguas, entre-culturas. De certa forma, podemos enxergar nesse percurso uma mudança que se dá pela língua estrangeira:

A língua estrangeira tem uma função formadora, atuando diretamente na imagem de nós mesmos e dos outros, na constituição identitária do sujeito do inconsciente. Ainda que seja aprendida com um fim meramente utilitarista, ela traz sempre consigo conseqüências profundas e indelévels para a constituição do sujeito. (CORACINI, 2007, p. 152)

Na ficção, seus personagens também passam por momentos em que se relacionam com outras línguas e com as outras realidades ligadas ao uso destas. Partindo, mais uma vez, de *Lignes de faille*, exploraremos o sentimento de Solomon ao se encontrar imerso em uma língua desconhecida; a descoberta de um mundo novo por Randall, ao aprender uma nova língua; a relação de Sadie com as diversas línguas que ela domina quando adulta e, sobretudo, a complexa condição de Kristina/Erra quanto às línguas que aprende, e como elas afetam e constroem sua identidade.

3.1. Nancy Huston: vida e obra

Iniciaremos nosso trajeto, porém, traçando o trajeto de vida da autora, marcado pela divisão linguística, geográfica, identitária, cerne da força criadora que motivará toda sua reflexão para a construção de uma obra cuja riqueza de temas e profundidade ficará evidente, mesmo após nossa breve incursão em dados de sua biografia.

Nancy Louise Huston, canadense nascida na anglófona Calgary, na província de Alberta, em 16 de setembro de 1953, adota o francês como língua de escrita a partir do momento em que deixa seu país para viver na França. O divórcio dos pais e o abandono de sua mãe marcarão sua infância, assim como as muitas mudanças de cidade, no Canadá e, mais tarde, nos Estados Unidos. A autora chega até mesmo a passar alguns meses na Alemanha, pouco tempo depois da separação dos pais, com a família de sua futura madrasta, onde ela rapidamente aprende o alemão.

Passando parte da adolescência nos Estados Unidos e estudando no influente Sarah Lawrence College, Huston tem a oportunidade de passar um ano em Paris, de onde, porém, decide não se mudar, fixando residência permanente desde sua chegada, em 1973. Em 1975, inicia seu mestrado sob orientação de Roland Barthes, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, no mesmo ano em que obtém seu bacharelado. Depois de publicada sua dissertação, *Dire et interdire: éléments de jurologie* (1980), tratando sobre insultos e imprecações, sua carreira toma rumos diversos: ela ensina inglês no Ministério de Finanças francês; dá aulas sobre Teoria do feminismo na Columbia University em Paris, escreve seus primeiros textos para revistas femininas como *Sorcières*, *Les cahiers du GRIF*, *Histoires d'elles*, *Les temps modernes* - influenciada por seu ativismo no grupo feminista *Mouvement de libération des femmes*. Assim serão seus primeiros passos em direção à escritura, que a levarão à sua opção pela língua francesa como língua de escrita e a conduzirão à sua carreira de escritora e romancista. Ela justifica sua escolha pelo francês em uma entrevista para a revista *Elle*, em 2006:

Eu tinha começado a escrever em francês e gostava mais de mim mesma em francês do que em inglês. Em inglês eu era suicida. Em francês, era como se eu não tivesse passado, não era mais sempre acompanhada pelo fato de que minha mãe me havia abandonado quando eu era pequena. E depois, há vinte anos, em 1986, quando tive um tipo de crise, disse para mim mesma que não podia mais fingir não ter raízes, era preciso que eu recuperasse os sentimentos de minha

infância e, então, escrevesse em inglês. Desde então, escrevo em inglês ou francês. E depois traduzo na outra língua. (SILBER, 2007, tradução nossa)⁹⁸.

A experiência desestabilizadora de sua infância, enraizada em sua língua materna, leva Huston a criar uma distância não só entre seu país e sua língua, mas também em sua identidade como tal; escrevendo em francês ela se livra do peso de seu passado. No entanto, essa divisão, que é também linguística, não passa despercebida, fazendo com que a autora identifique essa mesma divisão no seu país, constitucional (mas não praticamente) bilíngue:

Tão lingüisticamente cindida quanto meu país, com duas metades de personalidade que se encaram reciprocamente de forma hostil, ou brigam feito cão e gato, tanto em meus diários quanto em meus sonhos. Condenada doravante ao bilingüismo (aqui de novo como meu país: *volens nolens*) a produzir duas versões de cada um dos meus livros [...]. (HUSTON *apud* ALMEIDA, 2006, p. 2-3)

Seu primeiro romance é escrito em língua francesa, *Les Variations Goldberg* (1981), sobre o qual Huston comenta: "Foi preciso que Roland Barthes morresse em 1980 para que eu me arriscasse e escrevesse meu primeiro romance. [...] A felicidade absoluta de dizer 'eu' no lugar de outro, foi nesse momento que descobri." (ARGAND, 2001, p. 33, tradução nossa)⁹⁹. Ela reflete, em *Nord perdu* (1999), sobre esse sentimento gerado pela escrita de romances, diferente do que ela havia provado na escrita de seus ensaios e trabalhos acadêmicos:

Nossa liberdade de ir para outros lugares e de ser outras pessoas em nossa cabeça é extraordinária. O romance, quer seja lido ou escrito, nos lembra dessa liberdade... e de sua extrema importância. Trata-se *da* liberdade: aquela de não se contentar com uma identidade (religiosa, nacional, sexual, política) conferida no momento do nascimento. (HUSTON, 1999a, p. 105, tradução nossa)¹⁰⁰.

⁹⁸ J'avais commencé à écrire en français et je m'aimais plus en français qu'en anglais. J'étais suicidaire en anglais. En français, c'était comme si je n'avais pas de passé, je n'étais plus sans cesse ramenée au fait que ma mère m'a abandonnée quand j'étais enfant. Et puis, il y a vingt ans, en 1986, j'ai eu une sorte de crise, je me suis dit que je ne pouvais plus faire semblant de ne pas avoir de racines, il fallait que je retrouve les émotions de mon enfance et donc que j'écrive en anglais. Depuis, j'écris en anglais ou en français. Puis je traduis dans l'autre langue.

⁹⁹ Mais il a fallu que Roland Barthes meure en 1980 pour que je saute le pas et écrive mon premier roman. [...] La joie absolue de dire je à la place de quelqu'un d'autre, je l'ai découverte à ce moment-là.

¹⁰⁰ Notre liberté d'aller ailleurs et d'être autrui dans notre tête est proprement hallucinante. Le roman, qu'on en lise ou qu'on en écrive, nous rappelle cette liberté... et son importance extrême. Il s'agit de *la* liberté : celle de ne pas se contenter d'une identité (religieuse, nationale, sexuelle, politique) conférée à la naissance.

Porém, em sua estreia na ficção, Huston ainda não se tinha livrado completamente das ideias adquiridas enquanto estudante de Barthes, e reconhece que a credulidade total suscitada pelo romance não parecia tão simples depois do tempo dedicado à teoria. A propósito de seus primeiros passos na ficção, a autora diz:

Mas ainda era uma ficção prudente, "inteligente", e não tola, não é, uma ficção que desencorajava toda crença ingênua em seu enredo e seus personagens... Esta é, sem dúvida, uma das razões pelas quais decidi, uma dezena de anos mais tarde, voltar à língua inglesa. Eu estava sedenta de inocência teórica; queria fazer frases livres e descuidadas, explorar todos os registros da emoção, inclusive, por que não, o patético, contar histórias em primeiro grau, com fervor, acreditando nelas, sem temer os comentários maliciosos dos barthesianos e outros perequianos. (HUSTON, 1999a, p. 50, tradução nossa)¹⁰¹.

Sobre a literatura, ela ainda vai além, comparando-a com a forma primeira de criação - o parto: "[...] a literatura se assemelha ainda mais com o parto do que a pintura ou a música, pois ela faz precisamente com que seres humanos "vivam". E, diferentemente dos pais, os escritores podem nutrir a esperança de conferir aos seus heróis e heroínas uma certa imortalidade" (HUSTON, 1990, p. 137, tradução nossa)¹⁰².

A maternidade, tema tratado em seu *Journal de la création* (1990), será uma das razões pelas quais Huston será capaz de explorar a ficção com a intensidade e plenitude que ela confere a essa forma de arte. Mãe de Léa, nascida em 1982, e Alexandre, nascido em 1988, ambos filhos de seu casamento com o filósofo e teórico franco-búlgaro Tzvetan Todorov, Huston sente necessidade de documentar a experiência descentralizadora e, ao mesmo tempo, criadora de sua segunda maternidade. Em uma entrevista, a escritora declara: "A maternidade me tornou menos niilista. Ao me levar de volta à vida, e não mais a ideias abstratas, ela fez de mim uma escritora melhor." (ELKAÏM, 2012, tradução nossa)¹⁰³.

E assim ela o fará em *Journal de la création*. Enquanto comenta as histórias de casais de escritores famosos como Sartre e Beauvoir, Virginia e Leonard Woolf, Scott e

¹⁰¹ Mais c'était encore une fiction avertie, "intelligente", pas dupe n'est-ce pas, une fiction qui décourageait toute croyance naïve en son intrigue et ses personnages... Sans doute est-ce l'une des raisons pour lesquelles j'ai décidé, une dizaine d'années plus tard, de retourner à la langue anglaise. J'étais assoiffée d'innocence théorique ; j'avais envie de faire des phrases libres et dépenaillées, d'explorer tous les registres de l'émotion y compris, pourquoi pas, le pathétique, de raconter des histoires au premier degré, avec ferveur, en y croyant, sans redouter les commentaires narquois des barthesiens et autres pérequiens.

¹⁰² [...] la littérature ressemble à l'enfantement plus encore que la peinture ou la musique, parce qu'elle fait justement "vivre" des êtres humains. Et - à la différence des parents - les écrivains peuvent nourrir l'espoir de conférer à leurs héros et héroïnes une certaine immortalité.

¹⁰³ La maternité m'a rendue moins nihiliste. En me ramenant à la vie, et non pas aux idées abstraites, elle a fait de moi un meilleur écrivain.

Zelda Fitzgerald, a escritora vai observando as transformações que começam a ocorrer em seu corpo a partir do quarto mês de gravidez e escreve em seu diário: "Um outro corpo ocupa e modifica o meu, de forma imperceptível mas, com o passar do tempo, espetacular. Ainda sou eu mesma?"(HUSTON, 1990, p. 22, tradução nossa)¹⁰⁴. Mais uma experiência de divisão - corpo e mente - que promoverá reflexões profundas afetando não só a escritora, como também toda e qualquer mulher, sobretudo aquelas que se dispõem a produzir arte - papel longamente negado às mulheres - e atribuído aos homens.

As instituições patriarcais privaram não somente as mulheres de sua alma, mas também os homens de sua carne, e ainda demorará bastante tempo até que os artistas se tornem seres plenos, não mutilados e não invejosos. Até que as mulheres deixem de se privar de sua maternidade para provar que elas têm um espírito, até que os homens deixem de depreciar a maternidade ao mesmo tempo em que a imitam pois não são capazes de dar a luz. Até que as mulheres deixem de "estremecer" e comecem a acreditar no poder fantástico de seu imaginário; até que os homens deixem de desafiar a morte e comecem a acreditar em sua fecundidade, em sua paternidade real e não mais simbólica, em sua imortalidade tranquila e anônima na espécie. É possível ser humano sem acrescentar, logo depois, assim como Nietzsche, "demasiado humano", e sem considerar esse estado como um declínio. (HUSTON, 1990, p. 295-296, tradução nossa)¹⁰⁵.

Percebemos, assim, não só uma influência das experiências pessoais de Nancy Huston sobre sua obra, mas também a maneira como a autora trabalha com essas mesmas experiências para ponderar sobre a condição humana: a maternidade, de um ponto de vista não canônico, será ainda tema em sua ficção em obras como *La virevolte* (1994), *L'empreinte de l'ange* (1998) e *Prodige* (1999b). Esses romances e a forma de enxergar a figura da mãe serão analisados por Angelina Guarino, em sua dissertação intitulada *La réinvention de la maternité dans l'oeuvre de Nancy Huston*:

De fato, Nancy Huston se inscreve na linhagem de escritoras que contribuíram para redefinir a identidade feminina na ficção contemporânea ao esboçar, através de seus ensaios e romances, uma multiplicidade de experiências femininas, todas diferentes, mesmo que mais ou menos sujeitas aos valores

¹⁰⁴ Un autre corps occupe et modifie le mien, de façon imperceptible mais à la longue spectaculaire. Suis-je encore moi?

¹⁰⁵ Les institutions patriarcales ont privé non seulement les femmes de leur âme, mais les hommes de leur chair, et il faudra bien du temps encore avant que les artistes ne deviennent des êtres pleins, non mutilés et non envieux. Avant que les femmes ne cessent de s'amputer de leur maternité pour prouver qu'elles ont de l'esprit ; avant que les hommes ne cessent de déprécier la maternité tout en la mimant parce qu'ils en sont incapables. Avant que les femmes ne cessent de "trembler" et se mettent à croire en la puissance fantastique de leur imaginaire ; avant que les hommes se mettent à croire en leur fécondité à eux, en leur paternité réelle et non plus symbolique, en leur immortalité tranquille et anonyme dans l'espèce. Il est possible d'être humain sans ajouter aussitôt, à la manière de Nietzsche, "trop humain", et sans considérer cet état comme une déchéance.

sociais cuja força é medida pela autora. (GUARINO, 2009, p. 4, tradução nossa)¹⁰⁶.

Em *Lignes de faille*, a questão da maternidade será apresentada na relação dos narradores-personagens com suas mães, sobretudo por serem crianças relatando os fatos. Teremos, aqui, um ponto de vista incomum e original; ao mesmo tempo, podemos pensar como a relação dessas mães com seus filhos afetou a vida adulta destes. A ordem cronológica inversa do romance faz exatamente com que surjam questionamentos do tipo: se tal coisa não tivesse acontecido na infância desses personagens, então talvez sua vida teria sido muito diferente. Também, ao observarmos um personagem como Solomon, não deixamos de notar uma crítica à superproteção, tão comum nos dias de hoje, de uma mãe como Tess, reflexo, por sua vez, de sua própria criação em uma família numerosa e rígida. Tess decidiria dedicar-se ao máximo ao único filho, dando-lhe toda a atenção que ela talvez não tenha recebido quando criança. Ainda encontramos, em *Lignes de faille*, mães pouco presentes, como Kristina, para a pequena Sadie, e Sadie para o pequeno Randall, o que abrirá espaço para explorar ainda mais a questão da paternidade, com Sadie sempre a se perguntar de seu pai e Randall ter um relacionamento muito próximo com seu pai, Aron.

Huston também ocupa um lugar especial no que diz respeito aos escritores francófonos, dado o caráter peculiar de sua vinda à escrita: através da escolha e eleição da língua francesa como língua de escrita, sem dedicar-se a um trabalho prévio em sua língua materna. Desta forma, a questão da língua, sobretudo da língua estrangeira, estará presente em grande parte de sua obra, com maior ou menor enfoque, principalmente em sua discussão e estudo. A autotradução de seus escritos da língua francesa para inglesa, e vice-versa, será também marca dessa posição, reflexo de sua identidade situada entre duas culturas. Porém, antes que pudesse transitar entre as duas línguas, Huston enfrenta uma doença neurológica, que ela relaciona diretamente com sua experiência de exílio:

Depois, em 1986, ao mesmo tempo em que era publicada minha correspondência com Leïla Sebbar, *Lettres parisiennes : autopsie de l'exil*, fiquei doente. Mielite aguda de origem desconhecida. Pernas dormentes. Não sei mais andar sem cambalear. Nada "anda" mais. Tempo de reflexão. Tempo de balanço. Para mim, essa doença neurológica estará inextricavelmente ligada à minha tomada de consciência do exílio. Eu a vejo como uma advertência:

¹⁰⁶ En effet, Nancy Huston s'inscrit dans la lignée d'écrivaines qui ont contribué à redéfinir l'identité féminine dans la fiction contemporaine en esquissant, à travers ses romans et essais, une multiplicité d'expériences féminines, toutes différentes, bien que plus ou moins soumises aux valeurs sociales dont l'auteure mesure la force.

Você congelou suas raízes, sua língua, sua infância... Um romancista sem infância não pode fazer nada valioso. Você está errando o caminho. (HUSTON, 2004b, p. 23, tradução nossa)¹⁰⁷.

Em 1987, dois anos depois da publicação de *Histoire d'Omayya* (1985), é editada sua primeira autotradução para o inglês, *The Story of Omayya*. Superadas a doença e a crise decorrente desta, Huston consegue lidar melhor com seu passado e com sua língua materna. Ela publica, em 1993, seu quarto romance e primeiro escrito em língua inglesa, *Plainsong*. A escrita começa em 1989 e, em 1990, terminado este processo, começa a tradução para o francês. Os livros *Plainsong* e *Cantique des plaines*, sua versão francesa, serão publicados em 1993, quando Huston encontra editores para ambas as versões. A propósito do livro, a autora diz:

Plainsong / Cantique des plaines será publicado simultaneamente na França, no Canadá inglês e no Quebec; sendo meu décimo livro, minha verdadeira vida de escritora se inicia nesse momento, pois na França e no Quebec encontrei editores que confiam em mim. No Canadá, o livro recebe o prêmio du Gouverneur général... mas em sua versão traduzida! Isso atrai sobre mim a ira de alguns nacionalistas quebequenses e me faz, subitamente, desagradavelmente, famosa. Raramente me senti tão esquizofrênica quanto no dia da entrega desse prêmio quando, sobre o estrado da Biblioteca nacional, em Ottawa, diante de um público majoritariamente anglófono, eu me encontro na obrigação de ler em francês um trecho de um livro que, *justamente dessa vez*, escrevi em inglês! (HUSTON, 2004b, p. 25, tradução nossa)¹⁰⁸.

Portanto, essa volta às raízes continua fazendo com que a autora se questione sobre essa sempre presente divisão linguística. O seu bilinguismo vai ser profundamente analisado no livro de ensaios *Nord perdu*, em que ela relaciona a perda de suas origens - o Norte perdido, o Canadá natal, - à sua experiência de exílio e ao uso de uma língua estrangeira, com o decorrente sentimento de perda e desorientação. A expressão francesa *perdre le nord* quer dizer perder a cabeça, perder o rumo. Huston faz uso desta

¹⁰⁷ Puis en 1986, au moment même où était publiée ma correspondance avec Leïla Sebbar, *Lettres parisiennes : autopsie de l'exil*, je suis tombée malade. Myélite aiguë d'origine inconnue. Jambes engourdies. Je ne sais plus marcher sans tituber. Rien ne «marche» plus. Temps de réflexion. Temps de bilan. Pour moi, cette maladie neurologique sera inextricablement liée à ma prise de conscience de l'exile. Je la vis comme une mise en garde : Tu as gelé tes racines, ta langue, ton enfance... Un romancier sans enfance ne peut rien faire de valable. Tu te trompes de chemin.

¹⁰⁸ *Plainsong / Cantique des plaines* paraîtra simultanément en France, au Canada anglais et au Québec ; alors qu'il s'agit de mon dixième livre, ma vraie vie d'écrivain démarre à ce moment, car en France et au Québec j'ai trouvé des éditeurs qui ont confiance en moi. Au Canada le livre reçoit le prix du Gouverneur général... mais dans sa version traduite ! ce qui m'attire les foudres de quelques nationalistes québécois et me rend subitement, désagréablement, célèbre. Rarement je me suis sentie aussi schizophrène que le jour de la remise de ce prix où, sur l'estrade de la Bibliothèque nationale à Ottawa, devant un public majoritairement anglophone, je me trouve dans l'obligation de lire en français un extrait d'un livre que, *pour une fois*, j'ai écrit en anglais !

expressão para explicar, logo no começo do livro, como ela se sente em relação ao seu país: "Meu país era o Norte, o Grande Norte, o norte verdadeiro, forte e livre", ela diz, referindo-se ao hino nacional do Canadá, e continua: "Eu o traí, e o perdi." (HUSTON, 1999a, p 15, tradução nossa)¹⁰⁹.

No momento em que escreve *Nord perdu*, em 1998, a autora já passou vinte e cinco anos na França, mais da metade de sua vida; portanto, ela responde, ironicamente, à pergunta sobre sentir-se francesa depois de tantos anos no país: "O que isso significaria, se sentir francês? Com o que eu identificaria isso, se me acontecesse um dia?" (HUSTON, 1999a, p. 17, tradução nossa)¹¹⁰. Sua ironia é justificada pela sua perspicácia em enxergar as identidades nacionais como mais uma construção, mais uma das formas de identificação do ser humano, mas não a única. No final de sua reflexão no livro, ela completa: "Sou francesa porque compartilho completamente a existência dos franceses. Mas, em relação aos franceses autóctones, tenho essa pequena vantagem: eu sei que 'ser francês' é uma identidade dentre outras, a resultante de mil acasos geográficos e históricos [...]". (HUSTON, 1999a, p. 95, tradução nossa)¹¹¹. Pertencer a uma nação, portanto, não faz parte de um determinismo identitário, mesmo afetando a forma como os seres humanos se relacionam entre si e com o mundo; não cair em um nacionalismo exacerbado, o que pode ser perigoso, depende da capacidade de percepção desse fato.

Segundo Huston, a experiência da infância num dado país deixa uma marca indelével, e a infância, ainda que alguns o neguem, é um período único na vida de um ser humano, que o acompanhará até o fim de seus dias. Com a metáfora de um fruto, ela explica a infância: "[...] temos todas nossas idades ao mesmo tempo, você não acha? A infância é como o caroço da fruta: a fruta, ao crescer, não se torna oca! Não é porque a polpa se adensou em volta dele que o caroço desaparece..." (HUSTON, 1999a, p. 18, tradução nossa)¹¹². Dessa forma, ela nunca deixará de ser uma criança canadense, pois sê-lo é uma parte constitutiva de seu ser. E também faz parte dessa infância, a língua inglesa na qual ela cresceu: "As palavras dizem bem: a primeira língua, a "materna", adquirida desde a primeira infância, envolve você e o toma para si, enquanto a segunda,

¹⁰⁹ Mon pays c'était le Nord, le Grand Nord, le nord vrai, fort et libre. Je l'ai trahi, et je l'ai perdu.

¹¹⁰ Cela voudrait dire quoi, se sentir français ? A quoi le reconnaîtrais-je, si ça devait m'arriver un jour ?

¹¹¹ Je suis française parce que je partage complètement l'existence des Français. Mais j'ai sur les souchistes ce petit avantage : je sais que "être français" est une identité parmi d'autres, la résultante de mille hasards géographiques et historiques [...]

¹¹² [...] on est tous nos âges à la fois, vous ne croyez pas ? L'enfance, c'est comme le noyau du fruit : le fruit, en grandissant, ne devient pas creux ! Ce n'est pas parce que la chair s'épaissit autour de lui que le noyau disparaît...

a "adotiva", é você quem deve cuidar dela como uma mãe, dominá-la e apropriar-se dela." (HUSTON, 1999a, p. 61, tradução nossa)¹¹³.

Assim, as duas línguas ocupam diferentes espaços na vida de Nancy Huston, de forma que ela definirá seu bilinguismo como um "falso bilinguismo". O próprio conceito de bilinguismo é uma questão ainda em aberto entre os pesquisadores da área, pois não há consenso quanto à sua definição; portanto, nos ateremos à definição e visão de bilinguismo da própria autora, condizente com aquela que restringe bastante o escopo do termo, como a de Bloomfield, segundo o qual o bilinguismo seria o "controle de duas línguas semelhante ao de um nativo" (BLOOMFIELD *apud* FLORY, 2009, p. 28). Huston fala sobre os "verdadeiros bilíngues" nos seguintes termos:

[...] são aqueles que, por razões geográficas, históricas, políticas, até mesmo biográficas (filhos de diplomatas), aprendem desde a infância a dominar perfeitamente duas línguas e passam de uma a outra sem escrúpulos. Pode acontecer, é claro, que as duas línguas ocupem, em seu espírito, lugares assimétricos: eles sentem, por exemplo, um vago ressentimento em relação a uma - língua do poder ou da antiga potência colonial, língua imposta na escola ou no mundo de trabalho - e uma ligação com a outra, língua familiar, íntima, carnal, muitas vezes dissociada da escrita. Isso não impede que eles o façam, e muito bem. (HUSTON, 1999a, p. 53, tradução nossa)¹¹⁴.

A partir dessa visão dos bilíngues, a autora elaborará a definição de "falsos bilíngues", baseada em sua própria experiência entre-línguas e, sobretudo, na divisão que ela reconhece haver entre sua relação com as línguas inglesa e francesa. Começando com a questão da memória, ela comenta sobre as palavras mais específicas que, não sendo de uso frequente, acabam esquecidas na língua francesa: retendo na memória os genéricos, como "*ferramenta* mas não *chave inglesa*, *utensílio* mas não *pá*, *peixe* mas não *robalo*, *pássaro* mas não *pica pau*, *flor* mas não *capuchinha*, *árvore* mas não *freixo*." (HUSTON, 1999a, p. 55, tradução nossa)¹¹⁵. A autora conclui, portanto, que os substantivos são mais propensos a lapsos, assim como, na língua materna, com o avançar da idade, as pessoas costumam esquecer nomes próprios.

¹¹³ Les mots le disent bien: la première langue, la "maternelle", acquise dès la prime enfance, vous enveloppe et vous fait sienne, alors que pour la deuxième, l'"adoptive", c'est vous qui devez la materner, la maîtriser, vous l'approprier.

¹¹⁴ [...] sont ceux qui, pour des raisons géographiques, historiques, politiques, voire biographiques (rejetons de diplomates), apprennent dès l'enfance à maîtriser deux langues à la perfection et passent de l'une à l'autre sans état d'âme particulier. Il arrive, bien sûr, que les deux langues occupent dans leur esprit des places asymétriques : ils éprouvent par exemple un vague ressentiment envers l'une - langue du pouvoir ou de l'ancienne puissance coloniale, langue imposée à l'école ou dans le monde du travail - et de l'attachement pour l'autre, langue familiale, intime, charnelle, souvent dissociée de l'écriture. N'empêche qu'ils se débrouillent, et fameusement.

¹¹⁵ [...] *outil* mais non *clef à molette*, *ustensile* mais non *pelle*, *poisson* mais non *bar*, *oiseau* mais non *pivert*, *fleur* mais non *capucine*, *arbre* mais non *frêne*.

Outra característica de um falso bilíngue seria a incapacidade de lidar com mensagens nas duas línguas ao mesmo tempo, como exemplifica Huston ao jantar, em Montreal, com uma amiga que confidenciava sobre seu primeiro casamento. Enquanto sua amiga falava em francês, com voz baixa, a mesa vizinha se agitava com jovens falando ruidosamente em inglês. Apesar de seus esforços para se concentrar na narração da amiga, ao final do jantar, Huston sabia mais sobre os assuntos conversados na outra mesa do que sobre as decepções matrimoniais de sua amiga. A língua materna, mais uma vez, mostra ter um domínio mais forte sobre o falso bilíngue. Essa relação fica clara com a definição da língua inglesa e francesa na vida da autora:

Há muito tempo, eu tenho sonhado, pensado, feito amor, escrito, imaginado e chorado nas duas línguas alternadamente e, por vezes, em uma mistura desconcertante de ambas. Entretanto, elas estão longe de ocupar lugares comparáveis em meu espírito: provavelmente, como todo falso bilíngue, tenho a impressão de que elas dormem em quartos separados em meu cérebro. Longe de estarem tranquilamente deitadas face a face, ou de costas uma para a outra, ou lado a lado, longe de poderem ser sobrepostas ou intercambiáveis, elas são distintas, hierarquizadas: antes uma depois a outra na minha vida, antes a outra e depois a primeira no meu trabalho. (HUSTON, 1999a, p. 61, tradução nossa)¹¹⁶.

Essa aparente divisão das línguas em seu cérebro será explicada por Huston pelos status distintos destas - o inglês como a língua mais ligada às emoções, e o francês como sua língua de intelectualização. Dessa forma, por exemplo, ao escrever sua dissertação de mestrado *Dire et interdire: éléments de jurologie*, sobre tabus linguísticos, ela trata a língua sob um viés mais intelectual, portanto não chocante para seu cérebro anglófono: "As imprecisões francesas (palavrões, blasfêmias e insultos) eram certamente mais acessíveis a mim como objeto de saber do que para a maioria dos autóctones, na medida em que essas palavras não tinham nenhuma carga afetiva particular para mim." (HUSTON, 1999a, p. 63, tradução nossa)¹¹⁷. Assim, ela pode apontar mais uma das características de um falso bilíngue - a assimetria lexical e de carga afetiva de suas línguas materna e adotiva.

¹¹⁶ Depuis longtemps, je rêve, pense, fais l'amour, écris, fantasme et pleure dans les deux langues tour à tour, et parfois dans un mélange ahurissant des deux. Pourtant, elles sont loin d'occuper dans mon esprit des places comparables : comme tous les faux bilingues sans doute, j'ai souvent l'impression qu'elles font chambre à part dans mon cerveau. Loin d'être sagement couchées face à face ou dos à dos ou côte à côte, loin d'être superposées ou interchangeableables, elles sont distinctes, hiérarchisées : d'abord l'une ensuite l'autre dans ma vie, d'abord l'autre ensuite l'une dans mon travail.

¹¹⁷ Les jurons français (gros mots, blasphèmes et injures) m'étaient certainement plus accessibles comme objet de savoir qu'à la plupart des autochtones, dans la mesure où ces mots n'avaient pour moi aucune charge affective particulière.

[...] é em francês que me sinto à vontade em uma conversa intelectual, uma entrevista, um colóquio, em toda situação linguística que recorra ao uso dos conceitos e categorias aprendidos na idade adulta. Por outro lado, se tenho vontade de delirar, desabafar, praguejar, cantar, gritar, me perder ao puro prazer das palavras, é em inglês que o faço. Todo meu francês, em outros termos, deve se situar no hemisfério esquerdo do meu cérebro, a parte hiper-racional e estruturante que comanda minha mão direita, enquanto que minha língua materna, aprendida ao mesmo tempo da descoberta do corpo, do controle dos esfíncteres e da interiorização dos tabus, está dividida entre os dois hemisférios (a direita, mais holística, artística e emotiva é, portanto, inteiramente anglófona). (HUSTON, 1999a, p. 61-62, tradução nossa)¹¹⁸.

Sendo também uma musicista competente, Huston compara ainda essa divisão das línguas francesa e inglesa com dois dos instrumentos que toca: o piano e o cravo. O piano, praticado e ensinado pela mãe, terá uma ligação muito forte para com esta e, portanto, com sua língua materna. Em uma entrevista, ela diz: “Minha mãe e sua irmã eram prodígios. Suas fotos saíam nos jornais. Quando minha mãe foi embora, minha tia continuou a me ensinar a tocar piano. A música se tornou, então, a única ligação simbólica que conservava com minha mãe. E eu nunca parei de tocar”. (FREY, 1999, tradução nossa)¹¹⁹. O cravo, por sua vez, terá um aprendizado mais tardio, em 1971, momento que coincide com o aprendizado da língua francesa. Assim como sua língua materna, o piano será trocado pelo cravo em 1973, ano em que a escritora se instala na França. A propósito dessa troca, Huston reflete: “Nenhuma explosão, nenhuma surpresa violenta em francês, nem ao cravo. Do que eu estava fugindo ao fugir do inglês e do piano está claro para mim.” (HUSTON, 1999a, p. 65, tradução nossa)¹²⁰.

A música, fazendo parte da vida da autora, que também participa de projetos musicais como *Le mâle entendu*, *Pérégrinations Goldberg* e *Ultraviolet* - os últimos baseados em seus romances *Les Variations Goldberg* (1981) e *Ultraviolet* (2011) respectivamente -, estará presente, ainda, em sua obra literária. O seu primeiro romance, *Les Variations Goldberg*, é desenvolvido a partir do recital das *Variações Goldberg* de

¹¹⁸ [...] c'est en français que je me sens à l'aise dans une conversation intellectuelle, une interview, un colloque, toute situation linguistique faisant appel aux concepts et aux catégories appris à l'âge adulte. En revanche, si j'ai envie de délirer, me défouler, jurer, chanter, gueuler, me laisser aller au pur plaisir de la parole, c'est en anglais que je le fais. Tout mon français, en d'autres termes, doit se trouver dans l'hémisphère gauche de mon cerveau, la partie hyper-rationnelle et structurante qui commande à ma main droite, alors que ma langue maternelle, apprise en même temps que la découverte du corps, la maîtrise des sphincters et l'intériorisation des interdits, est répartie entre les deux hémisphères (la droite, plus holistique, artistique et émotive, est donc entièrement anglophone).

¹¹⁹ Ma mère et sa soeur étaient des prodiges, se souvient la romancière. Elles avaient leur photo dans les journaux. Lorsque ma mère a quitté la maison, c'est ma tante qui a continué à m'enseigner le piano. La musique est restée alors le seul lien symbolique que je conservais avec ma mère. Et je n'ai jamais arrêté de jouer.

¹²⁰ Jamais d'explosion, jamais de surprise violente en français, ni au clavecin. Ce que je fuyais en fuyant l'anglais et le piano me semble clair.

Bach executado no cravo pela protagonista Liliane Kulainn. Suas trinta partes se tornam os trinta capítulos do livro, dedicados a esmiuçar os pensamentos dos convidados presentes no recital, acrescentados de dois capítulos para os pensamentos da protagonista e musicista, que se misturam com suas impressões sobre a música e sobre as impressões de seus convidados. Além desse romance, obras como *Cantique des plaines*, *Prodige* (1999b), *L’empreinte de l’ange* (1998) e *Instruments des ténèbres* (1996b) também exploram, de forma mais abrangente ou mais superficial, temas musicais em seus enredos.

Em *Lignes de faille*, a música também tem um papel importante, seja para caracterizar um momento de diversão, como aqueles descritos por Randall em que seu pai faz brincadeiras com passagens de diferentes canções conhecidas: “If I were a rich man, Ya ha deedle deedle, bubba bubba deddle deddle dum. All day long I’d Follow the Yellow Brick Road.[...]”(HUSTON, 2008, p. 106), ou as paródias que Kristina faz para divertir Sadie, como cantar *Put your shed on my boulder* no lugar de *Put your head on my shoulder*; ou ainda para mostrar os primeiros passos da pequena Kristina em direção à música, sua tábua de salvação. Segundo Powell: “A música na obra de Huston serve para retratar os personagens, desenvolver a narrativa e estabelecer um contexto político e estético que envolve ao mesmo tempo os personagens e os leitores.” (POWELL, 2001, p. 49, tradução nossa)¹²¹. Mesmo a temática do romance não sendo a música, como no caso de *Les Variations Goldberg*, não há dúvidas de que seu uso aprofunde a caracterização dos personagens e engaje o leitor a criar uma maior identificação com o contexto e com os próprios personagens.

Huston não tem na música só mais uma inspiração para seus trabalhos, ela faz parte de sua rotina de escrita: “A escrita é um campo minado, cheio de sentidos e medos. Portanto, antes de começar, preciso da beleza gratuita proporcionada pela música. Esta música que me acalma e representa para mim o modelo daquilo que pode ser a arte” (FREY, 1999, tradução nossa)¹²².

Outra grande inspiração para a autora, tanto para sua obra, quanto para sua identificação enquanto estrangeira escrevendo em língua francesa, é Romain Gary. Escritor de origem russa, nascido como Roman Kacew em 1914, cresce na Polônia e na

¹²¹ La musique chez Huston sert à faire le portrait des personnages, à développer le récit et à établir un contexte politique et esthétique qui engage à la fois personnages et lecteurs.

¹²² L’écriture est un terrain miné, plein de sens et de peur. Alors, avant de m’y lancer, j’ai besoin de la beauté gratuite que vous procure la musique. Cette musique qui me calme et représente pour moi un modèle de ce que peut être l’art.

França, onde se naturaliza como Romain Gary e participa da Resistência francesa. Após o fim da Guerra, ele trilha sua carreira de diplomata que o leva a diversas partes do mundo, escreve mais de trinta romances em língua francesa e inglesa, cria diversos pseudônimos, e se torna um dos expoentes da literatura francesa e o único a ganhar duas vezes o prix Goncourt, prêmio literário de maior prestígio na França, com *Les racines du ciel* (1956) e com *La vie devant soi* (1975), sob pseudônimo de Émile Ajar. Seu percurso de vida, sua identidade multicultural e entre-línguas fazem com que Nancy Huston se interesse profundamente não só pela obra de Romain Gary, que ela lê do começo ao fim, mas também o veja como um igual e um mentor:

Ele era tão ferido pelos primórdios de sua vida que não cessava de mudar de lugar, de nome, de meios e de escrever histórias incansavelmente. Ele é um irmão. Como ele, eu tive uma infância instável, marcada por mudanças frequentes; como ele, eu também tive a chance de poder transformar minha angústia em riqueza, pois uma das maneiras de tirar proveito de suas identidades múltiplas é encarnando-as em personagens fictícios. (ARGAND, 2001, p. 33, tradução nossa)¹²³.

A afinidade com Romain Gary resulta no livro *Tombeau de Romain Gary* (1995); nele Huston fala diretamente com o autor sobre a vida que ele levou, reinventando-se e deixando sempre difícil enxergar os fatos de sua vida por si só, inventando-os e os misturando com suas obras, seus personagens e seus pseudônimos. Criando Émile Ajar em 1973, finalmente Romain Gary se vê livre de todas suas amarras - seu amor pela mãe e sua vontade de ser aquilo que ela havia sonhado para ele, sua imagem de militante condecorado, patriota francês, escritor premiado - e pode escrever com total liberdade, pois Ajar é sua própria criação tornada viva. Desde o primeiro romance, o sucesso de Ajar é enorme, mesmo tratando-se de um escritor misterioso. A farsa é, então, assegurada pela participação de Paul Pavlowitch, filho de uma prima de Gary, que concorda em encarnar Ajar. O resultado é, como já se sabe, o prêmio Goncourt; no entanto, pouco tempo depois da atribuição deste, um jornalista descobre o grau de parentesco de Pavlowitch e Gary, e a mídia começa a exigir explicações. Gary, não disposto a deixar a verdade transparecer, escreve *Pseudo* (1976), uma suposta confissão, em forma de ficção, de Pavlowitch sobre seu pseudônimo e sua relação às

¹²³ Il était si blessé par ses départs dans la vie qu'il n'a eu de cesse de changer de lieu, de nom, de milieu et d'écrire sans relâche des histoires. C'est un frère. Comme lui, j'ai eu une enfance instable, marquée par des déménagements fréquents; comme lui, j'ai eu aussi la chance de pouvoir transformer ma détresse en richesse, car l'une des manières de tirer profit de ses identités multiples, c'est de les incarner dans des personnages romanesques.

vezes desagradável com Gary. Finalmente o público acredita na engenhosa criação de Gary. Porém, a mentira angustia Gary, e ele se sente infeliz sob a máscara de Ajar como se sentia sob sua própria máscara como Gary. Huston se dirige a ele, em *Tombeau*: "Você já pressentia que os dois falsos, ao invés de produzirem o verdadeiro, vão se anular e produzir o nada". (HUSTON, 1995, p.89, tradução nossa)¹²⁴.

A partir de então, Gary começa a se afundar na angústia e, em 1980, aos 66 anos, se suicida com um tiro na boca. Huston conclui: "Não há uma moralidade simples que se possa tirar de sua vida e da sua obra, ambas imperfeitas e prodigiosas. Seu horizonte certamente não é de uma verdadeira melhora de nossa espécie [...] entretanto, qualquer que seja o absurdo da esperança, o importante a seus olhos era não perdê-la." (HUSTON, 1995, p. 96-97, tradução nossa)¹²⁵. Para sua obra e sua vida, Huston carregará essa lição, presente na reflexão de *Professeurs de désespoir* (2004). Mesmo Gary não sendo capaz de manter a esperança, ainda assim ele não é um dos "professores de desespero" analisados no ensaio, escritores de várias gerações, Schopenhauer, Beckett, Cioran, Delbo, Kundera, Houellebecq, entre outros, que professam o niilismo em suas obras. Muito pelo contrário, sua obra *Pour Sganarelle* (1965) serve de inspiração. Huston dirá até mesmo fazer uma reescrita desse trabalho de Gary em *Professeurs de désespoir*, pois ela faz, como ele, uma exaltação do romance e de seu poder e a dedica a Gary:

Há muito tempo Gary é para mim uma espécie de espírito guardião. Nenhum escritor francês foi mais lúcido do que ele - judeu poliglota em exílio em todos os lugares - quanto às mentiras, hipocrisias, covardias e crueldades da espécie humana; nenhum, entretanto, fez um tão belo elogio (nem forneceu tão belas provas) da imaginação romanesca. Esta conclusão é, portanto, especialmente dedicada a ele, pois ele nunca deixou - em todo o esplendor de suas contradições - de me dar forças. (HUSTON, 2004a, p. 337, tradução nossa)¹²⁶.

Com esse olhar transformador do romance e, sobretudo, assumindo ao mesmo tempo uma posição realista e construtiva em relação aos seres humanos Huston se dedicará ao seu ofício de escritora, explorando inúmeros temas que se entrelaçam em seus romances

¹²⁴ Tu pressens déjà que les deux faux, au lieu de produire du vrai, vont s'annuler et produire du néant.

¹²⁵ Il n'y a pas de moralité simple qui se dégage de ta vie et de ton oeuvre, toutes deux imparfaites et toutes deux prodigieuses. Leur horizon n'est certes pas une réelle amélioration de notre espèce [...] pourtant, quelle que soit l'absurdité de l'espoir, l'important à tes yeux était de le garder.

¹²⁶ Gary est depuis longtemps pour moi une sorte d'esprit tutélaire. Aucun écrivain français n'a été plus lucide que lui - juif polyglotte partout en exil - quant aux mensonges, hypocrisies, lâchetés et cruautés de l'espèce humaine ; aucun, pourtant, n'a fait un si bel éloge (ni fourni de si belles preuves) de l'imagination romanesque. Cette conclusion lui est donc spécialement dédiée, car il n'a cessé - dans toute la splendeur de ses contradictions - de me donner des forces.

e ensaios, assim como na sua própria biografia. Essa multiplicidade mostra que ela, diferentemente do que se poderia pensar, não está perdida em sua condição de exilada canadense na França, de anglófona autora de livros em língua francesa, de mãe e mulher, de musicista, feminista, e de muitas outras identidades assumidas ao longo da vida, mas sim que essa mesma multiplicidade abriu seus olhos para ver além.

A vida humana merece julgamentos menos simplistas do que a dicotomia esperança/desesperança: ao mesmo tempo maravilhosa e terrível, desopilante e atroz, nobre e ignóbil, bem e mal, ela é *complexa*, portanto *imprevisível*, portanto *apaixonante*: ela é a condição de nossa reflexão e a fonte exclusiva de nossa inteligência. (HUSTON, 2004a, p. 353, tradução nossa)¹²⁷.

3.2. *Lignes de faille*

A questão da língua, entretanto, nos obriga a aprofundarmos algumas questões desenvolvidas no decorrer da reflexão de Nancy Huston sobre sua própria relação com as suas línguas materna e de adoção, como ela chama a língua francesa. Para a autora: "a aquisição de uma segunda língua anula o caráter 'natural' da língua de origem - e, a partir disso, nada mais é dado automaticamente, tanto em uma quanto na outra língua; nada mais lhe pertence de origem, de direito e de evidência." (HUSTON, 1999a, p. 43, tradução nossa)¹²⁸. Fica evidente, portanto, o quão desestabilizadora a experiência de uma segunda língua pode ser. Mas, esta também pode ser reveladora, pois amplia nossa visão sobre a importância e complexidade da linguagem, seja ela a língua materna, a segunda língua e outras formas de linguagem humana.

Assim sendo, a definição de língua de Huston não poderia deixar de incluir e se construir a partir de seu ponto de vista entre línguas e entre culturas. Sem ir na contramão da definição que já apresentamos, Huston diz: "O problema, veja você, é que as línguas não são somente línguas; são também *world views*, quer dizer, formas de ver e de compreender o mundo. O intraduzível existe nisso...E se você tem mais de uma *world view*... você não *tem*, de certa forma, nenhuma." (HUSTON, 1999a, p. 51,

¹²⁷La vie humaine mérite des jugements moins simplistes que la dichotomie espoir/désespoir : tout à la fois merveilleuse et terrible, désopilante et atroce, noble et ignoble, bien et mal, elle est *complexe*, donc *imprévisible*, donc *passionante* : c'est la condition de notre réflexion et la source exclusive de notre lumière.

¹²⁸L'acquisition d'une deuxième langue annule le caractère "naturel" de la langue d'origine - et à partir de là, plus rien n'est donné d'office, ni dans l'une ni dans l'autre ; plus rien ne vous appartient d'origine, de droit et d'évidence.

tradução nossa)¹²⁹. Correspondendo cada língua a uma visão de mundo, a autora só poderia se situar nesse espaço em que não há nem uma nem outra língua, portanto em um entre-línguas, definido por Noelle Rinné como uma língua terceira:

Parece-me que, para Nancy Huston, escrever se dá como conclusão de um percurso que não está mais sujeito à escolha entre uma e outra língua, mas sim a ir além das duas. Na qualidade de escritora bilíngue, ela permite à suas leitoras e leitores alcançarem esse espaço entre duas línguas, essa língua terceira que é criada somente após um longo caminho em contato com duas culturas, dois sistemas, duas vidas. Originária da justaposição de dois espaços linguísticos, a língua terceira não pode ser definida em termos precisos. Ela permanece indefinida, emotiva, e as interpretações que fazemos dela podem ser somente aproximativas. No entanto, não é menos real, rica e autêntica. Ela é hoje, em minha opinião, a língua por excelência de Nancy Huston. (RINNÉ, 2004, p. 8, tradução nossa)¹³⁰.

É a partir desse espaço híbrido que nos fala Huston, seus personagens são expressão dessas mesmas qualidades: também são híbridos, complexos, alguns até bem incomuns, mas não menos ricos e autênticos. Eles refletem, ainda, uma das convicções da autora, sobre a qual ela fala em um artigo publicado no jornal *Libération*: "Se as palavras circulam, se as histórias circulam, se as pessoas aprendem a se identificar aos personagens de um e do outro, esse é o primeiro passo rumo à identificação com as pessoas." (HUSTON, 2005, tradução nossa)¹³¹. No artigo, ela falava especialmente sobre a situação do diálogo entre o Oriente Médio e o resto do mundo; no entanto, este pensamento poderia ser aplicado a qualquer situação de contato de culturas através da literatura, das palavras.

De certa forma, em *Lignes de faille*, essa questão transparece, sobretudo se pensarmos esse contato sendo primeiramente linguístico, e evoluindo com o conhecimento das palavras estrangeiras, como o caso de Randall, que aprende a língua hebraica para depois ter contato efetivo com a cultura ao se mudar para Israel. Em *A espèce fabuladora*, Huston fala sobre a sorte de algumas crianças que aprendem a

¹²⁹ Le problème, voyez-vous, c'est que les langues ne sont pas seulement des langues ; ce sont aussi des *world views*, c'est-à-dire des façons de voir et de comprendre le monde. Il y a de l'intraduisible là-dedans... Et si vous avez plus d'une *world view*... vous n'en avez, d'une certaine façon, aucune.

¹³⁰ Pour Nancy Huston, il me semble qu'écrire se comprend comme l'issue d'un parcours qui n'est plus contraint de choisir entre l'une et l'autre langue mais de dépasser les deux. En tant qu'écrivaine bilingue, elle permet à ses lectrices et à ses lecteurs d'accéder à cet espace de l'entre deux langues, à cette langue tierce qui ne se crée qu'après un long cheminement au contact de deux cultures, deux systèmes, deux vies. Issue de la juxtaposition de deux espaces langagiers, la tierce langue ne peut se définir en termes précis. Elle reste floue, émotive, et les interprétations que nous en faisons ne peuvent être qu'approximatives. Elle n'en est pas moins réelle, riche et authentique. Elle est aujourd'hui, à mon avis, la langue par excellence de Nancy Huston.

¹³¹ Si les mots circulent, si les histoires circulent, si les gens apprennent à s'identifier aux personnages des uns et des autres, c'est un premier pas vers l'identification aux personnes.

questionar as verdades absolutas apresentadas durante sua infância devido ao conhecimento de culturas diferentes da sua: "'Sorte' quer dizer: acesso a outras culturas - cujo caráter fictício nos salta aos olhos, ajudando-nos assim a compreender o caráter fictício da nossa - e, sobretudo, eu diria, o acesso aos *romances* dessas outras culturas." (HUSTON, 2010, p. 70). No caso dos narradores de *Lignes de faille*, o acesso a outras culturas é direto, porém agravado por situações traumáticas e desconcertantes, como o desconforto de Solomon diante de situações incompreensíveis durante sua viagem à Munique; o acidente de carro de Sadie em Haifa, que marca a infância de Randall; a descoberta por Sadie de uma possível ascendência alemã de sua mãe; e o roubo de Kristina ainda quando bebê, de sua família ucraniana.

Mesmo sendo o romance mais complexo e abrangente do que a experiência linguística dos personagens, ainda assim essa relevância é notada e estudada no trabalho de Amélie Vouardoux, *Là où plus rien ne va de soi: le rôle des langues étrangères dans l'univers romanesque de Nancy Huston*, em que a autora questiona:

O que seria de *Lignes de faille* sem as descobertas do pequeno Randall e de Kristina? São mundos inteiros que se abrem aos personagens através de seu aprendizado. Eles assimilam palavras e descobrem, assim, culturas, conceitos outros e diferentes. Nos textos, isso significa uma nova profundidade. A língua se torna uma variável que "muda as coisas", que leva personagem e leitor através de caminhos diferentes. (VOUARDOUX, 2011, p. 28, tradução nossa)¹³².

Nesse trabalho, Vouardoux explora bem a questão das línguas como visões de mundo e *Lignes de faille* faz parte de seu corpus. Para o levantamento de exemplos e análise destas questões linguísticas, continuaremos nos apoiando em seu estudo.

Sendo todos os narradores-personagens de *Lignes de faille* crianças muito inteligentes e mesmo um tanto precoces, temos um grande número de exemplos de situações em que eles demonstram conhecimento sobre palavras e expressões em sua língua, ou até mesmo palavras estrangeiras incorporadas em seus vocabulários. Solomon nos fornece uma grande quantidade de exemplos nesse sentido, ilustrando sua vontade de se mostrar sempre inteligente e superior às outras crianças: "o que explica o sentido da palavra 'congênito', aquilo que passa de uma geração a outra [...]"(HUSTON,

¹³² Que serait *Lignes de faille* sans les découvertes du petit Randall et de Kristina ? Ce sont des mondes entiers qui s'ouvrent aux personnages à travers leur apprentissage. Ils assimilent des mots et découvrent ainsi des cultures, des concepts autres et différents. Dans les textes, cela signifie une nouvelle profondeur. La langue devient une variable qui « change les choses », qui pousse personnage et lecteur vers des chemins différents.

2008, p. 34)¹³³. Neste trecho, o garoto demonstra entender sobre sua marca de nascença, porém acaba confundindo o sentido de congênito, que seria aquilo nascido com o indivíduo, mas não forçosamente herdado dos pais, com hereditário, que seria aquilo passado de uma geração a outra.

Em outra situação, Sol usa uma palavra originária do iídiche para se referir ao pai, uma gíria no inglês, e aplica seus conhecimentos adquiridos ao conversar com a avó Sadie: "É impressionante, mas mesmo quando já somos velhos de 28 anos ainda queremos que a nossa mãe se orgulhe da gente e ficamos com vergonha se ela nos vê como um *nebish*, palavra que a Sadie me ensinou e que quer dizer um zero à esquerda, um zé-ninguém, um fracote [...]" (HUSTON, 2008, p. 57)¹³⁴.

Não apenas Sol se mostra uma criança capaz de expressar seus conhecimentos através da língua; Kristina também aprende muito com o avô e na escola, porém, ela não usa esse saber para impressionar os outros, somente para matar sua curiosidade e sede de conhecimento. Ela diz: "A vó dá um grito agudo que me congela o sangue, o que é uma maneira de falar, na verdade os seres humanos têm o sangue quente, o que significa que ele permanece na mesma temperatura seja qual for a situação [...]"(HUSTON, 2008, p. 226)¹³⁵.

Embora os dois personagens coloquem em evidência em sua narração explicações e reiteraões, tendo como efeito fixar esses aprendizados, somente Sol terá uma reação tão negativa em relação à língua estrangeira, como vemos durante toda a viagem para a Alemanha com sua família:

Comemos uma refeição péssima no restaurante do hotel cujo cardápio diz que muitos pratos são os piores, *worst*: mas eles escrevem *wurst* e Sadie afirma que *wurst* significa salsicha (o que faz a mamãe rir), mas isso tira meu apetite e a única coisa que eu consigo comer é uma fatia de pão branco sem a casca. (HUSTON, 2008, p. 67)¹³⁶.

A reação de Sol não é só negar a tradução oferecida pela avó, pois faz muito mais sentido para ele que a palavra *Wurst* signifique o mesmo que em sua língua materna, "o

¹³³ [...] c'est ça le sens du mot *congénital*, ça passe d'une génération à l'autre [...] (HUSTON, 2006, p. 51)

¹³⁴ C'est étonnant mais, même quand on est vieux à vingt-huit ans, on veut toujours que votre maman soit fière de vous et on a honte si elle vous voit comme un *nebish*, mot que Sadie m'a appris et qui signifie un zéro, un moins que rien, une mauviète [...] (HUSTON, 2006, p. 94).

¹³⁵ Grand-mère pousse un cri perçant qui me glace le sang, c'est une façon de parler, en fait les êtres humains ont le sang chaud ce qui veut dire qu'il reste à la même température quoi qu'il arrive [...] (HUSTON, 2006, p. 406).

¹³⁶ On mange un repas nul au restaurant de l'hôtel, où le menu dit que beaucoup de plats sont le pire, *worst* : même si ça s'écrit *Wurst* et que Sadie prétend que ça veut dire saucisse (ce qui fait rire maman), moi ça me gâche l'appétit et tout ce que je peux manger c'est une tranche de pain blanc dont on a enlevé la croûte. (HUSTON, 2006, p. 112)

pior"; ele também tenta negar a existência de uma língua completamente desconhecida para ele, já que isso implicaria admitir sua ignorância. Logo, seu comportamento não denotará curiosidade, mas sim hostilidade em relação à(s) língua(s) estrangeira(s):

Eu também não gosto nada do fato de que as placas estejam em alemão, é como se fossem portas batendo na minha cara uma atrás da outra, e eu me recuso a perguntar à vovó Sadie o que elas significam, não quero admitir que ignoro alguma coisa. De agora até minha maioridade, seria preciso que todos os habitantes da Terra começassem a falar inglês e, se isso não acontecer, é uma das primeiras leis que vou impor quando estiver no poder. O caráter estrangeiro desse país me dá arrepios [...] (HUSTON, 2008, p. 66)¹³⁷.

Justamente por se sentir estrangeiro, perdido nesse mar de palavras desconhecidas, Sol sente-se pouco à vontade no país e, agindo de acordo com sua personalidade, se coloca no lugar central de onde deve emanar a razão: dele mesmo. Vouardoux explica que Sol, diferentemente de outras pessoas, face a uma língua estrangeira, não permite a esta expandir seu mundo, muito pelo contrário, "ele se fecha completamente, recusa a se deixar tocar por aquilo que é diferente." (VOUARDOUX, 2011, p. 41, tradução nossa)¹³⁸. Esse comportamento é explicitado desde sua chegada à Alemanha: "Quando chegamos a Munique, o ar se enche de palavras incompreensíveis. Acho ofensivo e sufocante então me agarro nos braços da mamãe e me concentro totalmente na sua conversa com a vovó Sadie." (HUSTON, 2008, p. 65)¹³⁹. Ele encontra refúgio para essa situação desestabilizadora nos sons conhecidos e reconfortantes de sua língua materna.

Outro personagem com um comportamento peculiar diante de uma língua estrangeira é Tessa, mãe de Sol, comportamento este que condiz com a imagem caracterizadora da personagem de mãe superprotetora e dona de casa, cuja única preocupação é o filho. Durante a operação para retirada da marca de nascença de Sol, ocorre o seguinte diálogo entre o médico e Tessa:

¹³⁷ Moi non plus je n'aime pas que les panneaux soient en allemand, c'est comme autant de portes qui me claquent à la figure les unes après les autres et je refuse de demander à mamie Sadie ce qu'ils veulent dire, je ne veux pas admettre que j'ignore quelque chose. D'ici ma majorité, il faudra que tous les habitants de la Terre se mettent à parler anglais et s'ils ne le font pas c'est une des premières lois que je passerai quand je serai au pouvoir. Le caractère étranger de ce pays me donne la chair de poule [...] (HUSTON, 2006, p. 110)

¹³⁸ Il se ferme complètement, refuse de se laisser toucher par ce qui est différent.

¹³⁹ Quand on arrive à Munich, l'air se remplit de mots incompréhensibles. Je trouve ça offensant et étouffant alors je me cramponne au bras de maman et écoute de toutes mes forces sa conversation avec mamie Sadie. (HUSTON, 2006, p. 109)

[...] Você está vendo? Faço isso com os dedos no nariz, como dizem os franceses.

A enfermeira se mata de rir.

- Espero que não! - diz a mamãe.

- Estou brincando... - diz o médico - é só um jeito de falar. Eu ouvi isso quando estudei em Paris há alguns anos.

- Pois se os franceses são mal-educados peço que o senhor não use esse tipo de expressão na frente do meu filho.

- Sem problemas, senhora. Pronto, estamos quase terminando. (HUSTON, 2008, p. 48)¹⁴⁰.

Para Tessa, portanto, uma expressão utilizada com o intuito de desconstruir uma situação tensa com um pouco de humor se torna algo incômodo devido a sua opinião (sempre exagerada) sobre o que deve ou não ser adequado para seu filho. Sendo ela monolíngue, nunca tendo viajado para fora de seu país até a viagem para a Alemanha, seu contato com línguas estrangeiras parece ser bem limitado e, também, não muito desejado, como mostra sua falta de interesse no ensino de iídiche para Sol, pois ela acredita ser responsabilidade dos pais e não da avó, Sadie, escolher a língua que o filho deve estudar.

Com todas essas características, Tessa "representa uma mãe americana comum conforme os estereótipos de muitos, e sua discussão com o médico a ancora ainda mais em seu papel, com os norte-americanos sendo conhecidos por serem relativamente impermeáveis a outras línguas e pais excessivamente protetores" (VOUARDOUX, 2011, p. 31-32, tradução nossa)¹⁴¹. Essa reação também torna ainda mais irônica a relação de Tessa com Sol, pois enquanto ela acredita estar protegendo seu filho de tudo, na verdade ele está em contato com todos os horrores do mundo através da internet e a protege de saber dessa realidade.

Completamente diferente de Sol, Randall, aos seis anos, mantém uma inocência expressa até mesmo em suas escolhas linguísticas. Idade em que ainda se está aprendendo muitas coisas, ele demonstra muito mais sensibilidade e empatia em uma única frase do que Sol mostra ter durante o capítulo todo: "A mamãe nunca conheceu o

¹⁴⁰ [...] Voyez ? Les doigts dans le nez, comme disent les Français."

L'infirmière s'étrangle de rire.

"J'espère bien que non ! dit maman.

- Mais non, mais non, dit le médecin. C'est une façon de parler. Je l'ai entendu dire quand je faisais mes études à Paris, il y a quelques années.

- Et bien, les Français sont mal élevés et je vous saurais gré de ne plus employer ce genre d'expression devant mon fils.

- Pas de problème, madame. Voilà, on a presque terminé." (HUSTON, 2006, p. 76-77)

¹⁴¹ Elle représente une mère américaine moyenne selon les stéréotypes de beaucoup et son altercation avec le médecin l'ancore encore plus dans son rôle, les Américains étant connus pour être relativement imperméables aux autres langues et des parents protecteurs à outrance.

pai dela, o que era super-raro naquela época, então, de certa forma, ela é uma bastarda, mas a gente não deve dizer bastarda, e sim criança ilegítima." (HUSTON, 2008, p. 89)¹⁴².

Sua curiosidade e imaginação são bastante incentivadas por sua avó Erra, nome artístico de Kristina. A marca de nascença que eles têm em comum é um símbolo da forte ligação entre os dois, pois ambos têm uma relação especial com elas: a de Erra a ajuda a cantar, e Randall tem a companhia de seu morceguinho.

Por ocasião de uma visita à casa de sua avó com o pai, enquanto sua mãe está em viagem, Randall conhece a companheira de Erra, Mercedes, apresentada ao menino como uma "mágica com as palavras". Com os olhos fechados, o garoto aprende que a magia consiste em enxergar as imagens construídas pelas palavras pronunciadas na voz baixa, pausada, de Mercedes. E ele vê tudo com clareza. Erra comenta:

[...] a mágica da Mercedes só funciona se falamos a mesma língua que ela. Se ela tivesse dito *cuervo muerto* em vez de corvo morto, Randall não teria visto nada. É por isso que eu gosto da voz pura: todo mundo entende. Meu canto é perfeitamente transparente, não é Randall?

- Não sei - digo com sinceridade. -Mas ele é lindíssimo.

Eles caem na risada porque eu disse "lindíssimo", que não é uma palavra de criança, embora os adultos digam "lindíssimo" o tempo inteiro na nossa frente. (HUSTON, 2008, p. 104)¹⁴³.

Esse trecho nos dá mais um exemplo da inocência de Randall, mas também nos revela bastante sobre a vontade e motivação de Erra ao cantar sem palavras: ser compreendida por todos, não importando sua língua. Desde a escolha de seu nome artístico, mais um som do que um nome propriamente dito, as palavras não são relevantes para a música de Erra.

A vida de Randall muda completamente quando ele se vê forçado a aprender hebraico, devido à mudança da família para Haifa, em Israel. Ele odeia a ideia de deixar sua escola, seus amigos, o que lhe era familiar para trás, e ainda precisar estudar em plenas férias de verão para poder prestar a prova de sua nova escola em Israel. No entanto, ele se surpreende desde o primeiro momento com seu professor, Daniel:

¹⁴² M'man n'a jamais rencontré son père, ce qui était extrêmement rare à l'époque, donc en un sens c'est une bâtarde, même si on ne doit pas dire bâtard mais enfant illégitime. (HUSTON, 2006, p. 153)

¹⁴³ [...] la magie de Mercedes ne marche que si on parle la même langue qu'elle. Si elle avait dit *cuervo muerto* au lieu de *corbeau mort*, Randall n'aurait rien vu. Voilà pourquoi j'ai la voix pure : tout le monde la comprend. Mon chant est parfaitement transparent, n'est-ce pas, Randall?

- Je ne sais pas, je dis avec sincérité. Mais il est parfaitement beau!"

Ils rient parce que j'ai dit "parfaitement" et ce n'est pas un mot d'enfant, même si les grands s'en servent tout le temps devant nous. (HUSTON, 2006, p. 180)

Ele abre a sua pasta e penso: "Puxa vida, vai ser como na escola", mas não, na verdade a pasta explode de jogos e imagens. Começamos por um jogo de damas, e como sou bom nisso, acabo com ele em cinco minutos, o que lhe dá a ocasião de me ensinar palavras como vocês (atem), eu (ani), aqui (kan), ali (sham), sim (ken), não (lo), ajuda (ezra) e obrigado (todá). (HUSTON, 2008, p. 113)¹⁴⁴.

Desde o primeiro contato com a língua, o interesse de Randall aparece, principalmente devido ao tipo de palavras ensinadas por Daniel - tudo que se refere ao universo infantil do garoto: carro, bicicleta, bolinha de gude, soldado, etc. Randall pergunta até mesmo como se diz morcego em hebraico, o nome de sua marca de nascença: atalef.

A forma como seu professor o trata, elogiando e incentivando seu progresso, também contribui para que Randall evolua e comece a aguardar suas aulas com impaciência: "No início de agosto, começo a fazer frases completas do tipo 'O tempo está uma droga' ('Mezeg avir garoua') e 'Estou com fome' ('Ani raev') [...] Gosto da sensação dessa língua na minha garganta, sobretudo os sons *ayin* e *chet*, que são ásperos e agressivos." (HUSTON, 2008, p. 114)¹⁴⁵. Pouco a pouco, essa língua começa a fazer parte da vida do garoto: "As lições de hebraico se tornam o meu momento predileto do dia [...]" (HUSTON, 2008, p. 114)¹⁴⁶.

Já em Haifa, obtendo sucesso na prova para sua nova escola, a Hebrew Reali, Randall se sente muito contente e confiante em seu novo mundo: "A cada dia, a língua hebraica se abre um pouco mais e a sua música transforma o mundo ao meu redor" (HUSTON, 2008, p. 119)¹⁴⁷. Na escola, ele é bem tratado por professores e colegas, todos se interessam por ele e ele se interessa em aprender: "Durante a primeira semana, a gente aprende o alfabeto; em casa, passo horas desenhando as magníficas letras e dizendo os nomes delas com o tom mágico da Mercedes. (HUSTON, 2008, p. 119-120)¹⁴⁸.

¹⁴⁴ Il ouvre son porte-documents et je me dis Ah là là ça va vraiment être comme à l'école - mais non, en fait son porte-documents est plein à craquer de jeux et d'images. On commence par un jeu de dames et comme je suis doué en la matière je le bats en cinq minutes et ça lui donne l'occasion de m'apprendre les mots pour vous (atem), moi (ani), ici (kan), là (sham), oui (ken), non (lo), aide (ezra) et merci (todá). (HUSTON, 2006, p. 197)

¹⁴⁵ Début août, je commence à faire des phrases complètes, genre "Il fait un temps pourri" (Mezeg avir garoua) et "J'ai faim" (Ani raev) [...] J'aime la sensation de cette langue dans ma gorge, surtout les sons *ayin* e *h'* qui sont comme des raclements rugueux. (HUSTON, 2006, p. 198)

¹⁴⁶ Les leçons d'hébreu deviennent mon moment préféré de la journée [...] (HUSTON, 2006, p. 199)

¹⁴⁷ Chaque jour la langue hébraïque s'ouvre un peu plus et sa musique transforme le monde autour de moi. (p. 209)

¹⁴⁸ Pendant la première semaine on apprend l'alphabet ; à la maison je passe des heures à dessiner les lettres magnifiques et à dire leur noms tout bas sur un ton magique comme Mercedes. (HUSTON, 2006, p. 210)

Essa nova língua se torna até mesmo um refúgio das brigas frequentes dos pais, pois quando Randall passa a conseguir formar frases completas, ele começa a pensar em hebraico assim que seus pais começam a brigar, o que faz com que ele se concentre nas palavras e esqueça o que dizem, em voz alta, os pais.

As descobertas de Randall se completam quando ele se apaixona por uma garota árabe de sua escola, Nouzha, com quem se identifica rapidamente já que ela fala inglês fluentemente. Ela passa a ensinar-lhe sobre o passado do país em que mora, sobre o que acontece naquele momento. Porém, a amizade entre os dois termina assim que ocorrem os massacres de Sabra e Chatila, pois Nouzha deixa a escola, culpando os judeus por ter perdido diversos membros de sua família nesse desastre e jogando uma maldição em Randall por julgá-lo também culpado. Pouco tempo depois, a mãe de Randall, Sadie, sofre o acidente que a deixará na cadeira de rodas para o resto de sua vida. A magia desse novo mundo termina para Randall, e a língua hebraica se tornará somente uma lembrança da qual Sadie se orgulhará por ter um filho tão inteligente, capaz de aprender um idioma tão rapidamente.

Sadie, ao contrário do que poderíamos imaginar relativamente à adulta poliglota, é a única entre os narradores-personagens a ter contato com uma cultura diferente, que compartilha a mesma língua, pois, aos seis anos, se muda do Canadá para os Estados Unidos com a mãe. Entretanto, ela também demonstrava curiosidade linguística como Sol, Randall e Kristina, resolvendo, na maioria das vezes, suas próprias dúvidas com um dicionário. Sobre o nome do seu cachorro, Sadie diz: "Ele se chama Hilário o que, segundo o dicionário, quer dizer 'que denota alegria, contentamento', mas é exatamente o contrário da personalidade desse cachorro, que é minúsculo e irrequieto e nervoso [...]" (HUSTON, 2008, p. 156)¹⁴⁹. Ela também procura pela palavra nazista no dicionário, depois de ouvi-la pela primeira vez. E sua jornada ao dicionário não termina por aí: "Depois do café da manhã, procuro no dicionário a palavra talismã e vejo que é um objeto 'a que se atribui um poder mágico [...]" (HUSTON, 2008, p. 200)¹⁵⁰. Sua relativa independência para descobrir e aprender coisas desde pequena é reflexo de sua criação solitária na casa dos avós, um ambiente pouco criativo para Sadie.

¹⁴⁹ Il s'appelle Hilare ce qui d'après le dictionnaire veut dire "qui montre une joie béate, un grand contentement", mais c'est tout le contraire de la personnalité de ce chien, il est minuscule et remuant et nerveux [...](HUSTON, 2006, p. 275-276).

¹⁵⁰ Après le petit déjeuner, je cherche le mot *talisman* dans le dictionnaire et vois que c'est une chose "qu'on croit douée d'un pouvoir magique" [...](HUSTON, 2006, p. 359).

Mesmo morando em Nova York quando criança, Sadie acaba tomando conhecimento de uma nova língua ao passear no bairro judeu com Peter, marido e empresário de sua mãe; essa língua é o iídiche: "- É, notei que eles estão falando alemão.", diz a garota enquanto conversa com Peter, ao que ele responde: "- Não é alemão, Sadie, é iídiche. [...] - É a língua que antigamente os judeus da Europa Central falavam." (HUSTON, 2008, p. 195)¹⁵¹.

Porém, o momento linguístico mais desconcertante para a menina ocorre ao conhecer Janek, pois a forma peculiar de falar desse desconhecido é percebida distintamente: "[...] ele diz, com uma voz muito alta, mas ao mesmo tempo insegura: - A Erra está? (É um estrangeiro, ele enrola os *r*). " (HUSTON, 2008, p. 201)¹⁵². E Kristina, ao falar com ele, também se afasta de Sadie, pois ambos falam numa língua estrangeira: "O que me mais me perturba é que ela fala com esse senhor numa língua estranha. Poderia ser iídiche ou alemão, eles se falam por fragmentos, chorando e rindo" (HUSTON, 2008, p. 203)¹⁵³. Essa situação é, para Sadie, incompreensível, justamente devido à língua, como explica Vouardoux: "De repente, sua mãe também se tornou uma estrangeira, por causa da língua que apenas ela fala. A língua cria o estrangeiro." (VOUARDOUX, 2011, p. 57, tradução nossa)¹⁵⁴.

Mas o romance tem exemplos ainda mais claros e evidentes de como a identidade está indubitavelmente ligada à questão linguística: é o caso do que ocorre entre Kristina e Janek. Para Janek, sua língua polonesa era tão importante que valia a pena ser castigado por usá-la nos centros *Lebensborn*, onde às crianças era proibido o uso de sua língua materna, e obrigatório o uso da língua alemã. A recusa de Janek a se comunicar com qualquer outra pessoa além de Kristina também mostra como ele se agarra a sua identidade polonesa, só se abrindo com a menina quando identificado com ela. Já Kristina, ao se descobrir também roubada de sua família, porém sem ter recordações, resolve aprender polonês com Janek, para que pudesse se comunicar com seus pais verdadeiros: "Memorizo cada palavra polonesa que ele me ensina, e em compensação corrijo com doçura mas de maneira firme o alemão dele, ele faz

¹⁵¹"Ouais, j'ai remarqué qu'ils parlaient allemand"[...] "C'est pas de l'allemand, Sadie, c'est du yiddish" [...] "C'est la langue que parlaient jadis les juifs de l'Europe de l'Est." (HUSTON, 2006, p. 348).

¹⁵² [...] il dit, d'une voix forte et en même temps incertaine : "Erra est là ?" (C'est un étranger. Il roule les *r*). (HUSTON, 2006, p. 360).

¹⁵³ Ce qui me perturbe plus que tout, c'est qu'elle s'adresse à ce monsieur dans une langue étrangère. Ça pourrait être le yiddish ou l'allemand, ils se parlent par bribes tout en pleurant [...] (HUSTON, 2006, p. 363).

¹⁵⁴ Tout à coup sa mère également est devenue étrangère, à cause de la langue qu'elle parle seulement. La langue crée l'étranger.

progressos, mas continua se recusando a abrir a boca à mesa e na escola." (HUSTON, 2008, p. 241)¹⁵⁵.

O convívio de Janek e Kristina parece fortalecer ambos em sua difícil situação; ele tem alguém a quem expor suas terríveis experiências, enquanto ela pode se apoiar nele para tentar entender seu passado: "Por nada no mundo eu renunciaria às minhas conversas secretas com o Johann, enfeitadas agora com palavras em polonês. Tudo bem é *dobrze*, sim é *tak* e não é *z'aden*. 'Sou a sua filha' é *Jestem waszym còrka*...tenho vontade de aprender tudo. (HUSTON, 2008, p. 243)¹⁵⁶. Kristina não se sente mais confortável em sua língua materna, encontrando consolo no aprendizado do polonês.

A garota se sente tão afetada pelo sofrimento de Janek para aprender o alemão, em detrimento de seu polonês materno, que mesmo seu canto é prejudicado: "O verdadeiro problema é que, se eu não canto em alemão, não sei o que cantar. Tudo me foi proibido, os cânticos da igreja e de Natal, todas as belas canções que o vô me ensinou. (HUSTON, 2008, p. 246)¹⁵⁷. A única saída é usar sua voz, sem as palavras, para se expressar. Kristina também se refugia em uma imagem de sua família biológica, usando as palavras em polonês para tentar se distanciar de sua família alemã, embora ainda esteja ligada a esta:

De noite na cama tento imaginar a minha vida na Polônia. [...] Fico me perguntando quantos irmãos e irmãs eu tenho, se eles me esqueceram, e se serão mais gentis comigo do que a Greta, e se o meu verdadeiro *ojciec* ainda está vivo, e se a *matka* tem um coração tão bom quanto o da mãe, e se eu vou conseguir reconhecê-la. Ela vai me reconhecer, isso é certo, graças ao sinal de nascença. Quando ver a dobra do meu braço esquerdo, vai gritar, rolando os *r* como o Janek: "Krystyna! Até que enfim! Minha Krystynka adorada!, e ela vai me abraçar chorando de alegria. (HUSTON, 2008, p. 250)¹⁵⁸.

Quando essa identidade polonesa se mostra uma ilusão e Kristina descobre ser ucraniana, a pobre garota se sente completamente perdida. E as coisas não melhoram

¹⁵⁵ J'enregistre chaque mot de polonais qu'il m'apprend et, en retour, je corrige doucement mais fermement son allemand, il fait des progrès mais refuse toujours d'ouvrir la bouche à la table et à l'école. (HUSTON, 2006, p. 434)

¹⁵⁶ Pour rien au monde je ne renoncerais à mes conversations secrètes avec Johann, émaillées maintenant de mots en polonais. D'accord c'est *dobrze*, oui c'est *tak* et non c'est *z'aden*, "Je suis votre fille" c'est *Jestem waszym còrka*... j'ai envie de tout apprendre. (HUSTON, 2006, p. 438)

¹⁵⁷ Le vrai problème c'est que si je ne chante pas en allemand, je ne sais quoi chanter. Tout ça m'est interdit, les cantiques de l'église et de Noël, toutes les jolies chansons que grand-père m'a apprises. (HUSTON, 2006, p. 443)

¹⁵⁸ Dans mon lit la nuit, j'essaie d'imaginer ma vie en Pologne. [...] Je me demande combien j'ai de frères et de soeurs, et s'ils m'ont oubliée, et s'ils seront plus gentils avec moi que Greta, et si mon vrai *ojciec* est encore en vie, et si *matka* a un aussi bon coeur que mère, et si je la reconnaitrai. Elle, c'est sûr, me reconnaitra grâce à mon grain de beauté. Dès qu'elle verra le creux de mon bras gauche elle s'écriera, en roulant les *r* comme Janek : Krystyna ! Krystyna ! Enfin ! Ma Krystynka adorée !" et elle me serrera contre elle en pleurant de joie. (HUSTON, 2006, p. 476)

quando ela é levada ao centro de onde seria enviada de volta para seus pais biológicos, pois lá ela tem aulas de inglês e demora para descobrir qual será o rumo de sua vida.

As línguas que fizeram parte da vida de Kristina, cada uma a sua maneira, tiveram um papel: ao rejeitar o alemão, a pequena tentava esquecer uma língua que fez outros sofrerem e também rejeitar sua identidade enquanto alemã; ao abraçar o polonês e, posteriormente, o inglês, ela procurava encontrar uma identidade. Porém foi uma linguagem diferente que, por fim, conseguiu afastar Kristina da vertigem que era a sua identidade e trazer Janek de volta para sua vida: a música. Através de seu canto ela consegue se comunicar e se encontrar.

Em *Lignes de faille*, as línguas, portanto, têm um papel muito importante para os personagens, sejam as estrangeiras ou as maternas, sendo sempre colocadas em questão, aprofundando não só a caracterização dos personagens, mas também o próprio enredo, que não seria o mesmo caso não houvesse o uso de palavras estrangeiras, de explicações, jogos de palavras durante toda a narrativa. O leitor também não estaria sempre sendo lembrado de toda a problematização que ocorre na narrativa e passa pela questão linguística, levando a uma reflexão sobre sua própria língua, sobre a experiência de uma língua estrangeira e todas as outras questões trazidas no romance.

Através dos idiomas representados, através das questões que estes suscitam, o leitor viaja. Ele segue os protagonistas vindos de outros lugares, trazendo com eles sua língua, sua cultura e sua história. Um mundo de cores e contrastes com encontros inesperados é apresentado, dessa forma, para ele. Quando duas ou mais línguas se encontram, tudo toma uma nova profundidade. Certos personagens, certos aspectos particulares dos textos do corpus se constroem verdadeiramente nesse terceiro-espço, lugar eminentemente criador que nasce do contato entre duas línguas, duas culturas. (VOUARDOUX, 2011, p. 81, tradução nossa)¹⁵⁹.

E esse é o caso de *Lignes de faille*. A partir daí, o romance alcança esse nível em que Nancy Huston acredita ser possível uma intervenção da literatura na realidade, abrindo espaço para um diálogo entre culturas e entre línguas, fazendo da leitura de romances um ato capaz de gerar a identificação e, possivelmente, o entendimento entre as pessoas do mundo: "Ora, a identificação é o exato oposto da identidade. No lugar de um 'nós' orgulhoso, que se faz de importante e bate em seu peito, temos um 'nós' em interação,

¹⁵⁹ A travers les idiomes représentés, à travers les enjeux que ces derniers soulèvent, le lecteur voyage. Il suit des protagonistes venant d'ailleurs, apportant avec eux leur langue, leur culture et leur histoire. Un monde bigarré et des rencontres inattendues s'offrent ainsi à lui. Lorsque deux langues ou plus se touchent, tout prend une profondeur nouvelle. Certains personnages, certains aspects particuliers des textes du corpus se construisent véritablement sur ce tiers-espace, lieu éminemment créateur qui naît du contact entre deux langues, deux cultures.

um 'nós' em escuta, um 'nós' em diálogo. O diálogo silencioso da leitura poderia ser o prelúdio de milhões de diálogos em voz alta." (HUSTON, 2005, tradução nossa)¹⁶⁰.

¹⁶⁰ Or l'identification, c'est tout le contraire de l'identité. Au lieu du nous fier et qui roule les mécaniques et se tape sur la poitrine, c'est un nous en interaction, un nous en écoute, un nous en dialogue. Le dialogue silencieux de la lecture pourrait bien être le prélude à de millions de dialogues à voix haute.

CAPÍTULO 4

AUTOBIOGRAFIA - AS (RE)ESCRITURAS DE SI

La vie n'est ni absurde ni pas absurde, elle est ce que les gens en font.

Nancy Huston

4.1. Autobiografia: o romance autobiográfico e o entre-lugar

No capítulo anterior, lançamos mão da biografia de Nancy Huston para observarmos sua complexa relação com as línguas inglesa e francesa, e como essa transparece em seu ofício de escritora. Também refletimos sobre a influência de seus ensaios e sobre a maneira como estes se interligam com seus trabalhos de ficção. No entanto, mais um aspecto de sua escrita nos foi revelado ao analisarmos *Lignes de faille*, a biografia de Huston e seus ensaios - fatos da vida da escritora se mesclam com o enredo do romance, de modo que podemos interpretar certas passagens do livro como autobiográficas.

Sendo assim, podemos aprofundar o estudo da identidade, como fio condutor do romance, não só em relação às identidades das personagens, mas também da autora, sobretudo pelo fato de podermos ler o livro como um romance autobiográfico, segundo a definição de Lejeune:

"romance autobiográfico": assim chamarei todos os textos de ficção nos quais o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir de semelhanças que acredita adivinhar, que exista identidade entre o autor e o *personagem*, ao passo que o próprio autor tenha escolhido negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. [...] Diferentemente da autobiografia, ele permite diferentes *graus*. A "semelhança" presumida pelo leitor pode ir de um "ar familiar" fluido entre o personagem e o autor, até a quase-transparência que faz dizer que é ele "esculpido em carrara". (LEJEUNE, 1975, p. 25, tradução nossa) ¹⁶¹.

Justamente porque o romance autobiográfico é baseado em semelhanças, com diversos graus de similitude, podemos comparar fatos biográficos da autora com

¹⁶¹ « roman autobiographique »: j'appellerai ainsi tous les textes de fiction dans lesquels le lecteur peut avoir des raisons de soupçonner, à partir des ressemblances qu'il croit deviner, qu'il y a identité de l'auteur et du *personnage*, alors que l'auteur, lui, a choisi de nier cette identité, ou du moins de ne pas l'affirmer. [...] A la différence de l'autobiographie, il comporte des *degrés*. La « ressemblance » supposée par le lecteur peut aller d'un « air de famille » flou entre le personnage et l'auteur, jusqu'à la quasi-transparence qui fait dire que c'est lui « tout craché ».

aqueles apresentados no livro. As ideias apresentadas por Huston em seus ensaios relativos à questão da identidade - identidade como ficção - e à literatura, nos oferecem uma maior compreensão não só de sua ficção, mas também dos propósitos de sua escrita, como comenta Anna Rita Iezzi:

Para ela [Huston], o papel da palavra literária é justamente o de permitir uma reescrita sempre diferente dessa narrativa de si e, por sua vez, dos outros, deslocando-se através do imaginário, como uma quarta dimensão que pode atravessar o espaço das outras três dimensões constitutivas da experiência humana: corpo, mente e tempo em uma abertura sem limites para a identificação com os outros e nos outros. (IEZZI, 2013, p. 207, tradução nossa)¹⁶².

Ao pensarmos como se dá essa relação de identificação, passando também pelas questões linguísticas e históricas, podemos nos servir de um conceito apresentado por Homi K. Bhabha, o de entre-lugar:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com "o novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p.23)

O conceito de entre-lugar, assim, pode ser usado para pensar não só a identidade da própria autora ao escrever, mas também a das personagens de *Lignes de faille* que, de forma geral, apresentam essas dificuldades de identificação e adaptação às diferentes situações pelas quais são constrangidas a passar. O romance também faz parte dessa arte de renovação do passado, pois os fatos históricos são revisitados e colocados sob nova luz - é nesse entre-lugar que se situa *Lignes de faille*.

A questão autobiográfica, portanto, se dá nesse encontro entre a reescrita da narrativa de si e o entre-lugar ocupado pela autora ao escrever: justamente pelo fato de Huston lidar com a literatura como uma oportunidade de refletir e reescrever fatos com liberdade, ela não hesita em usar sua própria vida para criar sua ficção, da mesma forma

¹⁶² Le rôle de la parole littéraire, pour elle, est justement de permettre une réécriture toujours différente de ce récit de soi et, pour le coup, des autres, en se déplaçant par l'imaginaire, en tant que quatrième dimension qui permet de traverser l'espace des trois autres dimensions constitutives de l'expérience humaine : corps, esprit et temps dans une ouverture sans limites pour l'identification aux autres et par les autres.

que seus ensaios partem de muitas questões pessoais para se desenvolverem, como vimos no caso de *Nord perdu*.

Para Giddens, a autobiografia, no amplo sentido de uma auto-história, escrita ou não, "está realmente no centro da auto-identidade na vida social moderna. Como qualquer outra narrativa formalizada, ela é algo que deve ser trabalhado, e certamente demanda esforço criativo". (GIDDENS, 2002, p. 75). Acrescenta também o crítico que a escrita de autobiografias e biografias é aceita pelos historiadores como um fenômeno desenvolvido no período moderno. Pensar em aspectos autobiográficos em *Lignes de faille* equivale a encontrar semelhanças entre a infância dos narradores-personagens e a de Nancy Huston e, de certa forma, refletir sobre as razões que levaram a autora a fazer coincidir fatos de sua vida com a representação em sua ficção:

A autobiografia é uma intervenção corretiva no passado, e não uma mera crônica de eventos passados. Um de seus aspectos, por exemplo, é "acalantar a criança que fomos". Pensando para trás sobre uma fase difícil ou traumática da infância, o indivíduo fala com a criança que foi, confortando-a e apoiando-a e aconselhando-a. Dessa maneira, diz Rainwater, sentimentos de "se apenas" podem ser superados e postos de lado. (GIDDENS, 2002, p. 72)

No entanto, como procuraremos mostrar, esses episódios autobiográficos não são apresentados de forma direta, não há uma identidade da autora com nenhum dos narradores-personagens. Tudo se dá de forma fluida e nos leva a pensar em uma forma bem diferente de lidar com o autobiográfico, tão característico da modernidade quanto da pós-modernidade, como nos explica Bezerra: "O projeto de se dizer (autobiográfico no sentido mais amplo) é uma necessidade do sujeito contemporâneo. O indivíduo pós-moderno, desgarrado de uma tradição que fala por ele e produz algum sentido para a sua vida, se vê compelido a falar/escrever/narrar [...]"(BEZERRA, 2007, p. 200).

4.2. *Lignes de faille* como romance com traços autobiográficos

Lignes de faille pode não ser considerado um romance autobiográfico, como poderíamos dizer de *Bad Girl: Classes de littérature* (2014), no qual a autora conversa diretamente com o feto - nomeado Dorrit - que se tornaria ela mesma; mas, ainda assim, nele encontramos muitas questões de sua infância, período conturbado de sua vida, nos personagens infantis do romance justificando, assim, nossa presente análise.

Logo de início podemos relacionar a idade dos narradores-personagens, seis anos, mesma idade que Nancy Huston tinha quando sua mãe se separa do pai e deixa a família; é nessa idade que as personagens passam por experiências que mudam o rumo de suas vidas, assim como suas personalidades como adultos. Essa idade parece ser muito marcante para Huston, pois em *Cantique des plaines* (1993) ela também é retomada para mostrar um episódio da vida de Paddon, o protagonista, que cria um de seus netos como se fosse seu filho até os seis anos, momento em que a mãe do pequeno tem condições de cuidar dele e o separa do avô, causando muito sofrimento.

O constante deslocamento espacial visto em *Lignes de faille* e o sentimento de pertencimento ou não-pertencimento, dele decorrente, também pode ser abordado como uma semelhança com a vida da autora já que, quando criança, ela se mudava constantemente em razão do trabalho do pai e, aos 15 anos, passa a morar nos Estados Unidos. Aos 20 anos vai para Paris, onde começa a escrever em francês. Essas mudanças serão tão significativas para a vida da autora quanto para a vida das personagens do romance, pois estarão na base do desenvolvimento de suas identidades - mesmo não sabendo como a viagem para a Alemanha afetou Solomon, percebemos como o desconforto de ser o "estrangeiro" muda as suas atitudes. Já Randall, com sua estadia em Haifa, aprende a tomar partido de sua nação, deixando-o mais próximo de um nacionalismo perigoso que caracterizará sua vida adulta. Morar com a mãe em Nova York deixará a pequena Sadie mais próxima de descobrir o mistério do passado de Kristina; além disso, sua identidade de filha de um judeu, vivendo em um bairro judaico, constituirá um modelo para sua vida adulta. E Kristina, com sua infância instável, é levada de sua família, mais uma vez, quando a entregam a ucranianos no Canadá, em substituição a sua família biológica.

Ainda que sejam complicadas, as situações não são apresentadas sob uma perspectiva negativa; as mudanças das personagens serão transformadoras, assim como as da vida da autora:

Nancy Huston privilegia os temas da representação da partida e do mal-estar em relação ao território em inúmeros outros textos centrados, em grande parte, em experiências familiares conflituosas. Famílias reconfiguradas, marcadas pelo temporário, pelas renúncias e pelas mudanças sucessivas desfilam ao longo da produção ficcional de Huston, para quem a experiência do deslocamento é

conhecida, desde a infância, como um convite às reinvenções identitárias para se renovar completamente. (ROCHA, 2013, p. 53, tradução nossa)¹⁶³.

Lignes de faille é um destes textos e os narradores-personagens caminham em direção à essa reinvenção identitária - como sugere a própria organização da narrativa, que evidencia a importância da infância na construção da identidade. No entanto, a autora não pretende narrar sua história de vida através da vida desses personagens; ela cria personagens complexos para lidar com situações igualmente complexas. Huston, tendo ela mesma uma infância incomum confessa, em uma entrevista, não criar uma narrativa visando preencher os vazios deixados pela ausência da mãe e, diferentemente do que se poderia imaginar, ela não se vê na triste personagem de Sadie, muito pelo contrário:

Eu era as quatro crianças de meu romance *Lignes de faille*: perversa e cruel como Sol, perplexa e nervosa como Randall, extremamente triste e irritada como Sadie, eufórica e alegre como Kristina. Senti tudo isso, como muitos entre nós. Na verdade, nós somos muito mais complexos do que nas histórias contadas sobre nossas vidas, a nós mesmos e aos outros. Tomamos como hábito nos descrever sob certos aspectos e não sob outros. Construímos a narrativa de nossa vida e a retomamos de uma maneira que acreditamos ser lisonjeira, vitimizante ou coerente. Tento ser o mais justa possível, não exagerar meu lado melancólico: eu também era uma menininha alegre. (FRESNEL, 2012 p. 1, tradução nossa)¹⁶⁴.

Portanto, a multiplicidade é sempre a forma de contar de Nancy Huston; ela nunca procura reduzir a variedade de sentimentos, percepções, contradições que fazem parte do ser humano, incluindo ela mesma. Da mesma forma, os temas abordados em suas obras, em especial em *Lignes de faille*, não escondem o que há de ruim no ser humano - sentimos um profundo incômodo com o personagem Sol, espantamo-nos com a realidade dos centros *Lebensborn* e com os sequestros de crianças durante a Segunda Guerra - e, justamente por isso, há muita razão em narrá-los, sobretudo porque, como

¹⁶³ Nancy Huston privilégie les thèmes de la représentation du départ et du malaise envers le territoire dans de nombreux autres textes centrés, en grande partie, sur des expériences familiales conflictuelles. Des familles reconfigurées, marquées par le temporaire, par les renoncements et par les départs successifs défilent au long de la production fictionnelle d'Huston, pour qui l'expérience du déplacement est connue, depuis l'enfance, comme une invitation aux réinventions identitaires pour se faire peau neuve.

¹⁶⁴ J'étais les quatre enfants de mon roman *Lignes de faille* : perverse et cruelle comme Sol, perplexe et nerveuse comme Randall, extrêmement triste et en colère comme Sadie, euphorique et joyeuse comme Kristina. J'ai connu tout ça, comme beaucoup d'entre nous. En fait, nous sommes beaucoup plus complexes que dans les histoires qu'on raconte sur notre vie, à soi ou aux autres. Nous prenons l'habitude de nous décrire sous certains aspects et pas d'autres. Nous construisons le récit de notre vie et le retraçons d'une manière que nous estimons flatteuse, victimaire ou cohérente. J'essaye d'être le plus juste possible, de ne pas exagérer mon côté mélancolique : j'ai aussi été une petite fille joyeuse.

diz Todorov: "As verdades desagradáveis - tanto para o gênero humano ao qual pertencemos quanto para nós mesmos - têm mais chances de ganhar voz e ser ouvidas numa obra literária do que numa obra filosófica ou científica" (TODOROV, 2009, p. 80).

A ausência da mãe é uma questão muito importante na biografia de Nancy Huston, tema também abordado em *Lignes de faille*, ainda que de forma menos traumatizante do que a vivenciada por Nancy, sua irmã e seu irmão. Sadie, criada pelos avós enquanto Kristina tenta trilhar sua carreira como cantora, sente o tempo todo essa ausência, mesmo nos presentes enviados pela mãe: "Odeio essas pantufas forradas e enormes, presente de Natal da minha mãe, um *presente* que para variar me fala da *ausência* dela: ela tinha um show no dia de Natal"(HUSTON, 2008, p. 145)¹⁶⁵. Em uma entrevista, Huston fala sobre as dificuldades da ausência/presença da mãe, e como ela se sentia ao se colocar no lugar da mãe:

Talvez ela estivesse sofrendo tanto que disse a si mesma: "Quanto mais distante eu estiver, menos sofrerei"? Ela ergueu muros em seu cérebro, mas eles se furavam a cada vez que nós nos encontrávamos com ela. Nessa falha, passava um oceano de ternura, de bondade, de brandura, de amor. E cada vez, a dor da falta que se seguia era aumentada dez vezes. (FRESNEL, 2012 p. 2, tradução nossa)¹⁶⁶.

Sadie fala sobre a mãe nos mesmos termos: "(Nem preciso dizer que a intensidade da presença da minha mãe torna ainda mais insuportável a sua ausência na minha vida)"(HUSTON, 2008, p. 164)¹⁶⁷. Sadie, entretanto, estava a poucos meses de ir viver com a mãe enquanto, fora da ficção, Nancy Huston passou a vida encontrando formas de entender e conviver com essa ausência.

No entanto, não são somente os indícios das experiências dolorosas da infância de Huston que encontraremos no romance; ela também dá voz aos seus pensamentos através dos personagens, como no exemplo encontrado por Vouardoux (VOUARDOUX, 2011, p. 77). Em uma entrevista, a autora diz: "Se cada objeto tem dois nomes, isso muda o mundo no qual se vive"(BISSON, 2010, p. 14, tradução

¹⁶⁵ J'ai horreur de ces grosses pantoufles fourrées, cadeau de Noël de ma mère, un *présent* qui comme d'habitude me parle de son *absence* : elle avait un concert le jour de Noël. (HUSTON, 2006, p. 254)

¹⁶⁶ Peut-être souffrait-elle tellement qu'elle s'est dit : « Plus je mettrai de distance, moins je souffrirai... » ? Elle s'est érigé un mur dans son cerveau, mais il se trouait chaque fois que nous la retrouvions. Dans la faille, passait un océan de tendresse, de gentillesse, de douceur, d'amour. Et chaque fois, la douleur du manque qui s'ensuivait était décuplée.

¹⁶⁷ (Il va sans dire que l'intensité de la présence de ma mère rend d'autant plus insupportable sa rareté dans ma vie.)(HUSTON, 2006, p. 290)

nossa)¹⁶⁸. Em *Lignes de faille*, Randall diz: "O mundo não é exatamente o mesmo quando cada objeto tem dois nomes diferentes." (HUSTON, 2008, p. 114)¹⁶⁹. A experiência da língua estrangeira sempre terá a atenção da autora que, aos seis anos de idade, como Randall, também tem seu mundo transformado pelo aprendizado de uma língua. A confiança do pequeno Randall ao começar uma nova vida em Haifa, aumentada pela atenção recebida de todos na escola por ser americano, ainda pode ser relacionada ao sentimento de confiança ganhado por Huston aos seis anos, ao passar uma temporada na Alemanha, na casa de sua futura madrasta:

Logo eu também não era mais eu mesma. Não só o meu nome era pronunciado de uma outra maneira, mas subitamente me tornei mais amável, mesmo aos meus próprios olhos. Eu não era mais a filha que *Mommy* tinha abandonado, era aquela que *Mutti* acabava de ganhar. Veja o truque. Veja a magia. Língua estrangeira, nova identidade: a outra, a antiga, foi jogada fora, rejeitada nas trevas do passado, no inferno. (HUSTON, 1996a, p. 265-266, tradução nossa)¹⁷⁰.

Assim como a pequena Nancy, as personagens de *Lignes de faille* se sentem transformadas pelas novas identidades que assumem, não só ao aprenderem línguas estrangeiras como Randall e Kristina, mas também ao se integrarem a uma família como acontece com Sadie, quando passa a fazer parte do casamento de sua mãe com o empresário desta. No momento em que descobre que vai morar com sua mãe e seu novo pai, deixando a entediante casa dos avós, Sadie diz: "Um manto aveludado de alegria cai por cima de mim, como um deus suspirando de bem-estar"(HUSTON, 2008, p. 185)¹⁷¹.

Em *A espèce fabuladora*, Huston diz: "Atribuir nomes: magia"(HUSTON, 2010, p. 30). E completa: "Uma vez que o nome foi dado, ele se torna realidade" (HUSTON, 2010, p.31). Os narradores-personagens de *Lignes de faille* também passam por esse processo mágico e, como na realidade, os nomes atribuídos a eles não serão escolhidos ao acaso e vazios de sentido. Para Nancy, cujo nome e nome do meio, Louise, vem de suas avós, um nome é investido de sentido e, a partir do momento em que nós começamos a relacionar aqueles sons conosco, eles contribuirão para a

¹⁶⁸ Si chaque objet a deux noms, cela change le monde dans lequel vous vivez.

¹⁶⁹ Le monde n'est pas exactement le même quand chaque objet a deux noms différents. (HUSTON, 2006, p. 198)

¹⁷⁰ Bientôt je n'étais plus moi-même non plus. Non seulement on prononçait mon nom d'une autre façon, mais j'étais brusquement plus aimable, même à mes propres yeux. Je n'étais plus la fille que *Mommy* avait abandonnée, j'étais celle que *Mutti* venait d'acquérir. Vous voyez le tour de passe-passe. Vous voyez la magie. Langue étrangère, nouvelle identité : l'autre, l'ancienne, est jetée à la poubelle, rejetée dans les ténèbres du passé, dans l'enfer.

¹⁷¹ Une chape de bonheur velouté me tombe dessus, comme un dieu soupirant d'aise. (HUSTON, 2006, p. 329)

construção de nossas identidades: "O nome de uma pessoa, por exemplo, é um elemento primário em sua biografia; práticas sociais de nomear, o quanto os nomes exprimem relações de parentesco, se os nomes são ou não mudados em certos estágios da vida - todas essas coisas diferem entre as culturas." (GIDDENS, 2002, p. 57).

A relação entre os nomes dos personagens e suas experiências narradas no romance não é arbitrária, como mostra Nubia Hanciau: "As crianças têm nomes, e como os romances de Huston, eles não são inocentes: Sol brilha como o sol; Randall (que se ouve random em inglês "acaso") conduzirá o leitor até Israel; Sadie é uma menininha triste (sad), e Kristina, como Cristo, é abençoada"(HANCIAU, 2009). Uma análise aprofundada dos nomes e símbolos relacionados a eles é feita por Pinho (2010); resumiremos algumas dessas questões tratadas por ela em sua dissertação.

Pinho analisa o nome de Solomon/Sol a partir de duas vertentes: a imagem do sol como símbolo e o rei bíblico Solomon (Salomão). Ambos são duplos, o sol sendo símbolo tanto da vida, quanto da destruição e morte; Salomão sendo um rei sábio por ter recebido as graças de Deus mas que, ao se afastar Dele, é punido, sendo despojado de sua sabedoria.

Solomon, assim como a personalidade bíblica e o guerreiro solar, anseia por sabedoria e poder. A duplicidade dos símbolos está presente na personagem. Ser sábio e poderoso para "iluminar os cantos escuros do universo" e destruir qualquer manifestação contrária aos seus desejos. Ele nasce do mundo obscuro e real que caracteriza a sociedade norte-americana atual. Sol não é nada mais que a representação desse mundo, que já não nos choca tanto, mas ao colocá-lo na voz e na vida de uma criança de seis anos, Nancy Huston prova que o mundo ainda pode nos aterrorizar e que não podemos nos acostumar com tudo isso. (PINHO, 2010, p. 38-39)

Continuando suas análises, em relação a Randall, Pinho se debruçará sobre o significado do nome da marca de infância do menino, o morcego - ou *atalef*. Segundo ela, na imagem do morcego está presente o medo da morte, a escuridão, que se opõe à luz da infância: "Nas imagens ambivalentes de sua narrativa, Randall esforça-se para vencer o universo profano, porém a imagem do morcego mostra o destino selado do pequeno personagem: a morte simbólica da infância." (PINHO, 2010, p. 50). Esse mesmo "morcego" será responsável por pressagiar o massacre de Sabra e Chatila, portanto, por anunciar as coisas ruins que se abateriam sobre Randall e sua família.

Sobre o nome de Sadie, ela faz algumas considerações pertinentes, que acrescentam à imagem de tristeza da menina: "Com o mundo interior ferido, a auto

percepção reflete a própria dor: Sadie apreende que seu nome soa como *sadist* (sádico), contendo, igualmente, a palavra *sad* (triste). O nome dado pela mãe passa a carregar as características que definem a indiferença dos avós e a condição emocional da menina" (PINHO, 2010, p.70-71).

Finalmente, a análise do nome Erra menciona argumentos que contribuem para uma visão diferente de Kristina. Ao esconder seu passado de sua família, ela acaba dificultando o desenvolvimento de seus familiares, sobretudo de sua filha Sadie, que não acredita ser possível construir seu futuro sem saber sobre suas raízes. Protegendo-se e tentando proteger sua família dos fatos dolorosos de sua vida, Kristina acaba fazendo Sadie infeliz. Sobre o nome "Erra", Pinho explica:

Erra pode aludir ao épico “Poema de Erra” (aprox. 1000 AC) da literatura religiosa da mesopotâmia. Deus das pragas e das revoltas políticas, Erra é convocado por *Išum* e *Sibitt*, filhos do céu e da terra, para impedir a invasão estrangeira na Babilônia. Os visitantes são dizimados nos portões da cidade e Erra assume o trono babilônico. Com a forma do leão, o deus Erra é ambíguo; é poderoso e sábio, mas “cego pela própria luz, se torna um tirano, crendo-se protetor” (Chevalier & Gheerbrant, 2007, p. 538). (PINHO, 2010, p. 117).

No entanto, nosso maior interesse em relação aos nomes reside no efeito transformador que eles podem ter - como para Sadie, ao aprender que seu nome significa princesa em hebraico e não precisa só lembrá-la de tristeza e sadismo; e sobretudo, para Janek e Kristina que, ao atribuírem seus próprios nomes para que possam se reencontrar - Lude e Erra - assumem a responsabilidade sobre seus futuros.

Quanto a Solomon, apesar de não fazer parte dessas personagens em que veremos modificações consideráveis, pois só sabemos dele enquanto criança, também podemos observar semelhanças entre sua família e a de Nancy Huston. Em relação à religião, ambas as famílias foram constituídas por membros de credos diferentes, decidindo por um terceiro, ao criarem seus filhos. Sol explica que a mãe veio de um família católica, enquanto o pai teve uma educação judaica, e conclui: "daí quando a mamãe e ele se apaixonaram, decidiram fazer concessões mútuas e acabaram optando pela igreja protestante, o que lhes dá o direito ao planejamento familiar."(HUSTON, 2008, p. 19)¹⁷². Já na família Huston, Nancy expõe, em *A espécie fabuladora*, os

¹⁷² [...] alors quand lui et maman sont tombés amoureux ils ont décidé de couper la poire en deux et ils se sont mis d'accord sur l'Eglise protestante ce qui leur donne droit au planning. (HUSTON, 2006, p. 24)

caminhos pelos quais ela passou até chegar a uma forma de compreensão de sua religião:

Tendo o meu pai nascido em uma família metodista e a minha mãe em uma família presbiteriana, eles decidiram fazer um acordo: os três filhos foram batizados numa terceira igreja, a unitariana. Depois do divórcio, meu pai casou-se com uma católica; segundo acordo, rebatismo das três crianças, dessa vez na Igreja anglicana. Alguns anos depois da minha primeira comunhão, fiz um curso de filosofia e perdi a fé; mais tarde, o meu pai se converteu ao budismo, e cada um dos outros filhos seguiu uma linha espiritual diferente. Por sorte, pude entender muito cedo o caráter fictício de toda pertença religiosa. (HUSTON, 2010, p. 37)

Mesmo a experiência religiosa de Nancy Huston a impulsiona a entender que as coisas do mundo não devem ser encaradas a partir de um ponto de vista somente; toda sua história de vida parece levá-la a produzir o tipo de obra analisado aqui: um romance com múltiplas vozes, com personagens falando a partir de sua infância, desvendando-nos suas experiências transformadoras, as quais também transformam os leitores.

A infância, inclusive, é uma das principais facetas que poderiam ser usadas para olhar para um romance com a complexidade de *Lignes de faille*, como o faz Sara Maria Pinho, em sua dissertação *Visões de criança, história de adultos: uma leitura de Fault Lines*, de Nancy Huston. Justificando essa escolha da autora por dar voz às crianças, Pinho comenta:

São crianças que narram e a sua correspondência com a história é evidente, ao mesmo tempo, dialogam com o presente do leitor. Ocorre que não nos impressionamos mais com tanta facilidade. A televisão, os jornais e a mídia interativa inundam nosso cotidiano com fotos, vídeos e depoimentos dos crimes cometidos diariamente e acostumam nosso olhar ao horror. O sofrimento de uma criança tem o poder de quebrar essa ausência involuntária de sensibilidade. A fragilidade do olhar e a força do discurso que precisa ser lido antes que seja tarde demais e nos acostumemos de uma só vez à violência. É a forma encontrada por Nancy Huston de nos fazer lembrar do horror pretérito através da arte e livre das banalidades impressas pelo presente. (PINHO, 2010, p. 25).

Desconcertar o leitor a ponto de lembrá-lo não somente dos horrores do passado, mas também dos perigos oferecidos na era da informação a um clique, tudo isso é oferecido aos nossos olhos como leitores do romance.

Porém, Huston não nos deixa somente com imagens desconcertantes e desesperançadas sobre o futuro; no último episódio relacionado aos aspectos

autobiográficos, ao ligarmos a viagem de Nancy Huston para a casa de sua futura madrasta, na Alemanha, com a viagem para a casa de Greta narrada por Sol, podemos pensar que nem tudo parece estar perdido para Sol. Sendo uma personagem muito difícil de ser tolerada, Sol parece estar fadado a ser um adulto megalomaniaco e frustrado, pois o mundo não estará aos seus pés como ele espera. Mas, pelos indícios deixados por essa situação também vivida e contada por Huston, a autora parece nos dizer: "eu também passei por isso, e por muitas outras coisas, contudo, seguindo o conselho de meu mentor Romain Gary, sempre se deve manter a esperança".

Em *Nord perdu*, Huston conta sobre sua viagem interminável para a Alemanha - mesmo adjetivo usado por Tess para descrever e justificar a razão das reclamações de Sol durante a viagem. A casa da madrasta da autora também ficava em um pequeno povoado, além de ser numa escola, onde um dos adultos lecionavam - o futuro avô da pequena Nancy e o pai da pequena Kristina - assim como na casa habitada por Greta desde quando era criança. Recebidos com um banquete onde tudo parece estranho, Sol e Nancy serão consolados com uma caixa de cereais. Ainda que os dois episódios sejam tão parecidos, a caixa de cereal terá significados muito diferentes: para Sol, trata-se de somente mais uma vez que a mãe permite ao garoto comer conforme suas manias nada saudáveis para uma criança de seis anos; para a pequena Nancy, aquela será uma das melhores refeições de sua vida pois, em um lugar onde tudo lhe era estrangeiro, Wilma, a irmã de sua madrasta, lhe oferece algo tão familiar. A experiência de Sol:

Sobre a mesa posta: dezenas de coisas que eu não posso comer. Frios emoldurados de gorduras, pepinos em conserva e rabanetes, ovos mimosa, queijos fedorentos, salada de batatas com cebolas, pão preto e duro... Por sorte, ao passar pela cozinha, a mamãe nota uma caixa de cereais matinais e ela pergunta à Greta se eu posso comer uma tigela de cereais, sabendo que diante de uma desconhecida o papai não teria coragem de contrariá-la com relação ao meu regime alimentar. (HUSTON, 2008, p. 72)¹⁷³.

E Nancy Huston:

Minha nova avó tinha preparado um banquete para nós: frios diversos e inéditos (língua, patê de fígado, Sülze), saladas de repolho e de beterraba, ovos em conserva, pães pretos, queijos duros e miasmáticos...[...] Quase no fim da refeição, levantando-se furtivamente, ela [Wilma] vestiu seu casaco e saiu da casa. Uma hora mais tarde, quando já estava escuro e os

¹⁷³ Sur la table dressée : des dizaines de choses que je ne peux pas manger. Charcuteries marbrées de gras, cornichons et radis, oeufs mimosa, fromages puants, salade de pommes de terre aux oignons, pain noir et dur... Par bonheur, en passant par la cuisine maman a aperçu une boîte de corn-flakes et elle demande à Greta si je peux manger un bol de ces céréales, sachant que devant une inconnue papa n'osera pas la contrarier au sujet de mon régime alimentaire. (HUSTON, 2006, p. 123)

convivas tinham se dispersado há um bom tempo, ela voltou com um sorriso triunfante no rosto e, nas mãos, uma caixa de cereais Kellogg's. Ela havia andado cinquenta quilômetros de carro para comprá-la. (HUSTON, 1999a, p. 75, tradução nossa)¹⁷⁴.

Como tudo é mais fácil para Sol, ao imaginarmos seu crescimento, não deixamos de pensar que demorará até ele entender e receber um gesto como o de Wilma. Mas Nancy Huston não deixa de imaginar que coisas boas podem acontecer até o pequeno Sol se tornar um adulto, como lemos em uma de suas entrevistas:

Acho que o interessante a respeito da espécie humana é o fato que somos imprevisíveis. Mesmo sabendo que somos definitivamente influenciados pela família em que crescemos, pelo país, pela cultura, pela religião, pela História, e tanto mais, nós ainda somos imprevisíveis. É como a idéia de que mesmo que você saiba que haverá um terremoto, um terrível abalo sísmico, você não tem como saber a trajetória dos destroços. E portanto, embora Sol pareça um pequeno monstro agora, ele terá uma série de choques de realidade quando entrar na escola, a escola de verdade e não o jardim de infância. De alguma forma isso o fará descer à Terra. Você nunca sabe. No período de alguns anos ele poderá ter um fantástico professor que pode despertar nele um interesse apaixonado em ciências ou algo do tipo, ele pode na adolescência conhecer uma mulher maravilhosa que o faça ver que seu comportamento quando criança era algo assustador e o faça dar os passos necessários para corrigir isso, ele pode fazer psicoterapia, seria difícil, agora, prever que tipo de pai ele seria no futuro. Talvez em 2025 eu escreva um novo capítulo e então saberemos. (MOREIRA, 2008, p. 12)

Huston cria um universo ficcional vasto, juntando inúmeros elementos e personagens que, apesar de serem, como Solomon, às vezes assustadoramente adultos e até perversos, não estão fadados a seguirem sempre o mesmo caminho; o mundo retratado por ela não deixa de ser sombrio, mas podemos entrever raios de esperança.

¹⁷⁴ [...] ma nouvelle grand-mère nous avait préparé un festin : charcuteries diverses et inouïes (langue, pâté de foie, fromage de tête), salades de choux et de betteraves, oeufs au vinaigre, pains noirs, fromages durs et miasmatiques...[...]

Vers la fin du repas, se levant subrepticement, elle a enfilé son manteau et quitté la maison. Une heure plus tard, alors qu'il faisait nuit noire et que les convives s'étaient depuis longtemps dispersés, elle est revenue avec, sur le visage, un sourire triomphal...et, dans la main, une boîte de Kellogg's corn flakes. Elle avait fait cinquante kilomètres en voiture pour les acheter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi elaborar uma leitura do romance *Lignes de faille*, de Nancy Huston, a partir das questões centrais abordadas em sua construção: história, identidade e língua. Para tanto, partimos de uma introdução que permite o conhecimento e entendimento do complexo enredo dessa narrativa não cronológica, seguida por nossas análises pontuais, que levam sempre em consideração os textos de ensaios e reflexões da autora.

No primeiro capítulo, pudemos observar o uso crítico da História feito por Nancy Huston e construir uma interpretação do romance como metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1991). A apresentação dos fatos históricos abordados é feita de forma a construir uma complexa imagem que não tem como objetivo esgotar todos os aspectos destes, mas sim abrir uma reflexão para que esses fatos sejam lembrados e reconsiderados criticamente.

O entrelaçamento de Literatura e História nos permite apreender o quão permeáveis elas são, posto que construções humanas. Nossa proposta nesse trabalho, pensar a História a partir da ficção, mesmo que de um ponto de vista não totalizante ou fechado, ainda teve um objetivo claro, que podemos pensar como as ideias de Nancy Huston sobre as funções da ficção:

Contrariamente às nossas ficções religiosas, familiares e políticas, a ficção literária não nos diz onde está o bem nem onde está o mal. A sua missão ética é outra: mostrar-nos a *verdade* dos humanos, uma verdade sempre mista e impura, tecida de paradoxos, questionamentos e abismos. (Assim que um autor nos impõe a sua visão do bem, ele trai a sua vocação romanesca e o seu livro se torna ruim.) (HUSTON, 2010, p. 132-133)

Dessa forma, nosso propósito não foi impor uma leitura, mas trazer nossa própria interpretação do romance, que pretendia resgatar os fatos históricos abordados e observar como eles se combinam para construir uma verdade que não se pretende absoluta, e através dessa consciência, refletir sobre como todas as verdades humanas, inquestionáveis no senso comum, são somente verdades construídas a partir de um ponto de vista, de uma interpretação.

A própria identidade das personagens tem grande importância no que diz respeito às reflexões levantadas pelo romance. Portanto, no segundo capítulo,

consideramos a construção da identidade de cada narrador-personagem, segundo o conceito de sujeito pós-moderno de Hall (1999) e, também, as reflexões de Huston sobre identidade em *A espécie fabuladora* (2010). Com isso, foi possível notar como a particular organização não cronológica do romance nos permite observar com clareza a construção da identidade das personagens, dos elementos que marcarão e moldarão as personagens ao longo da vida, e também como a infância é primordial nesse processo.

As marcas de nascença dos personagens são um símbolo não só de como o passado da família influencia e afeta cada geração, mas também um lembrete de como cada personagem se relaciona com o mundo: para Kristina, que se lembra de Janek e de sua promessa de criança, ela será uma marca de superação de todas as dificuldades de sua vida; Sadie sempre escondeu sua marca de infância, e ela continuará reprimindo muitos sentimentos ao escolher revelar o passado da mãe com seus trabalhos acadêmicos e afastar-se do relacionamento com ela; Randall se esquecerá da relação especial com sua marca, só se lembrará dela para evocar o afeto compartilhado com sua avó Kristina, pois do contrário ela será lembrança de Haifa e Nouzha, e de como ele se distanciou daquilo que o pequeno Randall poderia ter sido; Sol, por querer sempre se apresentar perfeito ao mundo, vê sua marca como um defeito. Entretanto, essas marcas simbolizam, ainda e sobretudo, a importância do passado como formação do presente, e a forma como olhamos para o passado, nostálgica ou questionadora, influencia não só quem somos no presente, mas também quem seremos no futuro.

Nesse sentido, História e identidade se conectam, pois são narrativas sempre em construção, elaboradas a partir de diferentes pontos de vista, levando sempre em conta o passado, e o romance nos faz conscientes disso, de que elas não são verdades absolutas e fechadas e o seu questionamento se faz não só necessário, mas também enriquecedor para toda e qualquer experiência humana.

Ao delinear nossa trajetória pela história dessa família, não poderíamos deixar de fazer uma incursão nas questões linguísticas, praticamente onipresentes na obra de Huston. Foi o que fizemos no capítulo três, tendo como principal aporte teórico a obra e a biografia de Nancy Huston. Este veio para nos mostrar como identidade e língua se entrelaçam, mas também, como as línguas estrangeiras podem ser um novo mundo, trazendo possibilidades de mudança e crescimento. E também como as reflexões são relativas a ambas - a narrativa e a biografia de Huston -, elas têm uma força muito maior pois juntam realidade e ficção.

Realidade e ficção também se combinam no capítulo quatro, em que analisamos o romance do ponto de vista do romance autobiográfico, segundo Lejeune (1975). Mostramos como *Lignes de faille*, assim como a identidade de seus personagens e autora se inserem em um entre-lugar, conceito apresentando por Bhabha (1998), enriquecemos e aprofundamos nossa leitura.

Com todas essas análises, percebemos como o romance *Lignes de faille* toca profundamente em inúmeras questões humanas, e Nancy Huston cria uma narrativa aberta a novas interpretações e reflexões. Seu objetivo de fazer uma ficção livre de doutrinações é alcançado, o que não deixa o romance menos rico em momentos de identificação e empatia pelos personagens, de revisitações críticas ao passado e questionamentos acerca das *verdades* - sempre plurais, mutáveis - da vida humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Maria Pereira. A língua estrangeira na construção de identidades. *Cadernos Neolatinos* (UFRJ), v. 5, p. 5, 2006. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a5n5/estlin/claudia_almeida.pdf>. Acesso em: 01 mar 2016.

ANDERSON, Perry. *As Origens da Pós-Modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ARGAND, Catherine. « Entretien : Nancy Huston ». *Lire*, 2001, n° 293, p. 31-35.

BABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BEZERRA, Julio. Nós, sujeitos autobiográficos: uma história de narradores, romancistas e 'cineastas do eu'. *Contracampo*, n. 6, 2007, Niterói/RJ, p. 199-224.

BISSON, Julien. « Nancy Huston à la recherche de l'innocence perdue ». *Lire*, Supplément septembre (2010), p. 14.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

CHAUÍ, Marilena. A linguagem. In: _____. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 147-156.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. 5ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Trad. Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELKAÏM, Kerenn. Nancy Huston : "On ne naît ni homme ni femme". *Le Vif*. Bruxelles, 22/06/12. Disponível em:< <http://www.levif.be/actualite/belgique/nancy-huston-on-ne-nait-ni-homme-ni-femme/article-normal-165615.html>> Acesso em: 05 abr 2016.

FLORY, Elizabete V.; SOUZA, Maria Thereza C. C. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. *Revista Intercâmbio*, volume XIX: 23-40, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP.

FRESNEL, Hélène. Nancy Huston : Plus les femmes sont autonomes, plus elles deviennent objets. *Psychologies*. Mai 2012. Disponível em:< <http://www.psychologies.com/Culture/Savoirs/Litterature/Interviews/Nancy-Huston-Plus-les-femmes-sont-autonomes-plus-elles-deviennent-objets>> Acesso em: 05 abr 2016.

FREY, Pascale. Nancy Huston, la musique des mots. Rev. of *Prodige*, by Nancy Huston. *Lire*. mai 1999. Disponível em:< http://www.lexpress.fr/culture/livre/nancy-huston-la-musique-des-mots_803204.html> Acesso em: 05 abr 2016.

GARY, Romain. *Les racines du ciel*. Paris: Gallimard, 1956.

_____. *Pour Sganarelle*. Paris: Gallimard, 1965.

_____. *La vie devant soi*. Paris: Mercure de France, 1975.

_____. *Pseudo*. Paris: Mercure de France, 1976.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GRAVELINE, Christopher; CLEMENS, Michael. *The Secrets of Abu Ghraib Revealed: American Soldiers on Trial*. Washington D.C: Potomac Books, 2010.

GUARINO, Angelina. *La réinvention de la maternité dans l'oeuvre de Nancy Huston*. Mémoire de maîtrise. Département des littératures de langue française, Université de Montréal, 2009, 111 f.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HANCIAU, Nubia Jacques. Escrituras e migrações: reflexões teóricas. In: *Mobilidades culturais: agentes e processos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUSTON, Nancy. *Lignes de faille*. Arles: Actes Sud, 2006.

_____. *Marcas de nascença*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *Dire et interdire : éléments de jurologie*. Paris: Payot, 1980.

_____. *Les Variations Goldberg*. Paris: Seuil, 1981.

_____. *Histoire d'Omayya*. Paris: Seuil, 1985.

_____. *The Story of Omayya*. London: Women's Press, 1987.

_____. *Journal de la création*. Arles: Actes Sud, 1990.

_____. *Plainsong*. New York: Harper Collins, 1993.

_____. *Cantique des plaines*. Paris: Seuil, 1993.

_____. *La virevolte*. Arles: Actes Sud, 1994.

_____. *Tombeau de Romain Gary*. Arles: Actes Sud, 1995.

_____. *Desirs et réalités*. Arles: Actes Sud, 1996a.

_____. *Instruments des ténèbres*. Paris: J'ai lu, 1996b.

_____. *L'empreinte de l'ange*. Arles: Actes Sud, 1998.

_____. *Nord perdu: suivi de Douze France*. Arles: Actes Sud, 1999a.

_____. *Prodige*. Arles: Actes Sud, 1999b.

_____. *Professeurs de désespoir*. Arles: Actes Sud, 2004a.

_____. *Âmes et corps. Textes choisis 1981-2003*. Arles: Actes Sud, 2004b.

_____. Israël, Palestine à mots ouverts. *Libération*, Paris, 21 mars 2005. Disponível em: < http://www.liberation.fr/debats/2005/03/21/israel-palestine-a-mots-ouverts_513615> Acesso em: 01 mar 2016.

_____. *Fault Lines*. New York: Black Cat, 2008.

_____. *A espécie fabuladora*. Trad. Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *Ultraviolet*. Paris: Thierry Magnier, 2011.

_____. *Lignes de faille*. Paris: J'ai lu, 2011.

_____. *Bad girl: Classes de littérature*. Arles: Actes Sud, 2014.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

IEZZI, Anna Rita, *La pensée en narrations : différence sexuelle et poétique de la relation chez Nancy Huston*. (Thèse de doctorat). Université Paris 8, 23 septembre 2013, sous la direction de Nadia Setti.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Editions du Seuil, 1975.

MOREIRA, André. Infâncias indefesas. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre, 02/02/2008, p. 12-13. Donna ZH.

NICHOLAS, Lynn H. *Cruel world: the children of Europe in the Nazi web*. New York: Random House, 2009.

PINHO, Sara Maria Maio Ezedin. *Visões de criança, história de adultos: uma leitura de Fault Lines, de Nancy Huston*. Porto Alegre, 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Artes.

POWELL, David A. Dimensions narratives et temporelles du jeu musical dans trois romans de Nancy Huston. *Francophonies d'Amérique*, n°11, 2001, p. 49-64.

QinetiQ North America. *Talon: Fast, Mobile, and Specialized*. Disponível em: <<https://www.qinetiq-na.com/products/unmanned-systems/talon/>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

RINNÉ, Noelle. «La tierce langue de Nancy Huston». *Meta:journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, vol. 49, n° 6, 2004.

ROCHA, Vanessa Massoni da. « Les enjeux de la mémoire du pays natal chez Nancy Huston ». *Études canadiennes / Canadian Studies* [En ligne], 74, 2013. Disponível em:< <http://eccs.revues.org/244>>. Acesso em: 01 março 2016.

SILBER, Antoine. Une journée avec Nancy Huston. *Elle*. 26 avr 2007. Disponível em: <[http://www.elle.fr/elle/people/la-vie-des-peoples/une-jour-nee-avec/une-journee-avec-nancy-huston/\(gid\)/106827](http://www.elle.fr/elle/people/la-vie-des-peoples/une-jour-nee-avec/une-journee-avec-nancy-huston/(gid)/106827)>. Acesso em: 01 mar 2016.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2 ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

TUCKER, Spencer C.; ROBERTS, Priscilla (Ed.). *The Encyclopedia of the Arab-Israeli Conflict: A Political, Social, and Military History*. v. 1. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008.

VOUARDOUX, Amélie. *Là où plus rien ne va de soi : le rôle des langues étrangères dans l'univers romanesque de Nancy Huston*. Mémoire (Licence). Université de Lausanne, Faculté des lettres, 91 p., 2011.